



Universidades Lusíada

Swinnerton, Andrew Hugh, 1950-

Música e desenvolvimento : a importância da educação musical para a pessoa com deficiência mental

<http://hdl.handle.net/11067/2493>

Metadados

Data de Publicação	2016-06-24
Resumo	É um facto que há uma reação positiva de quase todas as pessoas portadoras de deficiência à experiência de ouvirem e apreciarem música, e que com o estímulo profissional adequado podem obter-se resultados muito encorajadores. Este estudo pretende realçar os efeitos paliativos da música nas pessoas com deficiência mental e mostrar como esta contribui de forma significativa para o seu bem-estar , podendo mesmo “abrir portas” para aquisições e aprendizagens geralmente assumidas como inatingíveis....
Palavras Chave	Música para doentes mentais, Doenças mentais - Tratamento, Música - Instrução e estudo
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCHS] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-26T19:47:26Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

METROPOLITANA

ACADEMIA NACIONAL SUPERIOR DE ORQUESTRA

ACADEMIA NACIONAL SUPERIOR DE ORQUESTRA

Mestrado em Ensino de Música

Música e desenvolvimento: a importância da educação musical para a pessoa com deficiência mental

Realizado por:
Andrew Hugh Swinnerton

Orientado por:
Prof.^a Doutora Luzia Aurora Valeiro de Sousa Rocha

Constituição do Júri:

Presidente:	Prof. Doutor Carlos César Lima da Silva Motta
Orientadora:	Prof. ^a Doutora Luzia Aurora Valeiro de Sousa Rocha
Arguente:	Prof. ^a Doutora Teresa Paula Rodrigues de Oliveira Leite Maurer
Vogal:	Prof. Doutor Ricardo Nuno Futre Pinheiro

Dissertação aprovada em: 21 de Junho de 2016

Lisboa

2015



METROPOLITANA
ACADEMIA NACIONAL SUPERIOR DE ORQUESTRA

UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

ACADEMIA NACIONAL SUPERIOR DE ORQUESTRA

Mestrado em Ensino de Música

**Música e desenvolvimento:
a importância da educação musical para a pessoa
com deficiência mental**

Andrew Hugh Swinnerton

Lisboa

Abril 2015



METROPOLITANA

ACADEMIA NACIONAL SUPERIOR DE ORQUESTRA

UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

ACADEMIA NACIONAL SUPERIOR DE ORQUESTRA

Mestrado em Ensino de Música

**Música e desenvolvimento:
a importância da educação musical para a pessoa com
deficiência mental**

Andrew Hugh Swinnerton

Lisboa

Abril 2015

Andrew Hugh Swinnerton

Música e desenvolvimento:
a importância da educação musical para a pessoa
com deficiência mental

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Lusíada de Lisboa e à Academia Nacional Superior de Orquestra para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Música.

Orientadora: Prof.^a Doutora Luzia Aurora Valeiro de Sousa Rocha

Lisboa

Abril 2015

Ficha Técnica

Autor Andrew Hugh Swinnerton
Orientadora Prof.^a Doutora Luzia Aurora Valeiro de Sousa Rocha
Título Música e desenvolvimento: a importância da educação musical para a pessoa com deficiência mental
Local Lisboa
Ano 2015

Mediateca da Universidade Lusíada de Lisboa - Catalogação na Publicação

SWINNERTON, Andrew Hugh, 1950-

Música e desenvolvimento : a importância da educação musical para a pessoa com deficiência mental / Andrew Hugh Swinnerton ; orientado por Luzia Aurora Valeiro de Sousa Rocha. - Lisboa : [s.n.], 2015.
- Dissertação de Mestrado em Ensino de Música, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Lusíada de Lisboa, em regime de associação com a Academia Nacional Superior de Orquestra.

I - ROCHA, Luzia Aurora Valeiro de Sousa, 1978-

LCSH

1. Música para doentes mentais
 2. Doenças mentais - Tratamento
 3. Música - Instrução e estudo
 4. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Teses
 5. Teses - Portugal - Lisboa
-
1. Music for people with mental disabilities
 2. Mental illness - Treatment
 3. Music - Instruction and study
 4. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Dissertations
 5. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. ML3920.S95 2015

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à minha família a motivação que me deu para trabalhar nesta dissertação. O seu apoio e encorajamento foram extraordinários. À minha orientadora, a Professora Luzia Rocha, que acompanhou o meu progresso com sugestões e comentários que foram fundamentais. À Irina Duarte, Catarina Graça, Joana Monteiro, Filipa Archer e meu filho Guy que me deram importante apoio técnico na realização do trabalho. Os meus agradecimentos à Margarida Vieira e ao Miguel Horta, bem como a Lidia Robertson, recentemente desaparecida, pela sua gentileza e estímulo no CAM. Ao Dr. Edgar Pereira da APPDA juntamente com o Prof. Rui Pais que foi incansável na sua ajuda. Ao Prof. Pedro Lopes, aos seus colegas de OCP e pessoal de enfermagem da CerciOeiras. À Irmã Ana Rosa e ao Prof. João Aleixo do Instituto da Imaculada pela sua generosidade. Ao Prof. Manuel Rocha, diretor do Conservatório de Coimbra e ao maravilhoso corpo de médicos e enfermeiros do Centro João Paulo II em Fátima. Finalmente a todos as pessoas excecionais que fizeram parte dos estudos de caso e que tornaram parte da minha vida enquanto as acompanhei. E finalmente mas em destaque à minha filha Andrea por ser a “razão de ser” deste trabalho.

“Where words fail, music speaks.”

(Hans Christian Andersen)

APRESENTAÇÃO

Música e desenvolvimento: A importância da educação musical para a pessoa com deficiência mental

Andrew Hugh Swinnerton

É um facto que há uma reação positiva de quase todas as pessoas portadoras de deficiência à experiência de ouvirem e apreciarem música, e que com o estímulo profissional adequado podem obter-se resultados muito encorajadores. Este estudo pretende realçar os efeitos paliativos da música nas pessoas com deficiência mental e mostrar como esta contribui de forma significativa para o seu bem-estar , podendo mesmo “abrir portas” para aquisições e aprendizagens geralmente assumidas como inatingíveis.

Palavras chave: Pessoa deficiente, Estímulo, Participação, Apresentação musical.

PRESENTATION

Music and dissemination: the importance of music education for the person with intellectual disability

Andrew Hugh Swinnerton

It is a proven fact that there is a positive reaction by almost all disabled persons to the experience of listening to and assimilating music, and that with the correct professional stimulus very encouraging results can take place. This study attempts to highlight the palliative effects of music on the mentally handicapped person and show that it can make an immense contribution to their well-being as well as by being able to “open doors” for further learning and achievement often perceived as unattainable.

Keywords: Disabled person, Stimulus, Participation, Musical performance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Vista da instituição APPDA-Lisboa (Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo, 2015).....	41
Ilustração 2 - Logotipo. (Cerci Oeiras, 2014).....	45
Ilustração 3 - Vista das instalações da CERCIOEIRAS. (Cerci Oeiras, 2014)).....	46
Ilustração 4 - Vista das instalações do Instituto. (Instituto da Imaculada, 2013).....	51
Ilustração 5 - Audição Musical na festa de Natal. (Instituto da Imaculada, 2013).....	53
Ilustração 6 - Vista do edifício CAM. (Fundação Calouste Gulbenkian, 2015).....	55
Ilustração 7 - Apresentação dos dados recolhidos após trabalho de mapeamento. (Ilustração nossa, 2015)	69
Ilustração 8 - Apresentação dos dados recolhidos após trabalho de mapeamento. (Ilustração nossa, 2015)	70
Ilustração 9 - Apresentação dos dados recolhidos após trabalho de mapeamento. (Ilustração nossa, 2015)	71
Ilustração 10 - Análise de dados das entidades associadas da FENACERCI. (Ilustração nossa, 2015).....	149
Ilustração 11 - Panorama da sala de Instrumentarium Baschet, Pauliana Pimentel. (Lopes, A. 2015)	161
Ilustração 12 - Panorama da sala de Instrumentarium Baschet, Pauliana Pimentel. (Lopes, A. 2015)	161
Ilustração 13 - Sessões musicais na Fundação Calouste Gulbenkian, Pauliana Pimentel. (Lopes, A., 2015)	161
Ilustração 14 - Sessões musicais na Fundação Calouste Gulbenkian, Pauliana Pimentel. (Lopes, A. 2015)	161
Ilustração 15 - Piano elétrico e tambor. (Ilustração nossa, 2015).....	162
Ilustração 16 – Guizeira. (Ilustração nossa, 2015)	162
Ilustração 17 – Xilofone. (Ilustração nossa, 2015).....	162
Ilustração 18 - Triângulo e bandolim. (Ilustração nossa, 2015)	162
Ilustração 19 - Reco-reco. (Ilustração nossa, 2015).....	162
Ilustração 20 - Clavas. (Ilustração nossa, 2015)	162
Ilustração 21 - Sessão musical no CerciOeiras. (Lopes, P., 2015).....	163
Ilustração 22 - Prof. João Aleixo do Inst. da Imaculada. (Ilustração nossa, 2015).....	163

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Respostas Sociais/Serviços	46
Tabela 2 - Entidades que oferecem Educação Musical.....	69
Tabela 3 - Entidades que desenvolvem atividades musicais.....	70
Tabela 4 - Perfil dos profissionais que desenvolvem as aulas/atividades de música ..	71
Tabela 5 - Levantamento das instituições estatais (ou com apoio estatal) com NEE na sua relação com a música	107
Tabela 6 - Levantamento das instituições estatais (ou com apoio estatal) com NEE na sua relação com a música por CAO.....	133
Tabela 7 - Levantamento das instituições estatais (ou com apoio estatal) com NEE na sua relação com a música - FENACERCI.....	142
Tabela 8 - Análise de dados das entidades associadas da FENACERCI.....	148
Tabela 9 - Modelo de grelha	157

SUMÁRIO

1. Introdução	17
2. Introdução teórica	19
2.1 Exploração do conceito no seu contexto histórico	20
2.2 A relevância da educação musical	25
2.3 Necessidades Educativas Especiais (NEE)	29
2.4 Tipos de NEE	30
2.5 Formação de professores de música para pessoas com NEE	30
3. Introdução às quatro instituições onde ocorreram os estudos de caso	37
3.1 APPDA – Lisboa	41
3.2 CERCIOEIRAS	45
3.3 O Instituto da Imaculada	51
3.4 Centro de Arte Moderna (CAM)	55
4. Educação musical para pessoas com necessidades especiais em Portugal – mapeamento nacional	65
5. Conclusão	73
Referências	77
Bibliografia	83
Apêndices	85
Lista de apêndices	87
Apêndice A	89
Apêndice B	105
Apêndice C	151
Apêndice D	155
Apêndice E	159

1. INTRODUÇÃO

A informação recolhida e formulada neste trabalho encontra-se assente em três eixos principais. O primeiro consiste em apurar se, ao ter acesso a uma educação musical, se verificam benefícios para a pessoa portadora de deficiência. O segundo pretende aferir se há resultados que possam ser comparáveis, - no que concerne à prática de diferentes metodologias e estratégias pedagógicas no ensino da música a pessoas com deficiências cognitivas - assim como acerca da importância de uma formação especializada para educadores desta área. O terceiro eixo visa perceber se a educação musical assume um papel importante nas instituições portuguesas que se dedicam ao trabalho pedagógico com pessoas que revelam necessidades especiais.

Neste seguimento, o trabalho foi composto por três momentos.

Primeiramente, foi necessário selecionar e escrutinar publicações no que concerne à área da educação e saúde mental, tanto em inglês como português. De forma paralela, foram adquiridos vários livros de referência sobre esta temática e consultadas as bibliotecas da Universidade Lusíada, da Universidade Nova e da Fundação Calouste Gulbenkian. Foram também realizadas pesquisas regulares na internet.

Num segundo momento considerou-se essencial complementar a abordagem teórica com trabalho de campo desenvolvido em instituições que oferecem música como uma opção educativa válida. Pretendeu-se explorar questões associadas à aplicação da educação musical, enquanto recurso que contribuiu para o desenvolvimento dos portadores de deficiências cognitivas. Neste sentido, foi necessário presenciar e observar diretamente em contextos específicos as metodologias interventivas que, através da estimulação, permitem aos aprendentes beneficiar mais e para além daquilo que a sua esfera diagnóstica prevê.

Uma questão foi fundamental: perceber até que ponto será possível sistematizar técnicas, metodologias e estratégias de implementação de Educação Musical, tendo em conta o maximizar do desenvolvimento cognitivo e da componente emocional da pessoa com deficiência.

Selecionaram-se quatro instituições, visando apresentar uma variedade pedagógica. Em causa estava o processo de averiguação se, e como, as atividades que

desenvolveram durante o período de estudo de caso satisfizeram, ou não, as necessidades e desejos das pessoas que as frequentavam.

O terceiro e último momento decorreu da necessidade de produzir um documento válido que listasse as instituições (financiadas, ou não, pelo Estado Português) que se dedicam exclusivamente ao trabalho pedagógico com pessoas portadoras de deficiência e que incluem a música como disciplina curricular, opcional, ou ainda como atividade ocupacional. Neste contexto, considerou-se importante compilar os dados recolhidos. Assim, toda a informação que foi possível reunir acerca das escolas de ensino especial, CERCIS e Centros de Atividades Ocupacionais foi analisada e estruturada numa listagem que também se apresenta neste trabalho.

O objetivo desta investigação foi perceber em que medida o Estado Português considera relevante a introdução curricular da música, enquanto instrumento potenciador da melhoria da qualidade de vida das pessoas portadoras de deficiência mental ou de desordens de foro cognitivo.

Haverá um verdadeiro plano para incluir a Educação Musical nestas instituições? Será possível questionar acerca da existência de alguma metodologia ou modelo consistente deste ensino que possa ser utilizado em pessoas com necessidades especiais?

São estes os focos principais que nortearam a investigação teórica e prática desta dissertação.

2. INTRODUÇÃO TEÓRICA

A música é uma linguagem poderosa na transmissão de mensagens, emoções e sensações, provocando no indivíduo que a ouve - ou que se exprime através dela - reações conscientes ou inconscientes de conexão com o mundo. Viver a música como prática continuada é, por isso, uma fonte de riqueza, de harmonia e de inspiração com um profundo impacto no desenvolvimento individual de qualquer pessoa.

Por conseguinte, a música assume um papel importante na educação, ajudando o indivíduo a estabelecer vias comunicativas estruturantes da personalidade através da relação consigo mesmo, com os outros - pares e adultos - e com o mundo que o rodeia. No caso da educação de pessoas com necessidades educativas especiais, o seu potencial é ainda mais elevado, na medida em que o discurso musical é permeável a todos os níveis de desenvolvimento.

As experiências musicais permitem uma participação ativa (ver, ouvir, tocar) e favorecem o desenvolvimento dos sentidos. Trabalhar com os sons permite desenvolver a acuidade auditiva; acompanhar a música com gestos ou dançar estimular a coordenação motora, o ritmo e atenção; cantar ou imitar sons ajuda a estabelecer relações com os outros e com a esfera em que se vive. É possível e desejável que o impacto da música no ensino especial supere o simples estímulo sensorial como fonte de emoções e bem-estar. Utilizada de forma sistematizada como estratégia de ensino-aprendizagem, a educação musical poderá contribuir para estruturar o comportamento das pessoas ao nível da atenção e da concentração, para o desenvolvimento das suas capacidades motoras e das suas competências relacionais.

A utilização da música como estratégia de ensino-aprendizagem para pessoas com necessidades educativas especiais (NEE) é um campo de investigação que está longe de estar concluído. É difícil encontrar certezas irrefutáveis ou conclusões incontestavelmente efetivas em relação à problemática das suas práticas, aplicadas às diferentes formas de necessidades. O propósito deste trabalho, através dos estudos de caso, é o de identificar e descrever as atividades, estratégias e processos implementados por educadores de quatro instituições - três de ensino formal e outra de ensino não formal - com o objetivo de observar e analisar o comportamento dos alunos e de procurar perceber de que forma a Educação Musical, em contexto educativo, pode contribuir para dinamizar novos estímulos e benefícios nas pessoas com perturbações de foro mental.

A sensibilização e a estimulação através da música são fatores importantes para o desenvolvimento das pessoas portadoras de deficiência mental, na medida em que as ajuda a libertar a tensão emocional, a superar os seus medos e dificuldades do foro comportamental e social. Como tal, é de extrema importância garantir a sua aplicabilidade através do uso de metodologias, técnicas e ferramentas que sejam adequadas e eficazes no cumprimento desses objetivos. É por isso da responsabilidade do professor/educador verificar as interações, as emoções e os comportamentos das pessoas face às atividades propostas, no intuito de programar atividades pensadas individualmente, de acordo com o perfil e as necessidades de cada uma.

2.1 EXPLORAÇÃO DO CONCEITO NO SEU CONTEXTO HISTÓRICO

A importância da educação musical para os que sofrem de deficiências mentais não pode, de todo, ser subvalorizada. Dezenas de novos estudos acerca do desenvolvimento do cérebro revelam que a música tem aperfeiçoado outras áreas do cérebro, nomeadamente ao nível de competências espaciais e aumento da capacidade de memória. Quanto aos benefícios clínicos, incluem alterações de comportamento, o efeito de acalmar, a capacidade de expressão, interação social, comunicação e linguagem, e ainda maiores competências motoras.

O contacto com a música estimula os sentidos e resulta numa concentração da pessoa, o que torna o comportamento de autoestimulação um comportamento socialmente mais apropriado. A ansiedade é particularmente evidente nas pessoas com autismo e, nelas, o ato de ouvir música proporciona um estado muito positivo e relaxante.

Um estudo operado pelo Dr. Raymond Bahr¹ mostrou que a música clássica ouvida pelos seus pacientes surtiu o mesmo impacto que 10mg de Valium (Jones, 2011, p. 39). Quando às pessoas que padecem de Autismo, Paralisia Cerebral, Défice de Atenção (ADD - Attention Deficit Disorder), ADHD (Attention Deficit Hyperactivity Disorder) e deficiência cognitiva, conseguem relaxar e acalmar, tornando-se permeáveis a mudanças significativas. Porque a música é benéfica para o alívio do stress e para a redução da ansiedade, deve ser utilizada como técnica de relaxamento. Um estudo de 2009 (Kim, Wigram e Gold, 2009) mostrou que crianças autistas tiveram uma carga emocional e expressiva maior durante as sessões de Educação Musical, quando comparadas com sessões educativas sem música. As pessoas autistas demonstram

¹ Diretor dos Serviços de Cardiologia, St. Agnes Hospital, Baltimore, EUA .

muitas vezes a capacidade de sentir a carga emocional da música, de reagir de forma mais espontânea, e de distinguir a nota correta de maneira igual ou superior às pessoas sem deficiências. Na esfera educativa considera-se que, a par da motricidade, as competências de comunicação e linguagem das pessoas portadoras de deficiências cognitivas são melhoradas com a utilização da música. (Tame, 1984 ; Sacks, 2007)

A formação musical é também benéfica para o cérebro porque provoca alterações no sistema auditivo, desenvolvendo a capacidade de audição. Paralelamente, há uma outra linha de benefícios para o corpo humano e que resulta da sua exposição simultânea à música e a exercícios físicos. “Music is a resource that tones the brain for auditory fitness” (Kraus², Chandrasekaran 2010). Sabendo que a música é bem-sucedida como intervenção terapêutica nas pessoas com deficiências cognitivas este estudo de caso documenta uma avaliação de melhorias de foro motor e de coordenação intelectual que se devem à utilização frequente da música. Esta noção remonta já às culturas do Antigo Egipto e Mesopotâmia, onde existiam templos de cura aliados a cerimónias religiosas nas quais se utilizavam técnicas musicais (Keikha³, Jenabadi e Mirshekar, 2012).

Contudo, para se poder reunir dados mais direcionados para o impacto da música foi necessário pesquisar sobre a temática geral da educação de pessoas com deficiências cognitivas. Infelizmente, é muito limitado o número de estudos publicados em Portugal, pelo que houve urgência em procurar mais informação noutras línguas e noutros países, nomeadamente nos Estados Unidos. Aqui, a quantidade de publicações é de tal forma grande, que os esforços foram concentrados em analisar apenas os livros publicados ao longo dos últimos 40 anos.

Contudo, e tal como acontece em Portugal, foi permitido concluir que a educação musical para pessoas com deficiências cognitivas também tem sido negligenciada num país com os recursos dos Estados Unidos. Mainord e Love (1973, p. 6) acreditam que a essência de se ser bem sucedido na educação deste grupo de pessoas implica que haja primeiro um enfoque na educação individualizada. Os programas escolares e os objetivos definidos são criados para maximizar as necessidades especiais, o que se reflete nos interesses, aspirações e motivações de cada pessoa. Isto não significa que a educação em grupo seja ignorada, mas antes, que a progressão deve ser

² Kraus, N., Professor em Northwestern University.

³ Keikha, Jenabadi e Mirshekar, Universidade de Zabol, Irão.

primeiramente individual, e só depois consistir numa educação em grupo, e não o contrário.

O atraso mental não deve ser confundido com doenças do foro cognitivo. A doença mental desenvolve-se normalmente durante o crescimento. O atraso mental (ou “disfunção intelectual”, o termo mais utilizado nos dias de hoje) é uma descrição de um certo nível de capacidade cognitiva, normalmente resultante de uma má formação congénita antes do próprio nascimento e que atrasa o desenvolvimento intelectual. A doença mental é, na sua essência, um desequilíbrio químico com origem no cérebro e pode ser tratado com medicamentos e terapias. O atraso mental é, regra geral, irreversível. Muitos dos maus funcionamentos cognitivos são de origem neurológica, e não mental (Progress, 2015 ; AIKYA, 2015).

Cada pessoa é única nas suas competências e ritmos de aprendizagem, bem como na capacidade de se desenvolver cada vez mais. Porém, porque há uma inadequação no desenvolvimento da inteligência das pessoas portadoras de deficiências cognitivas, elas são incapazes de procurar o seu próprio desenvolvimento. À exceção do grau da sua deficiência mental - que não pode ser eliminado - é possível ajudá-las a viver de forma mais realizada e satisfeita. A pessoa com deficiências cognitivas pode também estar “emocionalmente” doente, o que corresponde a um elemento de desordem mental.

A pessoa com esta doença pode ter um nível de inteligência elevado, e isso manifesta-se habitualmente na fase adulta. O atraso mental é uma condição que se reflete na dificuldade em aprender e num baixo nível de competências de ordem intelectual, sendo quase sempre detetado durante a infância, ou mesmo à nascença. Em termos estatísticos, cerca de 4% de americanos apresentam sinais desta doença, e verifica-se um grande custo social para quem os apoia, seja a família ou a sociedade em geral. Embora muitas das razões e causas para estas doenças mentais sejam conhecidas, há um grande número de casos cuja origem não foi encontrada, nem a patologia descoberta.

Desde o início da humanidade que o ser humano revela dificuldade em relacionar-se com pessoas portadoras de deficiência mental, as quais, devido a problemas genéticos, doenças ou acidentes, não têm tido a capacidade de aprender e de se inserir na sociedade como a maioria dos demais.

Na Antiguidade Clássica, aqueles que padeciam de distúrbios do foro cognitivo eram perseguidos, negligenciados e mal tratados. Aliás, durante a Civilização Grega os espartanos até os deixavam morrer, deliberadamente, sem qualquer apoio. Por volta de 800 a.C. competia ao Estado decidir se as crianças com deficiências à nascença teriam ou não o direito à vida, pois em Esparta as crianças estavam sob a orientação do Estado, e não dos pais. O abandono de crianças com graves deficiências logo após o seu nascimento era uma obrigação legal. Depois de nascerem eram sujeitas a uma rigorosa análise de forma a apurar se manifestavam sinais exteriores de problemas físicos ou mentais. Caso fosse encontrada alguma manifestação dessa ordem, o pai da criança era obrigado a abandoná-la. Esta lei foi criada para tentar desenvolver uma raça superior (Shapiro, 1999, p. 150).

No início do Império Romano o pai adquiriu o direito absoluto para matar, mutilar ou mesmo vender uma criança que manifestasse sinais de deficiência. Nessa época, a palavra utilizada para designar essas crianças era *monstrum*.

Hipócrates foi o primeiro médico a afirmar que os pensamentos, ideias e sentimentos tinham origem no cérebro, e não no coração. Aplicava cinco testes nas crianças para saber qual a sua condição à nascença. Estes consistiam na atividade muscular, pulsação do coração, reflexos faciais, cor da pele e a forma de respirar. O próprio Aristóteles pronunciou que "deveria existir uma lei que não permitisse que as crianças com deficiências vivessem". Na literatura grega e romana, ou mesmo na Bíblia, no Corão ou no Talmud, há poucas referências a pessoas com doenças mentais, e não há provas de que naquela altura houvesse algum esforço para a sua proteção ou educação. Muitas vezes acabavam por ser os bobos da corte que se destinavam a entreter os governantes. Séculos depois, com a prática da bruxaria e magia negra, a situação ainda não havia melhorado, pois a Igreja considerava que as pessoas ligadas a essas práticas possuíam demónios em si, sendo por isso marginalizadas e perseguidas.

Curiosamente, foi em países menos civilizados que as pessoas deficientes foram mais compreendidas e onde as deixaram viver sem perseguições e violência. Por vezes alguns jovens eram até reconhecidos como sendo abençoados.

Embora tenha prestado auxílio a pessoas com estas características deste a Idade Média, através da procura de abrigos, a Igreja não desenvolveu francas tentativas para as educar ou introduzir na sociedade. Apenas no século XIX a Igreja manifestou alguma

compaixão e compreensão pelos deficientes, tendo então desenvolvido iniciativas para os alimentar, vestir e alojar.

A teoria geralmente aceita pelos médicos e cientistas antes do século XIX fundava-se na assunção de que "uma vez doente, para sempre doente". A herança genética foi considerada a primeira causa de deficiência mental, o que desde logo invalidou qualquer tentativa de tratamento e educação. Com efeito, a palavra "idiota" (de origem grega, significa "pessoa introvertida") utilizou-se de forma indiscriminada para traduzir pessoas com atrasos mentais.

Os primeiros estudos (e cuidados) de pessoas com deficiência mental só começaram no século XIX. Itard⁴, Seguin⁵ e Montessori⁶ foram pioneiros na introdução de instituições do apoio ao deficiente mental. Alfred Binet⁷ também desenvolveu um importante trabalho nesta área. Muitos dos trabalhos de base e de estudos de desenvolvimento da psicologia foram por ele introduzidos, em colaboração com o seu colega Theodore Simon. A sua metodologia concebeu uma forma didática de aferição da competência intelectual do ser humano, através da construção de ferramentas necessárias e aplicáveis a todas as pessoas e respetivos estados intelectuais.

Nos Estados Unidos da América, as salas de aula para pessoas com deficiências mentais foram introduzidas no sistema de educação pública durante as primeiras décadas do século XX. Apesar de um declínio ocorrido nos anos 30, que se deveu aos efeitos da grande crise económica, no período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial

⁴ Jean-Marc-Gaspard Itard (1774-1838), médico francês que dirigiu a Instituição Imperial dos Surdos-Mudos. Ficou famoso pela reeducação de uma criança selvagem encontrada no floresta de Aveyron, França. (Encyclopædia Britannica, 2015)

⁵ Édouard Séguin (1812-1880), médico psicólogo foi um dos primeiros especialistas em deficiência mental e o seu ensino. Em 1846 publicou o seu livro "Traitement moral, hygiène et éducation des idiots". Reconheceu a importância de treino sensorial motor para o desenvolvimento dos deficientes mentais. Propôs uma teoria psicogenética e afirmou que qualquer fosse o tipo da deficiência dependeria de três aspetos: o grau de comprometimento das suas funções orgânicas, a inteligência que o deficiente apresenta e a competência na aplicação do método. (Encyclopædia Britannica, 2015)

⁶ Maria Montessori (1870-1952), médica, professora, intelectual e educadora formou-se em medicina e foi na Universidade que começou a estudar crianças. O Método Montessoriano tem por objetivo a educação da vontade e da atenção. A criança tem liberdade de escolher o material a ser utilizado, além de se proporcionar a cooperação. Na sala de aula, ela é livre para agir sobre os objetos sujeitos à sua ação, mas estes já estavam preestabelecidos, como os conjuntos de jogos e outros materiais que desenvolveu. (American Montessori Society, 2015)

⁷ Alfred Binet (1857-1911) foi um pedagogo e psicólogo francês que ficou conhecido pela sua contribuição no campo da psicometria, sendo considerado o inventor do primeiro teste de inteligência, a base dos atuais testes de QI. O seu livro Binet, A, ; Simon, T, (1916) *The Development of Intelligence in Children*. EUA, Williams and Wilkins Company, considerou "the measure of intelligence is perhaps the most oft repeated expression in psychology of recent times". (Plucker, Esping, 2014)

assistiu-se a um aumento considerável do número de aulas especiais para crianças deficientes.

As organizações profissionais americanas relacionadas com a problemática da deficiência mental existem há mais de um século. A mais antiga - a American Association of Mental Deficiency⁸ - iniciou o seu trabalho em 1876, com Edward Seguin como presidente. A primeira organização direcionada para os pais é The National Association for Retarded Children,⁹ que iniciou o seu trabalho em 1950 e recebeu um prémio em 1962 da Joseph Kennedy Foundation como reconhecimento do trabalho de grande mérito então desenvolvido. O presidente John F. Kennedy (Estados Unidos da América, 5 February 1963) expressou as palavras: "The care and treatment of mental retardation, and research into its causes and cure, have - as in the case of mental illness - been too long neglected." A partir desta importante mensagem, o estatuto de pessoas com deficiência mental foi evoluindo de uma posição de isolamento e indiferença para uma melhor aceitação pública das mesmas.

2.2 A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO MUSICAL

Se a educação musical das pessoas com deficiência visar como único objetivo o seu desempenho musical, então deverá ser repensada (Mainord e Love, 1973, p. 110). É reduzido o número de pessoas com problemas cognitivos que se revelam competentes para atingir um nível aceitável de competência musical através de uma educação tradicional. Contudo, tem sido comprovado que a música exerce um impacto potenciador para o ensino de outras disciplinas e que pode ser utilizada como uma ferramenta que contribui para alcançar melhores resultados noutras atividades de aprendizagem. A música é um dos melhores meios para integrar todas as áreas da vida em atividades significativas e agradáveis, pois confere à pessoa uma sensação de segurança que a ajuda no seu desenvolvimento social. Contribui ainda para aumentar a capacidade de enfoque, o desenvolvimento do sentido rítmico e a coordenação física. A música também cria oportunidades para as pessoas se expressarem.

Atendendo à educação da pessoa com deficiência mental, são três os elementos principais e necessários para desenhar um plano de educação musical de base: o ouvir, o cantar e a introdução/utilização de ritmos. A capacidade de ouvir contribui para o

⁸ Associação Americana de Deficiência Mental

⁹ Associação Nacional de Crianças com Atraso

desenvolvimento de outras competências comunicativas, e a recorrência da experiência irá permitir desenvolver a capacidade de distinção de sons, respetiva catalogação e apreço. Os exercícios rítmicos ajudam a melhorar a coordenação motora e também a aliviar a tensão acumulada por falta de movimentos. O bater de palmas, andar e dançar desempenham um papel preponderante neste desenvolvimento. Também a utilização do canto deveria ser especialmente encorajada, sendo que a letra deve ser adequada ao nível intelectual das pessoas que frequentam as sessões. Tanto a letra como a música devem conter repetições de forma a favorecer o processo de aprendizagem e a memorização da canção. A melodia deve ser ajustada à amplitude vocal da cada pessoa e, preferencialmente, o conteúdo da letra deve de alguma forma relacionar-se com a experiência pessoal de cada uma.

As pessoas podem expressar-se através de outros meios que não o verbal. Considerada enquanto forma criativa de arte, a música requer uma especial e forte estimulação. Piaget¹⁰ foi um dos defensores da ideia de formação de sabedoria perceptual, (Piaget, Inhelder, 1967, p. 85)¹¹ que se sustenta na teoria de que a inteligência é desenvolvida de forma gradual e que o desenvolvimento perceptual é a base para a aquisição de novas competências que se desenvolvem *a posteriori*. Este conhecimento é fundado por informações recebidas através da percepção e dos processos sensoriais. A educação musical é, na realidade, um processo educativo dos sentidos que, através do uso de instrumentos musicais, se torna também um fértil campo de percepção.

A música é um elemento de grande importância em todos os programas educativos especiais, na medida em que é um meio de comunicação universal. Por se tratar de uma experiência emocional “sentida” é tão ou mais importante que a forma do “pensamento”. Esta educação musical deve começar com ensinamentos básicos e adequados ao nível de desenvolvimento da pessoa que os recebe, o que justifica

¹⁰ Jean Piaget (1896-1980) foi um famoso psicólogo e filósofo suíço que ficou conhecido pelo seu pioneiro trabalho no campo da inteligência infantil. Piaget passou grande parte da sua carreira profissional a interagir com crianças e a estudar o seu processo de raciocínio. Os seus estudos surtiram um grande impacto nos campos da Psicologia e Pedagogia. (Portal da Educação, 2014)

¹¹ "Perception and perceptual awareness is basically the same thing. To perceive we need to have a subject awareness of it. The perceptual system is the neural machinery and brain areas involved in sensory processing and perception. Perceptual awareness is being conscious of the impulses one of your senses sending a message to the brain so both awareness without perception and perception without awareness are not possible." (Piaget, Inhelder, 1967, p. 85)

“Percepção e consciência são basicamente a mesma coisa. Para percebermos que estamos conscientes desse facto. O sistema perceptivo é constituído pela maquinaria neuronal e as áreas do cérebro envolvidas no processamento sensorial e na percepção. Consciência perceptiva é estar consciente dos impulsos que os sentidos enviam sob a forma de mensagem para o cérebro, por conseguinte não é possível termos consciência sem percepção, nem termos percepção sem consciência.” (Tradução nossa, 2015)

precisamente a necessidade de se trabalhar na aula de música de uma forma individual e personalizada. O primeiro tema a ser ensinado pode ser relativo à imagem do corpo em articulação com a coordenação motora, recorrendo, por exemplo, a músicas relacionadas com os olhos, ouvidos e boca. Este formato de utilização educativa da música pode contribuir para melhorar a competência da fala, enquanto o ato de cantar pode motivar ao desenvolvimento, estimulação e libertação de tensões acumuladas.

Como foi já mencionado, as músicas repetitivas e de curta duração são bons instrumentos para um estímulo intelectual inicial. Porém, é necessário que contenham elementos rítmicos fortes e uma estrutura harmónica simples. O objetivo do educador, quando confrontado com uma pessoa com deficiência mental, é o de ajudar a construir uma ação espontânea e criativa.

Doze anos depois da publicação do livro de Mainord e Love foi lançada pela Universidade de Nova Iorque uma valiosa série de livros sobre a Educação Especial, nomeadamente o livro Teaching Educable Mentally Retarded Children (Sedlak, 1985). Bem estruturado e com um estilo de escrita muito objetivo, este é um livro exaustivamente utilizado e que se destina principalmente à formação de estudantes que pretendem trabalhar com pessoas portadoras de necessidades especiais. No entanto, nele apenas constam duas referências específicas à música, que aparecem em anexo. A primeira foca a maneira de memorizar as cinco linhas da clave de sol, e a segunda um modelo de horário escolar que estipula duas aulas de música semanais, cada uma com uma duração aproximada de 25 minutos. É incrível que não seja mencionada no livro a necessidade de promover a educação musical com pessoas portadoras de deficiência cognitiva. No entanto, contem muitos conteúdos que podem ser legitimamente aplicados ao espectro da educação musical.

Embora em 1985 fossem utilizados termos austeros como o “atrasado mental”, isso não impediu que fosse atribuída validade à discussão científica e analítica sobre a temática da deficiência mental, assim como reconhecida a necessidade de o fazer de forma bem documentada, racional e clara. Uma das frases nucleares que aparece no livro revela que o problema principal da aprendizagem pode ser motivacional, em vez de mental. Na verdade, existem factos que comprovam que pessoas com deficiências cognitivas podem encontrar a solução correta para um determinado problema tão bem quanto aquelas que não têm desordens desse foro. Provou-se ser errada a assunção de que uma pessoa com deficiência cognitiva tem memórias pouco duradouras. Contudo, o

educador de deficientes cognitivos deve estar particularmente atento à capacidade de memorização dos seus alunos, na medida em que os estudos têm demonstrado que o deficiente mental carece muitas vezes do poder de responder às perguntas e de memorizar palavras, sons ou eventos que lhe foram apresentados apenas durante alguns segundos antes. Apesar de este ser um processo demorado de aprendizagem de conteúdos, poderá posicionar o deficiente cognitivo ao mesmo nível de uma pessoa normal. (Van Gemert, 1998)

É legítimo considerar que estas pessoas sofrem de um défice de memória de curto, mas não de longo prazo. Estudos realizados por Borkowski e Brown¹² revelaram que o défice de memória de curto prazo resulta de uma falha no uso das estratégias de mediação e organização. Ora, se os programas de ensino se concentrarem apenas nas insuficiências cognitivas do aluno, serão mais propensos a não ser bem sucedidos. Pelo contrário, quando promovidos por métodos corretos, a motivação pode ser o fator que determina a superação das insuficiências cognitivas, pois é o resultado das numerosas interações. *Effectance* é o termo técnico utilizado para descrever uma tarefa exigente completada com êxito.

Tal como as pessoas que tenham dificuldades económicas, sociais ou afetivas (por exemplo, a falta de carinho e de atenção por parte das pessoas importantes nas suas vidas, em especial dos familiares) as pessoas com deficiências cognitivas precisam de uma quantidade redobrada de atenção durante todo o seu percurso educativo.

Uma preciosa ajuda para melhorar o sucesso no ensino destas pessoas são as aulas práticas de curta duração, mais produtivas do que uma única e longa sessão. A organização do material utilizado na sala de aula precisa também de ser classificado por ordem sequencial, do mais simples ao mais complexo. Vários pedagogos, incluindo Piaget, defendem que o mais importante para o professor é poder contar com a plena cooperação dos pais e da família do aluno, pois sem o *feedback* regular entre pais e professores são perdidas muitas oportunidades que poderiam melhorar a aprendizagem dos alunos.

Não haverá muitas possibilidades de influência dos pais no processo de educação musical, mas os benefícios do seu ensino na escola - e conseqüente efeito sobre outras

¹² Borkowski, John, Professor de psicologia na Universidade de Notre Dame , Indiana EUA (University of Notre Dame, 2015) ; Brown, Ann L., Professora na Universidade da Califórnia, Berkeley, USA. (falecida 1999). (The University of California, 2011)

disciplinas – devem ser concomitantes com um ambiente doméstico saudável e motivador, capaz de alargar os horizontes e de conduzir a um aumento das competências do aluno. Ao relatar aos pais o progresso individual, o professor enriquece e amplia o relacionamento entre pais, escola, professor/educador e aluno.

Infelizmente, o papel dos profissionais auxiliares é muitas vezes associado a pessoas bem intencionadas, com a função básica de “controlar” fisicamente os alunos. É certo que em muitos destes casos é necessário garantir que não se instale a anarquia na sala de aula e que os alunos não interrompam o processo de aprendizagem. No entanto, estes profissionais auxiliares revelam muitas vezes outras competências que não se esgotam na função de “tomar conta” dos alunos. São pessoas geralmente generosas no seu contacto com os deficientes, pelo que talvez pudessem desenvolver outras tarefas.

2.3 NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS (NEE)

Encontra-se no livro de Hammel e Hourigan (2011), Teaching Music to Students with Special Needs, muita informação pertinente e aplicável à realidade portuguesa, embora se desenrole no cenário educacional nos EUA. Os autores focam todos os tipos de deficiências humanas, físicas e mentais, e fornecem informações concisas e úteis para que os educadores possam trabalhar eficazmente no campo musical. Três ideias basilares permeiam o livro. Em primeiro, que é necessário um trabalho de equipa no processo de aprendizagem; em segundo, que se requer uma abordagem sem rótulos; e em terceiro lugar, que nem sempre é possível ser-se simultaneamente justo e igualitário. A necessidade de uma abordagem em equipa significa, para o educador musical, unir forças com outros professores de Educação Especial, professores associados, terapeutas, administradores escolares, outros especialistas e, imperativamente, os pais. Um aluno com necessidades especiais merece uma educação liberta de estigmas e onde se requer que o processo de aprendizagem individual seja diversificado. Inevitavelmente, nunca poderá haver igualdade absoluta na sala de aula de música, mas isso não obsta a que o mais importante seja mostrar equidade e abertura total com os alunos, assim como a compreensão de que muitas vezes há uma enorme diferença nas capacidades de aprendizagem entre eles.

2.4 TIPOS DE NEE

Foi nos EUA, e só em 1975, que a Legislação Estatal decretou especificamente uma educação pública gratuita e apropriada às pessoas com necessidades especiais. O seu principal enfoque foi o seguinte: independentemente da natureza ou gravidade das deficiências, a partir dos 5 anos e até aos 21 anos é garantida uma educação gratuita; sempre que possível, a educação decorre num sistema integrado com pessoas não deficientes; a cada pessoa com deficiência corresponde um Programa de Educação Individualizada adequado às suas necessidades educacionais.¹³ Citando o projeto de Lei Pública, “o uso das artes como instrumento pedagógico aplicado com deficientes tem sido reconhecido como um caminho viável e eficaz, não só no ensino de disciplinas especiais, mas também com jovens a quem seria impossível ensinar de forma tradicional”. Em 1990, esta lei foi alterada com o "Individuals within the Disabilities Education Act",¹⁴ (IDEA) e passou a empregar uma nomenclatura mais adequada e atualizada. Esta legislação também acrescentou o Autismo e o Traumatismo Cerebral a uma lista de deficiências na qual estavam já mencionados o "Atrasado Mental" e a patologia do "Distúrbio Emocional". (Hammel, Hourigan, 2011, p. 32-35)

2.5 FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MÚSICA PARA PESSOAS COM NEE

Cumpra agora salientar a importância da musicoterapia. O musicoterapeuta deve estar atento às necessidades dos seus alunos e, simultaneamente, relacionar-se de forma direta com o educador musical. A musicoterapia utiliza a música para aproximar e expandir os horizontes e necessidades não-musicais dos alunos. Por isso, os musicoterapeutas estão sobretudo preocupados com a forma como a música pode contribuir para o desenvolvimento de fins não musicais, e não tanto com a aquisição de competências dessa ordem. É muito importante que haja uma estreita colaboração entre

¹³ *The Individual Education Plan* is a plan or programme that is specially designed for children with SEN (NEE) to assist with their education. It sets out targets for children that are different from, or additional to, those used for the rest of the class. Although not a legal document it allows for the effectiveness of teaching collaborating with parents and teachers alike. Its philosophy is one of targets, provisions and outcomes and should be called "SMART" (Specific, Measurable, Achievable, Relevant and Time-Bound). (Hammel, Hourigan, 2011, p. 32-35)

O Plano Individual de Educação é um plano ou programa que é especificamente desenhado para crianças com NEE's para apoiar a sua educação. Define metas que são diferentes ou acrescidas às que são utilizadas para os restantes alunos da aula. Embora não seja um plano oficial é eficaz para permitir a colaboração entre professores e pais. A sua filosofia assenta em metas, procedimentos e resultados e pode ser classificado como "SMART" (Específico, Mensurável, Atingível, Relevante e Calendarizável). (Tradução nossa, 2015)

¹⁴ Pessoas que englobam a lei de Educação para Deficientes (IDEA)

os professores de música e os musicoterapeutas, de forma a compartilharem o conhecimento das técnicas utilizadas em cada uma das profissões. Os músicos educadores não são musicoterapeutas, mas precisam de conhecer a área na qual estes trabalham.

Os terapeutas começam por avaliar os alunos, identificando os seus pontos fortes e as suas necessidades ao nível da comunicação, socialização, função motora e emoção. A partir da recolha desses mesmos dados podem então delinear os objetivos terapêuticos e definir os métodos a utilizar para os atingir. No que concerne aos professores de música, estes devem frequentar as sessões de musicoterapia de forma a poderem aprender estratégias sobre como integrar os objetivos de desenvolvimento individual no decurso das aulas de música. O trabalho de campo presencial é muito importante para os educadores musicais, os inexperientes e os experientes também, pois através da observação e participação em situações concretas lideradas por terapeutas, desde as convencionais às mais experimentais, podem apreciar e integrar na sua prática alguns “mistérios” associados ao impacto da música em pessoas com deficiências cognitivas.

É frequente estes alunos revelarem dificuldades em três áreas distintas de aprendizagem: Em primeiro lugar no modo como recebem e processam as informações sensoriais. Em segundo, na capacidade de memorizar e reter o conhecimento. Por último, na forma como conseguem exprimir os seus conhecimentos e competências musicais. No ambiente da aula de música, o aluno com deficiência cognitiva pode precisar de várias oportunidades e modos de resposta para conseguir participar nas atividades de grupo.

Isto significa que as estratégias pedagógicas devem implicar o recurso à repetição e à utilização de informações visuais, auditivas e até mesmo cinestésicas. Tal como no processo de aprendizagem das pessoas sem deficiência, estes alunos podem ser recetivos quanto ao entendimento que se espera que tenham, mas podem não ser capazes de reproduzir a informação de forma expressiva. Se o aluno não conseguir entender as instruções verbais que lhe são dadas, então, por consequência, as suas competências musicais não podem progredir. O professor deve também concentrar-se na sua própria linguagem, de forma a aferir se está a conseguir comunicar a sua mensagem aos alunos. Será necessário observá-los, possivelmente fora da esfera da sala de aula de música, por forma a avaliar essas competências de expressão e receção. O esforço constante de utilizar uma linguagem recetiva e expressiva contempla

ainda uma estreita cooperação com os outros membros do corpo docente e com os profissionais envolvidos no processo de ensino de música.

O comportamento do aluno também deve ser analisado, e pode muitas vezes criar obstáculos aos educadores. Os alunos são frequentemente diagnosticados com distúrbios emocionais graves, pelo que é necessário que o professor de música verifique se o aluno está a interiorizar ou exteriorizar as emoções, de forma a poder agir em conformidade com ele e, caso seja necessário, a alterar aspetos na forma como conduz a aula. Este campo de terapia tem encontrado diversos caminhos sobre como utilizar a música para gerir situações deste género.

A falta de estrutura na sala de aula pode ser contraproducente para o aluno e resultar em alterações repentinas de comportamentos emocionais. Pelo contrário, se a aula estiver estruturada, por exemplo com a introdução de uma canção familiar no início e término da mesma, essa rotina pode contribuir para acalmar os alunos. É muito importante descobrir o que cada aluno realmente aprecia na aula de música, seja por meio da liderança, ou pelo uso de um determinado instrumento. Por outro lado, reduzir a quantidade de informações que os alunos precisam de compreender também irá reduzir os seus níveis de frustração. A proximidade entre o professor e o aluno que tende a perturbar o curso da aula pode ser determinante para o progresso e sucesso das aulas. Os alunos precisam e merecem ser elogiados de forma regular quanto ao seu comportamento social e académico, o que irá com grande probabilidade aumentar a sua confiança e autoestima em todos os desafios musicais apresentados. É importante que o aluno seja treinado para fazer o melhor uso possível dos seus cinco sentidos. Em particular, os sentidos visuais, auditivos e táteis ou cinestésicos são de grande importância na aula de música.

No livro intitulado TIPS: Teaching Music to Special Learners, Schaberg (1988) apresenta muitas sugestões para a resolução de problemas que por vezes surgem na aula de música. Alguns exemplos são suficientes para perceber as ideias criativas formuladas por educadores, aqui compiladas por Gail Schaberg num interessante e multifacetado livro. Por exemplo, as competências auditivas podem ser estimuladas através de caixas ou latas de bebidas que contêm vários objetos produtores de sons, tais como pregos, berlindes ou sal grosso. Um aluno pode escolher um recipiente, abaná-lo, e depois passar para os outros objetos que estão embrulhados até encontrar um igual. Este exercício pode prosseguir até que todos os objetos sejam encontrados.

Na estruturação das aulas de música com alunos emocionalmente perturbados é fundamental utilizar a mínima instrução verbal e o máximo desenvolvimento da prática musical. Requer-se espaço para a expressão individual e é importante produzir uma atuação musical no final de cada aula. Para alunos com muita energia uma canção familiar acompanhada por tambores irá produzir melhores resultados do que uma canção sem acompanhamento. É também eficaz utilizar exercícios físicos quando os alunos estão tensos ou sem capacidade de concentração. Ainda nesta linha, a música lenta e suave ajuda a criar uma atmosfera descontraída.

Como foi já mencionado, ainda que através de uma aprendizagem mais lenta, os alunos com deficiências cognitivas (e fracas competências) podem atingir os objetivos que lhes são propostos desde que os programas educativos sejam adequados às suas capacidades. Por exemplo, um suporte de apoio visual colorido com recurso a cores fortes pode reforçar a relação entre a música e os deficientes profundos. Alunos com estas características devem ter a possibilidade de manusear um instrumento musical simples, sendo que muitos conseguem superar as dificuldades. No início do processo de aprendizagem, a instrução individual e a memorização de melodias curtas são duas estratégias pertinentes a utilizar.

A outro nível, deve-se procurar facilitar a cooperação entre os pais e os responsáveis pelo desenvolvimento educacional do aluno, sendo que ao professor compete explicar a necessidade de cuidar do instrumento musical selecionado.

No caso do aluno com autismo, verifica-se muitas vezes uma discrepância entre o potencial do aluno e o seu nível de realização pessoal. São frequentes as suas manifestações de hiperatividade, impulsividade e problemas motores, pelo que é muito importante que os alunos que são incapazes de permanecer nos seus lugares possam definir os seus próprios espaços na sala.

Outro aspeto que pode ser bastante enriquecedor na aprendizagem do aluno consiste em conjugar as aulas de música com outras disciplinas. O ideal é a música ser introduzida na sala de aula o mais cedo possível.

Para o aluno com deficiência cognitiva a notação musical é um dos conceitos mais difíceis de entender. A notação deve ser modificada e a quantidade de informação reduzida ao mínimo. É dispensada a armação das claves, tonalidades ou do tempo musical, na medida em que estes podem causar confusão, enquanto que o uso de

códigos de cores e formas para representar cada instrumento pode representar uma ajuda importante.

Muitos alunos manifestam receio em cantar diante dos outros. Uma das formas que pode contribuir para superar este problema é a utilização de um tubo de mangueira. Colocar uma extremidade do tubo na orelha do aluno que pode, assim, ouvir o professor a cantar suavemente através da outra extremidade ajuda-o a fixar a nota e, simultaneamente, a ganhar mais facilidade em ouvir os outros.

Para o educador algumas regras são evidentes. É fundamental ser flexível, planejar com antecedência as aulas de música e ter vontade de aprender com o aluno. Recolher dados específicos sobre cada aluno é uma ferramenta útil para se desenvolver um planejamento organizado e adequado. É necessário que seja promovida uma visão de equilíbrio entre as exigências quase impossíveis e os desafios que podem ser superados (dentro das limitações e capacidades) pela pessoa com deficiências cognitivas. Todos os alunos podem ser bem sucedidos, mas precisam de oportunidades para concretizar. Devem ser focados com muito mais ênfase os aspectos positivos, e menos os pontos fracos. Os alunos com necessidades especiais aprendem melhor quando inseridos num ambiente bem estruturado que premeia a repetição, a familiaridade na rotina e a oferta de um leque variado de atividades complementares. Tal como o exemplo referido anteriormente, introduzir uma peça musical que seja reconhecida pelos alunos, no início e no final de cada aula, pode ser de suma importância.

Quanto às aulas onde se verifica muita atividade física, estas devem ser complementadas com atividades mais calmas. Parte da aula deve conter imitação e repetição de uma canção específica com um ritmo regular. As atividades que permitem simultaneamente a participação individual e a interação do grupo devem ser planificadas com a preocupação em diversificar as atividades antes do desinteresse dos alunos.

Uma sugestão final consiste em observar um conjunto de regras como as que podemos condensar na palavra PILAF: P = Perguntar; aos professores, a outros profissionais ligados às áreas da música, aos pais. I = Individualizar; olhar para além das deficiências do indivíduo, identificar as suas necessidades e possibilidades. L = Ler o mais possível sobre este área. A = Analisar os seus próprios sentimentos, experiências e comportamentos em relação às pessoas com NEE. F = Falar com a própria pessoa deficiente, mostrando disponibilidade perante ela.

Foi a partir de 1994 que, através da Declaração de Salamanca,¹⁵ o conceito de Educação Especial ganhou maior notoriedade. O conceito "Necessidades Educativas Especiais" (NEE) não é percebido da mesma forma pelo conjunto dos diferentes agentes nele implicados. Efetivamente, não se encontrou uma definição universal que circunscreva com exatidão o domínio da ação educativa especial. O termo Necessidades Educativas Especiais é lato e inclui alunos com capacidades de diferentes níveis, que demonstram dificuldades na aprendizagem e cognição, comunicação e interação, nos aspetos físicos e sensoriais e/ou comportamentais, emocionais e no desenvolvimento social. Nas três categorias habitualmente associadas às NEE, a categoria A refere-se à deficiência e abrange alunos cujas necessidades educativas decorrem de uma causa orgânica ou biológica identificada. Foi nesta categoria que este trabalho se centrou. (Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais - Acesso e Qualidade, 1994)

A Educação Especial desenvolve-se em torno da igualdade de oportunidades, de acordo com a qual todos os indivíduos, independentemente das suas diferenças, deverão ter acesso a uma educação de qualidade e capaz de responder às suas necessidades. É no pressuposto de que aprender é fazer, que se fundamenta o trabalho do educador musical. O caminho que se constrói com os alunos deve ser encarado como mais um elemento cognitivo e facilitador da estruturação da aprendizagem, viabilizando a descoberta e garantindo condições propícias para a construção do conhecimento.

A utilização da música e de outras formas de expressão artística desperta, em particular nas pessoas com necessidades especiais, um interesse e uma motivação pela descoberta do conhecimento que tem como base as suas necessidades e interesses. A deficiência deve ser encarada não como uma impossibilidade, mas sim como uma força. O recurso a diferentes formas de expressão artística permite alargar horizontes, aprender fazendo, melhorar capacidades intelectuais e estabelecer pontes entre o indivíduo, a comunidade e os espaços em que se encontra integrado.

¹⁵ A Declaração de Salamanca (1994) é uma resolução das Nações Unidas que trata dos princípios, política e prática da Educação Especial. Adotada em Assembleia Geral, apresenta os Procedimentos-Padrões das Nações Unidas para a Igualização de Oportunidades para Pessoas Portadoras de Deficiências. É considerada mundialmente como um dos mais importantes documentos que visam a inclusão social, juntamente com a Convenção sobre os Direitos da Criança(1988) e a Declaração Mundial sobre Educação para Todos(1990). Veio consolidar a educação inclusiva.

O objetivo da inclusão demonstra uma evolução da cultura ocidental, ao defender que nenhuma pessoa deve ser separada das outras por apresentar diferenças. Do ponto de vista pedagógico, esta integração revela a vantagem de existir interação entre pares, procurando um desenvolvimento conjunto, com igualdade de oportunidades para todos e respeito pela diversidade humana e cultural.

3. INTRODUÇÃO ÀS QUATRO INSTITUIÇÕES ONDE OCORRERAM OS ESTUDOS DE CASO

Este estudo pretende descrever a importância da música, bem como a necessidade de uma educação musical para aqueles que sofrem de deficiências cognitivas.

Foi um grande estímulo poder estar nos últimos 25 anos a viver uma experiência pessoal relativa ao fenómeno da saúde mental. Percebi que a música desempenha um papel muito importante na vida de quem é incapaz de comunicar com pouco mais que monossílabos básicos. Verifiquei também que para essa pessoa, e à medida que os desafios diários se manifestaram, a necessidade de ouvir música com regularidade tornou-se cada vez mais evidente e requerida no seu processo de aprendizagem. Então, encorajado pela visão de que a música, ainda que superficialmente, se assemelhava a uma panaceia para uma pessoa com dificuldades cognitivas graves, decidi investigar de perto a utilização da música e a educação musical no âmbito de instituições de aprendizagem, reabilitação, e Centros de Atividades Ocupacionais. Para isso, foi necessário aproximar-me da realidade das instituições e presenciar atividades curriculares de pessoas com necessidades especiais. Decidi acompanhar as atividades de música em quatro entidades diferentes e, por razões de ordem prática, recolhi os dados necessários em diferentes localizações dentro da área da Grande Lisboa.

As instituições escolhidas foram:

- 1) APPDA (Associação Portuguesa para as Perturbações de Desenvolvimento e Autismo).
- 2) CERCIOEIRAS (Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos com Incapacidade).
- 3) INSTITUTO da IMACULADA (direcionado para pessoas com necessidades especiais)
- 4) CENTRO de ARTE MODERNA (Fundação Calouste Gulbenkian).

Estas quatro entidades proporcionam uma educação musical numa base regular, embora o CAM (Centro de Arte Moderna) não seja uma instituição de ensino formal. Apresentei o pedido para fazer a pesquisa e foi-me concedida uma autorização especial pelas pessoas responsáveis destas quatro instituições para acompanhar cada um dos processos educativos. A escolha de entidades com perfis diferenciados foi intencional e

pude constatar, tal como previra, que cada estabelecimento tem uma metodologia diferente na sua abordagem à educação musical, o que é ao mesmo tempo estimulante e enriquecedor para o processo de pesquisa.

As quatro instituições usadas nos estudos de caso trabalham a música como atividade ocupacional. Três funcionam no contexto formal de centros pedagógicos, e uma assume uma função primária não-formal. Esta última promove como linha de ação educativa, a oferta de formas alternativas de expressão artística e compreensão musical às pessoas com necessidades educativas especiais.

Em cada uma das instituições observei uma média de 10 sessões práticas ao longo de um período de dois ou três meses. A minha presença física desenrolou-se de forma não interventiva durante o trabalho de observação, o que me permitiu estar atento a muitos dos aspetos do processo pedagógico. Os resultados observados nem sempre foram muito expressivos, mas no quadro de desenvolvimento lento que caracteriza esta população, podem ser considerados efetivos, compensatórios e gratificantes.

Primeiro detive-me nos padrões de comportamento verificados ao longo das sessões, tanto ao nível individual como de grupo. Pareceu importante tentar determinar até que ponto os graus de concentração, atenção, entusiasmo e emoção se alteravam no decorrer do processo de aprendizagem. Num segundo momento foi importante apurar a resposta dos alunos ao professor de música, em termos de movimento e interação. Em terceiro, foram identificadas as alterações ocorridas na sequência das sessões e analisados os resultados práticos. Mais, considerou-se importante compreender e valorizar as abordagens e a metodologia pedagógica dos professores. As grelhas utilizadas durante a observação (ver Apêndice D) focam-se em diversos critérios práticos: interação comportamental, emocional e comunicacional. Para tal foi necessário: (1) especificar o tipo de instrumentos utilizados em cada sessão; (2) analisar a resposta motora de cada aluno; (3) identificar o recurso a músicas convencionais como metodologia educativa, ou a utilização de formas mais intuitivas para desbloquear o potencial intrínseco de cada participante; (4) observar o uso de estímulos adicionais, tais como a combinação de música com o movimento; (5) categorizar o tipo de música preponderante em cada uma das instituições.

A APPDA é um centro de apoio socioeducativo inteiramente financiado pelo Estado Português. Nesta instituição, a terminologia usada pelos seus técnicos e professores para se referirem às pessoas com dificuldades cognitivas é “cliente”. Contudo, proponho

usar a palavra “aluno” na medida em que em causa estão processos de aprendizagem. Desde há vários anos a APPDA tem desenvolvido sessões regulares de música num contexto formal, tanto no Centro de Atividades Ocupacionais como na Escola de Educação Especial. Estas sessões podem assumir diversos formatos:

- individuais (com uma duração que nunca excede os 15 minutos) e que decorrem numa sala de música construída para o efeito;
- sessões de grupo, tendo lugar na sala habitual de atividades diárias num formato de um-para-um, mas com a presença de outras pessoas na sala (num total de aproximadamente oito pessoas, incluindo uma técnica auxiliar da instituição);
- sessões de grupo na sala de música, entre seis a oito alunos.

De forma paralela existem sessões que conjugam a música e o movimento, e que têm lugar no ginásio da APPDA. Tanto as sessões de grupo como as sessões de música e movimento são destinadas, em particular, aos alunos com graus significativos de insuficiências cognitivas e manifestações de autismo. Estive presente nas sessões de educação musical durante vários meses, entre 2013 e 2014. Os estilos predominantes utilizados pelo professor Rui Pais nestas sessões foram o Pop, o Jazz e canções infantis.

A CERCIOEIRAS é uma instituição sediada em Barcarena, no município de Oeiras. É um centro cooperativo de educação e reabilitação para pessoas com incapacidades e, particularmente, para pessoas com deficiências cognitivas. Embora ofereça diversas intervenções de ordem paliativa, só recentemente foi possível introduzir a música. Apenas através de fundos atribuídos pela Fundação Calouste Gulbenkian, e do contributo dos músicos profissionais (com formação musical clássica e pedagógica) da Orquestra de Câmara Portuguesa (com sede em Oeiras e, como tal, também apoiada pelo município), foi possível implementar a educação musical na instituição. As sessões que presenciei em 2014 resultaram num corajoso momento musical que ocorreu na festa de final de ano, num grande pavilhão. O estilo musical predominante nas sessões de educação musical na CERCIOEIRAS é a música clássica, sendo que os próprios alunos puderam participar através do uso de violinos e de instrumentos de percussão, afinados e não afinados, emprestados pela Orquestra de Câmara Portuguesa.

O Instituto da Imaculada trabalha, a nível escolar, com crianças e jovens adultos portadores de deficiências físicas e cognitivas, tendo recentemente aberto um Centro de Atividades Ocupacionais. É apoiado pelo Ministério da Educação e Ciência, e pela Segurança Social. Implementa sessões de educação musical no CAO, mas contando com a participação ocasional de algumas das crianças mais novas que frequentam o próprio Instituto. As sessões foram dinamizadas de forma regular, e com uma interessante pedagogia, pelo professor João Aleixo, docente do Conservatório Nacional na área de Formação Musical. A abordagem musical aqui utilizada promove a voz humana através de uma metodologia que é praticamente circunscrita ao uso de rimas infantis e canções populares.

Desde os últimos seis anos que o Centro de Arte Moderna, enquanto parte da Fundação Calouste Gulbenkian (instituição privada e não-formal) tem vindo a desenvolver uma ação educativa através de arte que, como tal, também abarca a educação musical para públicos com deficiências cognitivas. As sessões que presenciei em 2013 como observador não-participativo foram de grande interesse e centradas quase inteiramente na utilização do Instrumentarium Baschet. Os participantes trabalham a perceção visual e auditiva através dessas “estruturas musicais” que foram especificamente concebidas para o processo educativo e direcionadas, em particular, para aqueles que não têm acesso a uma educação musical tradicional. Foi uma excelente oportunidade observar como podem ser utilizadas por pessoas que sofrem de deficiências cognitivas.

3.1 APPDA – LISBOA



Ilustração 1 - Vista da instituição APPDA-Lisboa (Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo, 2015)

O primeiro centro de apoio socioeducativo da APPDA, em Lisboa (Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo, 2015), foi inaugurado em 1971. Contava com dez crianças, quatro profissionais e funcionava num andar de um prédio. Alguns anos mais tarde, a Câmara Municipal de Lisboa cedeu um terreno no Restelo à APPDA, onde se viriam a construir as primeiras oficinas, mas num edifício de construção precária, e ainda uma estufa. Em 1992 a Câmara cedeu um outro terreno no Alto da Ajuda, em troca do primeiro, onde foram finalmente construídos os Centros de Dia e quatro pequenas residências. Atualmente, a sede da APPDA-Lisboa está localizada no Alto da Ajuda, em Monsanto, num terreno com 12.000 m², onde se podem encontrar várias outras estruturas: o Centro de Atividades Ocupacionais, a Escola de Educação Especial, quatro Centros Residenciais, o Pavilhão Ajudaautismo, uma estufa (local onde os jovens da instituição desenvolvem atividades de hortofloricultura acompanhados por uma monitora credenciada) e ainda uma piscina terapêutica com cobertura.

A APPDA foi uma das instituições nas quais realizei o meu trabalho de campo e onde, felizmente, se incide sobre práticas de educação musical para alunos com necessidades especiais. O professor Rui Pais, músico com uma experiente formação de Jazz (Licenciando em ensino de música na Universidade Lusíada), é desde há vários anos o elo musical desta instituição. Toca guitarra elétrica e instrumentos de teclado com bastante qualidade e revela um carisma especialmente eficaz na captação da atenção dos seus alunos. Em virtude de ter assistido a várias aulas, tanto individuais como em grupo, pude testemunhar o progresso contínuo dos alunos que frequentam este instituto.

Aulas Individuais (Exemplo da aula 22.02.14)

As aulas individuais decorreram na sala de música que, embora seja relativamente pequena, está equipada com os instrumentos necessários para o desenvolvimento do trabalho. Estas aulas têm uma duração de cerca de 10 a 15 minutos, o tempo adequado para alunos com problemas cognitivos fortes.

O primeiro aluno, Leif, revelou bastante aptidão para a música. A primeira parte da aula consistiu em reações rítmicas e focou-se na relação entre professor e aluno, de forma a que o primeiro pudesse avaliar a coordenação do segundo. O instrumento designado por *Woodblock* (Bloco sonoro) foi o utilizado para partilhar esta experiência rítmica. O aluno esteve muito atento e sabia manusear muito bem as baquetas de forma a produzir som. As baquetas foram também utilizadas isoladamente – só a mão direita, só a mão esquerda e alternadamente - e com o mesmo efeito rítmico. Com estas atividades, o professor Rui conseguiu definir ritmos binários e ternários. Foi também interessante quando acompanhou o aluno no piano, e este revelou ter alguma noção da diferença destes ritmos, seguindo as mudanças propostas pelo piano. Também o tambor tribal foi utilizado para efeitos mais étnicos e, aqui, foi patente a necessidade de fazer ritmos num andamento bastante lento. No final da aula o aluno estava satisfeito e tinha conseguido reproduzir tudo aquilo que o professor exigiu.

O aluno que se seguiu, o João, apresentou mais problemas cognitivos e dificuldades motoras. Foi necessário recorrer à posição de estar sentado para que conseguisse tocar alguns ritmos. O professor Rui pediu-lhe que copiasse ritmos, batendo com as mãos nos joelhos, a acompanhar a pulsação regular de um metrónomo. Foi muito importante este controlo do corpo do João, através da estabilização das suas costas, porque assim conseguiu alcançar uma melhor coordenação. Também foram introduzidos alguns sons vocais simples, na tentativa de reproduzir as notas tocadas no teclado. O professor cingiu-se ao som de cinco notas musicais, sabendo que são reduzidas as possibilidades vocais de qualquer aluno com dificuldades cognitivas, o com o gesto da sua mão, ajudava o aluno a perceber como chegar mais perto dos sons solicitados. O João também terminou a sua aula com uma boa disposição e pequenos sinais de progresso.

Aulas em conjunto

Parte do plano de trabalho do professor Rui consiste em dinamizar aulas de música em conjunto, procurando atingir resultados minimamente satisfatórios. Porém, isto requer

alguma estabilidade mental dos alunos, pelo que são selecionados aqueles que revelam menos problemas cognitivos.

Na aula que presenciei neste dia houve nove alunos, sete do sexo masculino e dois do sexo feminino. Os alunos conhecem muito bem a sala de aula, pelo que não precisam da vigilância de um auxiliar. A sessão musical começa sempre com cinco minutos de socialização entre professor e aluno, de forma a reforçar laços de cumplicidade e de respeito mútuo entre ambos. Esta aula coincidiu com a preparação para uma atuação fora do espaço da escola, e consistiu no ensaio de peças com canções populares e uma componente lúdica. Para esta tarefa o professor Rui conta com o contributo precioso de um dos seus alunos que, apesar do forte grau de autismo é um músico nato e consegue juntar e encorajar os seus colegas a produzir resultados que são meritórios. Os alunos tocaram instrumentos de percussão, como o pau de chuva, ondas de mar, xilofone e tambor. Uma das alunas, a Sandrinha, conseguiu resultados bastante bons na bateria. Houve ainda tempo para uma improvisação musical e para um momento corporal em que os alunos “dançaram”. A peça mais solicitada naquele dia foi a canção “Brilha o sol”, sendo que o ensaio progrediu de forma muito produtiva graças ao carisma e talento musical do professor. Houve uma atmosfera de grande satisfação que procedeu da ideia de uma atuação em público. A aula terminou com resultados muito positivos ao fim dos seus 40 minutos de duração.

Aula individual dentro das outras salas da instituição (Exemplo da aula 26.04.14)

O professor Rui levou a sua guitarra e um tambor para a sala. O primeiro aluno, o Vasco, mostrou imensas dificuldades de coordenação motora. O professor tentou estimular o seu interesse musical e encorajá-lo a copiar, mas sem grande êxito. Utilizando o ritmo regular, o professor cantou “A loja do mestre André” com o aluno agarrado ao mini tambor, na tentativa de produzir alguns sons rítmicos. O Vasco ficou sentado o tempo todo. Possivelmente, teria sido mais produtivo se os exercícios tivessem sido feitos de pé.

O João foi mais alegre e participativo. Para o professor era importante perguntar qual a peça que ele queria tocar, e o João reagiu de forma positiva. Conseguiu produzir um ritmo insistente e manifestou prazer em estar a trabalhar com o seu professor.

A aluna Ana Sofia ficou muito inquieta ao ouvir os sons de guitarra do professor e, para que acalmasse, foi necessário explicar com calma e persistência como funcionava este

instrumento. Foi um caso de insucesso neste fenómeno musical, que tende normalmente a surtir resultados positivos.

O Pedro quis explorar ideias rítmicas, a quantidade e o volume de som que conseguia produzir com o seu tambor. Quis ainda tocar guitarra com as baquetas. Esta aula individual produziu resultados profícuos apesar de decorrer na sala onde o aluno passa a maior parte do seu tempo com os outros alunos presentes, e nem sempre sossegados. Noutras salas de aula (da mesma instituição) houve mais alunos a receber educação musical desta forma dentro do horário do professor.

O Ricardo mostrou competência para produzir ritmos embora sofra de problemas cognitivos que resultam em repetir tudo o que lhes é dito. No ritmo quaternário, o Ricardo conseguiu fazer um; dois; três; pausa, mas a sua concentração foi mínima e, como consequência, o exercício teve que ser muito curto. O professor tentou introduzir o ritmo ternário, mas sem sucesso, e sem saber se o problema se devia ao próprio ritmo ou à falta de concentração. É possível que o grau de exigência do professor tenha sido excessivo e que o uso de um ritmo mais pausado produzisse melhores resultados.

De uma forma geral os alunos desta instituição sofrem de problemas cognitivos que não permitem ir para além de uma adaptação ou assimilação superficial da música, mas pude testemunhar que em todos os casos houve uma pequena evolução durante as aulas ou trabalhos de grupo.

Aula de movimento e música

Na APPDA - Lisboa também se desenvolve uma aula que visa promover uma coordenação mais profunda entre o ritmo musical e a dança. Na aula que presenciei estiveram dez alunos e dois professores. Como a maioria dos alunos manifesta problemas motores, para além dos cognitivos, a coordenação é, em alguns casos, totalmente ausente. Outros conseguem reproduzir ideias de ritmo e de dança com mais facilidade.

Acompanhado por uma professora de expressão corporal, o professor Rui Pais tocava, enquanto a professora exigia movimentos em grupo. Um aluno savant (Micas) acompanhou esta aula na bateria. Alguns exercícios utilizados pareceram ser muito superficiais, a um primeiro olhar, mas permitiram suprir as inibições de todos os alunos. Recorreu-se ainda a várias ideias interessantes. Por exemplo, um trémulo produzido pelo professor Rui foi usado como sinal para abanar o corpo, enquanto o rapaz que

estava na bateria produzia um som insistente que obrigava os outros a colaborar e a não parar. Outros exercícios incluíam abanar as pernas, passar a bola, levantar os braços acima da cabeça, correr em círculos, pisar determinados objetos ou usar o Hula Hoop. A ideia de interação funcionou bem e houve uma verdadeira assimilação de alguns componentes rítmicos. Podemos concluir que na formação musical de uma pessoa com problemas cognitivos também é importante aliar a música ao movimento, pois mesmo em situações de níveis limitados de concentração se verificam pequenas explosões de entusiasmo e de alegria que indicam tratar-se de uma atividade pedagógica com valor.

3.2 CERCIOEIRAS



Ilustração 2 - Logotipo. (Cerci Oeiras, 2014)

A CERCIOEIRAS (2014) foi fundada em Outubro de 1975 por um grupo de pais e técnicos de reabilitação que se mostraram insatisfeitos com o atendimento prestado aos seus filhos, portadores de deficiência mental. Tem procurado, sobretudo, humanizar esse atendimento através da inserção de métodos e técnicas científicas aplicadas por funcionários especializados para o efeito e que, na medida das disponibilidades económicas, têm sido contratados.

No ano de 2013, e com uma média de oitenta colaboradores permanentes, a CERCIOEIRAS prestou apoio a:

Tabela 1 - Respostas Sociais/Serviços

Respostas Sociais/Serviços	N.º pessoas atendidas em 2013
Intervenção Precoce	98
Escola de Educação Especial	11
Atividades Terapêuticas e de Tempos Livres	16
Centro de Recursos para a Inclusão	221
Centro de Atividades Ocupacionais	92
Unidade Residencial	58
Serviço de Apoio Domiciliário	20
Banco de Equipamentos e Tecnologias de Apoio	60
Atividades de Enriquecimento Curricular	373
TOTAL	949

Fonte: Elaborada com base em dados fornecidos pela própria instituição.



Ilustração 3 - Vista das instalações da CERCIOEIRAS. (Cerci Oeiras, 2014)

Foi na primavera de 2014 que tive conhecimento de uma parceria entre a Orquestra de Câmara Portuguesa (OCP) e a CERCIOEIRAS para ministrar sessões de música aos alunos desta Cerci. A OCP, sediada no concelho de Oeiras, num edifício cedido pela Câmara Municipal, conseguiu financiamento através da Fundação Calouste Gulbenkian

para realizar sessões de música semanais com músicos dessa mesma orquestra. Esta parceria resultou da vontade de implementar uma educação musical básica com recurso à linguagem da música clássica. A coordenação deste projeto foi assumida por um dos violinistas principais da orquestra, Pedro Lopes, que, com a sua mestria musical, paciência, carisma pessoal e apoio de outros membros da orquestra, concebeu o projeto de produção de música clássica na própria Cerci e apresentações com a participação dos alunos e músicos do OC

Experiências Totais (07.07.14)

Esta foi uma sessão de Snoezolen.¹⁶ A sala construída para esta experiência é utilizada por muitas instituições que trabalham com pessoas com problemas cognitivos. É uma sala simples, decorada em cores suaves e que tem almofadas em lugar de cadeiras, pois pretende estimular a relação entre o relaxamento e os sons muito delicados. Localizada no interior do edifício, funciona numa atmosfera tranquila e sem luz exterior, porque se pretende justamente poder controlar a iluminação de acordo com a sessão que se quer desenvolver.

Nesta sessão estiveram presentes quatro alunos com acentuadas dificuldades de foro cognitivo, uma assistente e dois elementos da OCP. Iniciou-se com os professores a mostrarem um instrumento étnico designado por Pau de Chuva, assim nomeado porque consegue imitar o som de chuva através da sua forma de tubo de Bambu com pequenas pedrinhas inseridas no seu interior. Este instrumento, e o respetivo som que produz, foi muito adequado para acalmar os alunos.

A sessão prosseguiu com música clássica. No andamento “Primavera”, das *Quatro Estações* de Vivaldi, circularam algumas flores para os alunos cheirarem e sentirem o ambiente desta estação do ano. Para sugerir o vento foram abertos vários leques em simultâneo. De seguida, o terceiro andamento da 4ª Sinfonia de Tchaikovsky, cuja características são as cordas da orquestra em “pizzicato”, foi aproveitado para se massajar as costas e os braços dos alunos. Com lápis adaptados para não se picarem, estimulavam-nos com o próprio ritmo do andamento. Os professores e membros do OCP participaram ativamente.

¹⁶ A sala de Snoezelen é uma sala multi-sensorial que tem como objetivo a estimulação sensorial e/ou a diminuição dos níveis de ansiedade e tensão. Originalmente concebida nos Países Baixos nos anos 70 do sec XX é conhecida como uma sala MSE (Multi scenery environment).

Após estas dinâmicas, em silêncio, com a luz muito baixa e com o grupo disposto em círculo, foi sob grande espanto dos alunos que os professores tocaram pequenos sinos chineses, uma vez que estes instrumentos são quase invisíveis. Ouvia-se, de seguida, a música do bailado *Lago dos Cisnes*, acompanhada a triângulos e pequenos sinos que lhes foram distribuídos pelos professores de forma a poderem acompanhar o ritmo. A peça deste bailado, a *Valsa das Flores*, motivou uma nova massagem aliada ao ritmo da valsa, agora nos ombros dos alunos, permitindo uma coordenação rítmica com os seus corpos. Seguiu-se o momento mais dramático da sessão, que fez uso de uma total escuridão, depois inundada de luz. A abertura da ópera *Flauta Mágica*, de Mozart, foi o recurso musical utilizado para esta experiência, pois enquanto os três dramáticos acordes simbolizaram a solenidade dentro da escuridão, os momentos alegres e abertos foram ouvidos com a luz brilhante. Foi fascinante a reação dos alunos à associação de música sombria com escuridão na sala, e de música alegre com sala iluminada, tanto para eles como para as pessoas que estiveram presentes.

Os alunos entraram nesta sessão com um espírito pouco alegre e com poucas expectativas, mas esta experiência permitiu que terminassem a sessão mais contentes.

Sessão de Apreciação Musical

Na sala de educação física da CERCIOEIRAS realizou-se uma sessão de apreciação musical, utilizando instrumentos musicais da família da percussão. Foi dinamizada com quatro alunos (mais autónomos), um auxiliar e novamente a presença de dois professores da OCP. Como momento introdutório foi visionado o filme *SillySymphony* que demonstra instrumentos de Jazz e de música clássica. Conta a história de duas ilhas próximas, uma onde habitam os instrumentos de Jazz, e outra onde vivem os instrumentos sinfónicos, mas ambos em grande rivalidade. O filme pretende apresentar de forma lúdica, e a um público leigo, os variadíssimos instrumentos. Seguidamente, os músicos da OCP introduziram o xilofone para iniciar “conversas musicais” entre alunos e professores, bem como para produzir sons consoante a forma de tocar os instrumentos. Assim, com gestos bruscos ou suaves, foi possível ouvir a diferença entre o alegre e o triste. Os alunos exploraram as várias formas de produção de sons, com os dedos ou as baquetas, um só som ou múltiplos. A sessão terminou com os professores a tocar algumas peças populares conhecidas pelos alunos e três deles cantaram ao som do instrumento.

Apreciação Musical (07.07.14)

O segundo grupo foi diferente. Constituído por nove alunos com um estado cognitivo mais autônomo, entraram na sala com vontade de fazer música. A primeira tarefa foi ir buscar os instrumentos nela guardados: vibrafone, flauta e cavaquinho. Cada participante revelou ter noção de como manusear os instrumentos, o que possibilitou desde logo um “ostinato” no vibrafone, três notas com a flauta, e alguns sons no cavaquinho com a ajuda de palheta. O facto de estarem presentes dois professores de violino permitiu ampliar o número de instrumentos utilizados na sessão, sendo que dois alunos escolheram precisamente o violino, embora o tenham usado de forma bastante primitiva. Para além do vibrafone, o conjunto de instrumentos compôs-se de dois xilofones, um triângulo, dois cavaquinhos e uma flauta. A sessão terminou com o acompanhamento de um cd de música popular. Houve momentos de anarquia, mas de uma forma geral todos os alunos seguiram os elementos rítmicos. Seria necessário mais tempo para que cada aluno se sentisse à vontade com o seu próprio instrumento, mas os resultados que se apuraram em menos de uma hora foram largamente positivos.

Apreciação Musical (14.07.14)

Nesta sessão contaram-se seis alunos (três rapazes e três raparigas), um auxiliar e três professores. Iniciou-se com os alunos a andar em círculo ao som de música clássica, sendo que a obra selecionada para esta atividade foi o minuetto do *Concerto Brandenburgoês*, de J. S. Bach. O exercício consistia em andar ao som da música, mas parar imediatamente quando a música também parava, visando assim estimular a coordenação motora e levar o grupo a perceber a relação entre música e movimento. Um exercício parecido, mas com função diferente, foi o proposto para o som da segunda peça, “*Fantasia Carmen*” de G. Bizet, ao parar da qual os alunos deveriam ficar encostados à parede. A terceira foi uma balada de Chopin, em piano, com o objetivo de levar os participantes a sentar-se nas cadeiras quando a música também cessava. Estas três peças foram tocadas aleatoriamente para poderem diferenciar características musicais. Verificou-se uma adesão muito forte do grupo a estas atividades, mesmo nos casos de alguns alunos copiarem os seus colegas durante a paragem das músicas.

A segunda parte da sessão utilizou mais instruções e mais desenvolvimento musical. O orientador, Pedro Lopes, alinhou com os três rapazes, e a auxiliar com as três raparigas. Com um exercício das palmas, um grupo determinou um ritmo simples e o outro grupo respondeu com o mesmo ritmo. Os alunos que mostraram pouca aptidão para a

complexidade deste exercício, sobretudo quando os ritmos se tornaram mais sofisticados, foram ajudados pela professora Cristiana. Para os que denotavam pouco ritmo interno chegou a recorrer a um trabalho mais tátil. Seguiu-se um momento de trabalho a pares, sentados (mas sem contacto com o chão), novamente a tentar sensibilizar para a compreensão dos ritmos básicos. Foi interessante verificar que este exercício - embora com êxito parcial - revelou mais resistências, porque os alunos perderam o contacto físico dos pés com o chão. A última tarefa decorreu com baquetas de tambor invertidas, que serviram para bater nas baquetas de outros elementos do grupo, em ritmos extremamente simples e mais ordenados. As raparigas começaram a perceber as características dos triângulos e castanholas. Terminaram a sessão, com a marcha simples em tempo quaternário.

3.3 O INSTITUTO DA IMACULADA



Ilustração 4 - Vista das instalações do Instituto. (Instituto da Imaculada, 2013)

O Instituto da Imaculada (2013) é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) sem fins lucrativos. Fundado em 1933 pela congregação das irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição, o Instituto deu resposta às necessidades educativas de crianças com deficiência auditiva durante largos anos. Contudo, há pouco mais de uma década, o Instituto começou a ser solicitado para responder a outros problemas de desenvolvimento, nomeadamente Perturbações Globais de Desenvolvimento e Autismo. Em Setembro de 2009, e procurando responder a uma das mais significativas preocupações das famílias, implementou duas salas destinadas a atividades ocupacionais. As atividades terapêuticas ocupacionais e culturais aqui desenvolvidas assentam numa lógica de valorização e respeito pelas capacidades, necessidades e potencialidades individuais. O Instituto integra o Agrupamento de Escolas Manuel da Maia e desenvolve parcerias com outras entidades (Ministério da Educação e Ciência, Segurança Social). Há, contudo, uma preocupação em promover iniciativas que possibilitem criar fontes de autofinanciamento. No âmbito dos centros de atividades ocupacionais são ministradas aulas de música de uma forma regular. O Instituto da Imaculada promove um envolvimento efetivo e afetivo dos colaboradores no trabalho desenvolvido com os seus alunos e respetivas famílias, promovendo um conjunto de valores de entre os quais se destacam o respeito, exigência/profissionalismo, cooperação e valores éticos e cristãos.

As aulas da música são ministradas pelo professor João Aleixo, professor de música na área da formação musical do Conservatório Nacional, Lisboa.

Exemplos das sessões (25.06.14, 26.06.14 e 03.07.14)

Os alunos estavam todos sentados, pois alguns sofrem de problemas motores, a par das deficiências cognitivas. Esta sessão foi promovida para oito participantes - cinco rapazes e três raparigas - tendo sido iniciada da forma como o professor João inicia sempre as suas aulas: a cantar “Bom Dia” a todos os alunos, seguindo a ordem dos ponteiros do relógio. Ao cantar, o professor introduz o nome de cada aluno, pretendendo com isso estimular a sua reação. A esta luz, também introduz nomes errados para que possam ser corrigidos pelos próprios. É desde logo determinante criar um ambiente calmo nos primeiros minutos, pois em causa estão pessoas que passam grande parte do seu tempo em estado de ansiedade.

Utilizando o pandeiro e as baquetas de madeira, o professor pediu individualmente a cada aluno que acompanhasse as suas canções e reproduzisse cada som. O professor optou por tocar o pandeiro com as baquetas de forma a evitar a tendência de não se concentrarem na reprodução do ritmo. Um outro instrumento exótico a guizeira, (Bell Tree), abriu a possibilidade de chocalhar e produzir sons encantadores enquanto cantava, com ou sem a participação dos alunos. Nesta aula, o professor João conseguiu libertar a espontaneidade necessária, provando, uma vez mais, que para atrair cada aluno e tentar criar momentos de compreensão e participação coletiva é necessário conciliar a competência musical com o carisma pessoal. A sessão terminou novamente com a cantiga “Bom dia,” no intuito de que todos sentissem esse momento como especial.

Seguiu-se uma segunda sessão, agora dirigida aos alunos com maior grau de dificuldades e com deficiências cognitivas mais profundas. Adaptando a mesma metodologia de canto ao longo de grande parte da aula, o professor também fez recurso ao contacto físico mais imediato, massajando as costas dos alunos para os ajudar a relaxar. Introduziu adereços (como um chapéu de palha), cunhando o seu trabalho com uma atitude mais lúdica.

Em cada grupo de alunos há geralmente um que revela maior aptidão para cantar, a quem o professor João recorre para ajudar os seus colegas. Apenas com o uso das suas mãos conseguiu demonstrar muitas ações descritas nas cantigas, tais como andar,

correr, saltar ou até “mergulhar” (criando a sensação de que estamos presencialmente a apreciar a natureza). Considerou-se ainda que pode ser produtiva uma maior utilização das palmas num grupo com limitações físicas, pois denotam geralmente uma extrema dificuldade em manusear objetos musicais.

Esta sessão realizou-se com sete alunos e sem a intervenção de qualquer membro auxiliar. Importa salientar que o elemento surpresa está sempre presente nas aulas do professor João. Uma bola escondida dentro de um chapéu foi o mote para a canção “Salta a bola”. A bola circulou por todos os alunos à medida que estes cantavam, e quando não detinham a bola batiam as palmas ao ritmo da canção. Há alunos que gostam de ouvir as suas cantigas preferidas, e o professor sabe quando é o momento de satisfazer esses desejos. Desta forma consegue que as sessões ganhem ritmo, conteúdo e terminem sempre com boa disposição.



Ilustração 5 - Audição Musical na festa de Natal. (Instituto da Imaculada, 2013)

A metodologia usada pelo professor João consistiu em dispor os seus alunos em redor de uma grande mesa e em interagir individualmente com eles, recorrendo também a uma componente tátil. Ao utilizar exclusivamente cantigas infantis, a ideia central deste professor é a de estimular e introduzir o canto e os movimentos rítmicos. O professor tem uma voz afinada e agradável, mas pouco verbalizou durante as aulas, que decorreram a cantar durante cerca de 45 minutos. Recorrendo ao tampo da mesa, introduziu ritmos simples que começou sempre por demonstrar. A reação dos alunos não foi uniforme, mas a grande maioria revelou ter sido estimulada para participar. Foi introduzido um pequeno xilofone portátil e o professor João tocou melodias simples e conhecidas. Também recorreu a um triângulo e outros objetos, como um apito, que distribuiu aos alunos segundo uma ordem coordenada e não aleatória.

3.4 CENTRO DE ARTE MODERNA (CAM)



Ilustração 6 - Vista do edifício CAM. (Fundação Calouste Gulbenkian, 2015)

Criado em 1983, o CAM – Centro de Arte Moderna – da Fundação Calouste Gulbenkian está vocacionado para preservar, investigar e tornar acessível ao maior número possível de pessoas a coleção que mantém à sua guarda, constituída por obras de arte dos séculos XX e XXI. (Fundação Calouste Gulbenkian, 2015)

A sua programação anual inclui a organização de exposições temporárias sobre obras de artistas portugueses e internacionais, bem como a apresentação de uma exposição permanente realizada a partir de uma seleção de obras em acervo. A coleção do CAM reúne atualmente cerca de 9.000 peças de artistas portugueses e internacionais, destacando-se a representação da arte portuguesa das primeiras décadas do século XX.

As atividades do CAM integram-se na vasta programação cultural que a Fundação Calouste Gulbenkian oferece. As atividades educativas relacionadas com as exposições são atualmente programadas no contexto do Descobrir -Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência.

A partir do período letivo de 2012/2013, o Descobrir desenvolveu uma programação unificada dedicada a públicos com necessidades educativas especiais. Foram cruzadas várias linguagens e materiais numa prática estimulante e especializada para criar espaços de inclusão, criatividade e fruição em diálogo com o património artístico da

Fundação. A metodologia de intervenção resulta das experiências que Miguel Horta e Margarida Vieira têm vindo a acumular desde 2006 nas oficinas "Museu Aberto," realizadas no CAM. Ao longo de 6 anos esta equipa desenvolveu trabalho com públicos muito diferenciados - com diferentes necessidades, desafios e exigências - tendo planificado e implementado um conjunto de oficinas criativas igualmente especializadas e diversificadas. O meu trabalho de campo incluiu duas destas oficinas, intituladas "Com pés e cabeça" e "Eu sou som".

"Com pés e cabeça" trata-se de uma visita-oficina que parte de coleção de CAM, mais especificamente das obras nas quais a presença do corpos é notória, para um trabalho que se segue em torno do esquema corporal, da expressão e movimento, do som e representação gráfica. A música é um elemento fundamental nesta oficina através da utilização do *Instrumentarium Baschet*. "Eu sou som" também adotou uma estrutura similar e o recurso ao *Instrumentarium*, mas implicou mais jogos e conversas musicais.

O *Instrumentarium Baschet* é um conjunto de instrumentos musicais concebidos e construídos por dois irmãos franceses (Baschet) durante o século XX. Estes são instrumentos com características de cordofones e xilofones, e praticamente todos possuem altifalantes simples que permitem refletir e aumentar os sons particulares de cada instrumento. Incluído neste lote de 14 instrumentos existe um com a forma de peças de cristal que pode ser tocado com os dedos das mãos molhados (com a ajuda de um copo de água), produzindo um som celestial. Este conjunto de instrumentos tão invulgar (produzido em França) foi concebido, sobretudo, para facilitar o toque de um instrumento a pessoas com deficiências ou sem aptidão para tocar instrumentos convencionais.

A Fundação Calouste Gulbenkian decidiu apostar neste *Instrumentarium* comprando um conjunto destes instrumentos e treinando um músico para os tocar e estimular a sua utilização por grupos com necessidades especiais. Foi neste sentido que a professora Lídia Robertson estudou, em Paris, o *modus vivendi* dos instrumentos. A responsável por esta área, Margarida Vieira, em colaboração com o artista plástico Miguel Horta, concebeu uma forma de relacionar as obras do espólio do CAM com o *Instrumentarium*.

Durante o ano de 2013 assisti a várias sessões lúdicas direcionadas para pessoas com necessidades especiais, e sobretudo problemas cognitivos, que decorreram na sala onde estavam dispostos os instrumentos.

Sessão com alunos do agrupamento da Escola EB de Rio de Mouro¹⁷ (Exemplo da sessão 06.03.13)

Os instrumentos foram apresentados aos quatro alunos com problemas cognitivos - três rapazes e uma rapariga, cada um com a sua auxiliar. As primeiras reações foram de espanto. A rapariga revelou-se ser a mais disponível em termos de socialização, mais aberta e disposta a experimentá-los. Quanto aos outros elementos do grupo, à medida que se sentiam mais confiantes iam, também eles, manuseando e tocando os instrumentos. Encontraram sons múltiplos e, sobretudo, associaram-se aos xilofones. A rapariga já sabia tocar bateria e demonstrou facilidade em expressar-se com ritmos compreensíveis. Passados estes 15 minutos introdutórios foi necessário que a professora Lídia demonstrasse as peculiaridades de cada instrumento, pelo que pediu aos jovens, um a um, para os ir tocando. Um jogo, inventado na altura, e que consistiu numa “conversa” entre instrumentos foi muitíssimo bem aceite por todos. Tanto a Margarida como o Miguel exploraram a competência de cada aluno, assim como as suas capacidades motoras e intelectuais para lidar com este *Instrumentarium*. A professora Lídia, também tentou tirar partido dos aspetos vocais de cada aluno. Em suma, foi muito gratificante ver o trabalho desenvolvido individualmente com cada membro do grupo e, embora não tenha existido reprodução de ideias tradicionais a respeito de música, houve uma forte adesão à manipulação dos instrumentos e concretização dos objetivos propostos. O grupo terminou a sessão bastante animado e com desejo de continuar a experimentar os instrumentos, tendo os alunos ficado bastante fascinados pela invulgaridade de tudo o que observaram.

Sessão com alunos da Crinabel Conde Barão.¹⁸ Sessão-“Com Pés e Cabeça.” (Exemplo da sessão 08.03.13)

O grupo da instituição Crinabel já conhecia a Margarida e o Miguel, pelo que foi com enorme satisfação que entrou no edifício do Centro de Arte Moderna. Eram onze alunos - nove rapazes e duas raparigas - todos portadores de Trissomia 21. Desceram para a sala onde estava o *Instrumentarium* e, aí, tiveram o primeiro contacto com estes instrumentos. Na ausência da professora Lídia cabia aos dois auxiliares demonstrar as várias modalidades deste *Instrumentarium*. Foi muito importante ser-lhes dito que estavam perante esculturas sonoras, na medida em que já tinham visitado o CAM e

¹⁷ Agrupamento de Escolas Leal da Câmara, Departamento de Educação Especial

¹⁸ Crinabel-Cooperativa de Educação de Crianças Inadaptadas de Sta. Isabel / Cooperativa de Solidaridade Social e Ensino Especial, C.R.L., Largo Conde Barão, nº5, Lisboa.

conhecido várias peças de escultura. Uma estratégia interessante consistiu em utilizar metáforas para estabelecer pontes compreensivas com esse corpo de instrumentos invulgares. Assim, o cordofone foi assemelhado a um “piano nu”, outro dos instrumentos ganhou contornos muito parecidos com um “caracol”, e “antenas televisivas” foi a descrição apresentada para um xilofone em posição vertical.

Após estas observações, os alunos receberam indicação para poder tocar. Primeiro foi necessário propor um jogo de conversas entre instrumentos, o que se revelou ser uma sugestão muito feliz para desfazer as inibições de certos membros do grupo. Todos os alunos revelaram diversos problemas do foro cognitivo, incluindo formas ligeiras de paralisia cerebral, mas ninguém se excluiu desta experiência. Ao pedido da Margarida, um dos alunos tocava enquanto os outros dançavam e, de modo geral, aqui não se verificaram inibições por parte dos alunos. Porque os instrumentos estavam dispostos em forma de um grande círculo, tornou-se possível que os participantes se movimentassem no interior desse espaço.

No prosseguimento do trabalho houve momentos de pintura, ainda nesta mesma sala, então organizados pelo Miguel Horta. Isto permitiu que houvesse um verdadeiro sentido de coletivismo, em vez de uma posição individual associada a cada instrumento. Foi dito na altura que, em parte, isto se deveu ao contacto com os instrumentos musicais momentos antes. À pergunta da Margarida sobre qual o instrumento que mais gostaram, os alunos responderam o instrumento em forma de trompa. Também foram muito apreciados os pequenos xilofones, com a utilização das baquetas, e os cordofones. Há, de facto, uma enorme vantagem em que todos estes instrumentos possam ser manuseados e apreciados de forma tátil pelas pessoas com necessidades especiais.

Ainda no mesmo dia decorreu uma segunda sessão, também com um grupo de alunos da Crinabel e igualmente com dificuldade cognitivas, mas com idade superior ao primeiro. Aqui, devido a resistências adquiridas desde há muito tempo, houve maior inibição por parte dos alunos. Para ajudá-los a conseguir “abraçar” os instrumentos foi requerido um trabalho terapêutico de movimento e relaxamento antes de ser iniciada a sessão. Acresceu a dificuldade de restrição de movimentos de algumas pessoas, o que não contribuiu para a aproximação ao *Instrumentarium* porque, para ter contacto com os instrumentos, é necessário estar-se sentado no chão ou de joelhos perante os mesmos. Com a ajuda de algumas almofadas, um compromisso físico foi alcançado. Entre este grupo de pessoas, a harmónica de cristal foi o instrumento que mais fascinou.

O ritual de jogo entre instrumentos também produziu resultados, mas não houve tentativa de aplicar a atividade de dança. Todos os alunos se fascinaram, embora alguns não tenham conseguido libertar os seus movimentos, nem participado ativamente.

Sessão com alunos da Associação “Persona” do Barreiro.¹⁹ Sessão -“Eu sou som.” (Exemplo da sessão 23.03.13)

A última sessão desta série de visitas ao CAM presenciada pelo mestrando foi dirigida ao grupo “Persona”. Escolheram a atividade “Eu sou som” orientada pelos professores Miguel Horta e Lídia Robertson. Foi dinamizada para um grupo de pessoas, das mais velhas nestas sessões, mas também com problemas do foro cognitivo. Estiveram presentes nove adultos e dois auxiliares.

A sessão iniciou-se com a visita ao CAM e uma confrontação com a peça de escultura intitulada “Durante o Sonho”, de Rui Chafes. Foram apresentadas perguntas sobre a peça e oferecido um grande número de respostas. Questões acerca da forma da escultura, representação e material utilizado são alguns dos exemplos, que terminaram com: “qual o tipo de som que sai da própria escultura?”. Alguns disseram que não era possível, em virtude de ser um objeto inanimado, mas outros tiveram mais imaginação. No entanto, em virtude de a obra estar suspensa com peças metálicas, foi uma pergunta difícil para muitos deles. Produziram alguns sons utilizando a boca, sugerindo o vento e, uma vez mais, a ideia dos sons assumiu-se como um elo para o *Instrumentarium Baschet*, tendo então a professora Lídia utilizado a sua experiência como flautista para conduzir o grupo em marcha. Este grupo foi, claramente, o que denotou menores dificuldades cognitivas, e os participantes revelaram-se extremamente abertos durante toda a visita. Bastante atento e calmo, o grupo sentou-se em redor do *Instrumentarium*, então montado sobre um grande tapete de forma oval. Aproximaram-se dos instrumentos com um misto de surpresa e espanto. Alguns decidiram experimentá-los, enquanto outros estavam contentes só de os ver. A professora Lídia apresentou as origens, uma breve explicação sobre este *Instrumentarium*, e articulou-o com a experiência prévia que o grupo teve no museu. Declarou que não há regras nem obrigações para conhecer os instrumentos, somente a responsabilidade de não os danificar, o que criou um forte sentido de responsabilidade nos participantes. Foram distribuídas baquetas e bolas no intuito de potenciar mais ideias relativas à produção do som. Com as baquetas conseguiu-se uma resposta muito ordenada, tendo a qualidade

¹⁹ Persona- Associação para a Promoção da Saúde Mental. Rua Berthelot, 1, Baía do Tejo, Barreiro.

rítmica de alguns alunos sido muito boa. Curiosamente, o ritmo de duas notas pequenas seguido de uma nota mais comprida foi encontrado logo no princípio da sessão. A proposta de “conversar” entre os instrumentos foi, de novo, utilizada para alcançar resultados satisfatórios. A Lídia pediu aos participantes para pensar nos sons dos pássaros, depois numa frase, e traduzi-los para um ritmo e um som com o próprio instrumento. Por exemplo, um búzio serviu para a professora Lídia demonstrar as possibilidades do som e depois passar o desafio para os presentes, que misturaram estes sons com os sons do *Instrumentarium Baschet*. Outro momento importante da sessão ocorreu quando os participantes copiaram um elemento rítmico proposto pela orientadora, na medida em que este exercício contribuiu para expandir o leque de experiências durante a sessão.

O grupo manifestou grande aceitação, elevado nível de concentração e grande alegria ao produzir determinados sons, em particular os da harmónica de cristal. Todos os alunos acalmaram. Experimentaram os instrumentos de diversas maneiras e, progressivamente, também manusearam as lâminas dos xilofones e as cordas através de várias técnicas. A brincadeira do “Jogo das Cadeiras” possibilitou que todos os alunos pudessem experimentar todos os instrumentos. Através do uso de um arco de violoncelo nos cordofones, a professora Lídia demonstrou outras possibilidades de produção de novos sons.

Contudo, para além deste carácter deveras positivo pareceu ser importante haver mais conhecimentos a respeito das competências e capacidades dos elementos do grupo. Mais, o *Instrumentarium Baschet* ajudou a libertar expressões musicais de forma muito edificante, mas se puder vir a ser orientado para música tradicional pode vir a significar uma etapa mais avançada no conhecimento musical. O facto de o *Instrumentarium Baschet* ser praticamente desconhecido dentro das instituições de Educação Especial atesta que sem qualquer experiência prévia e em apenas uma ou duas sessões, os alunos conseguem progredir para níveis musicais mais exigentes.

LabMóvel no CAM (Exemplo das sessões 17.06.13 e 21.06.13)

Em linha paralela, gostaria de descrever uma experiência interessante que tive no âmbito do projeto “LabMóvel” e que foi promovida com crianças, na sua maioria autistas. Trata-se de um projeto organizado no CAM pela Margarida Vieira e concebido de forma funcional pelo músico Simão Costa, utilizando exclusivamente sons produzidos por meios tecnológicos. Estes incluem computadores, *i-Pads* e outros equipamentos mais associados ao horizonte da música eletrónica. O objetivo é desenhar reações e criar possibilidades físicas para os participantes produzirem sons sem a necessidade de aprenderem as técnicas de um instrumento musical convencional. O fascínio pelo mundo dos telemóveis e *tablets* é enorme junto das pessoas com NEE, quanto comparado com a população sem estas características especiais.

Presenciei uma sessão na qual este projeto foi desenvolvido com um grupo de participantes do Instituto Condessa de Rilvas²⁰ (instituição pedagógica gerida pela Santa Casa de Misericórdia). Eram seis alunos com graves dificuldades de aprendizagem e acompanhados apenas por uma auxiliar e um assistente social do Instituto. A sessão iniciou-se no CAM, mais precisamente na exposição temporária “Galápagos”, onde a partir de uma instalação se mostrou a atividade sísmica de uma área vulcânica. Houve ainda a apresentação de um vídeo de gráficos sísmicos. Durante estes 30 minutos que foram passados na exposição (sem impedimentos, uma vez que não estava presente qualquer outro público), e a partir desta instalação artística, os participantes puderam também experimentar os sons do vento e outras sonoridades que estavam gravadas.

De seguida, o grupo foi encaminhado para uma grande sala no CAM, onde foi convidado a recriar a experiência anterior. O som do vulcão foi o tema que Simão Costa (SC) utilizou para introduzir o conceito de vibração. Recorrendo ao uso de um diapasão como recetor, os alunos puderam sentir o som e respetiva vibração nos seus próprios corpos. Havia ainda altifalantes que, através dos *i-Pads*, poderiam ser “estimulados” e “manipulados” de acordo com o nível de pressão exercida pelos dedos e a velocidade do seu movimento. Foi assim que produziram vários graus de “ativação” sonora usando a membrana de altifalante que “vibrava” com os meios utilizados para explorar estes sons.

²⁰ Instituto (médico-pedagógico) Condessa de Rilvas fundado em 1937 pela própria condessa (francesa de origem) que propôs uma escola de serviço social. Tem um Centro de Atividades Ocupacionais e uma residência.

Pequenos seixos, algumas chaves e até mesmo pó de caril foram colocados sobre as colunas e sentidas as diferentes reações vibratórias (pela audição e visão). Esta prática surtiu um efeito positivo sobre os participantes, despertando aqueles que estavam introvertidos e intimidados. O fascínio e o prazer destes sons produzidos de forma tão invulgar enriqueceu bastante a sessão. Em virtude de serem apenas dois os *i-Pads* disponibilizados, introduziu-se o bater de palmas de forma organizada e coordenada, visando demonstrar a complexidade dos padrões recebidos pelo vulcão imaginário. A relação entre o grupo e os *tablets* foi muito interativa. Dispensaram-se ainda telecomandos com sensores programados para produzirem diferentes sons sempre que eram abanados.

Uma das estratégias que se apurou eficaz para estabelecer uma sessão dinâmica e fluente foi o recurso a perguntas para estimular os alunos, então propostas pela Margarida Vieira (MV) e Simão Costa (SC). No final da sessão (que durou uma hora e meia) foi notória a elevada concentração de todos os alunos que participaram.

Quatro dias mais tarde o mesmo grupo regressou para uma segunda sessão, desta vez na presença de três assistentes sociais estagiários. MV perguntou aos alunos se poderiam explicar o trabalho desenvolvido na primeira sessão mas, como é aliás característico das pessoas com necessidades especiais, a capacidade de retenção da memória revelou-se mínima. Mas o SC filmou a sessão e, quando mostrou o vídeo, recebeu uma forte resposta da maioria do grupo. O único elemento feminino teve uma verbalização limitada, mas conseguiu produzir as ocorrências da sessão anterior de uma maneira muito fiel. O SC pediu aos alunos para produzir um sismógrafo feito através do *i-Pad*. Enquanto desenhavam, os sons que produziam foram transmitidos (através do LabMóvel) para os altifalantes. Sobre as membranas dos altifalantes foram colocadas páginas brancas A4 e, com o recurso a um lápis de carvão, foram feitos desenhos aleatórios. Todos os alunos participaram, tendo alguns deles manifestado um grau de sofisticação na manipulação dos *i-Pads*. Utilizando os telecomandos adaptados pelo SC foi criada uma peça musical coletiva com todas as pessoas presentes. Disponibilizou-se um *tablet* programado para produzir sons de frequência aguda ou grave, consoante o toque e a zona do ecrã. O *tablet* passou por todos os alunos e adicionaram-se sons em "Loop". O carácter aleatório dos sons reproduzidos pelo computador criou uma textura musical fascinante e com ritmos extremamente complexos. A MV sugeriu que os alunos dançassem ao som desta experiência. Depois de criada uma peça tão complexa, e através do LabMóvel, o SC conseguiu extrair cada som introduzido (eram

cerca de doze) até ficar com um único. Houve finalmente um momento de silêncio, mas como o SC gravou toda a experiência musical optou por repetir a música produzida com os alunos, agora ouvintes. A MV sugeriu que fechassem os olhos enquanto ouviam. Assim que terminou esta segunda sessão, todos ficaram sensibilizados pelo número infinito de possibilidades tecnológicas proporcionadas pelo LabMóvel.

Esta vertente de educação musical pode parecer fronteiriça, mas o elemento surpresa aliado a uma linha pedagógica credível tornou todos os alunos muito concentrados durante a sessão. Sabendo que a capacidade de concentração é uma dificuldade nas pessoas com necessidades especiais foi visível o progresso intelectual entre as duas sessões.

4. EDUCAÇÃO MUSICAL PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS EM PORTUGAL – MAPEAMENTO NACIONAL

A música como recurso pedagógico nas instituições de Educação Especial.

No seguimento desta investigação sobre a pertinência *instrumental* da música, aqui entendida como elemento mediador fundamental ao desenvolvimento da pessoa com deficiência mental, tornou-se necessário clarificar em que medida a música está a ser utilizada como recurso pedagógico pelas entidades implementadas no panorama da Educação Especial portuguesa. A esta luz tentou produzir-se um levantamento das respetivas entidades educativas e da forma como estas empregam a música no desempenho das suas missões.

Os dois objetivos que nortearam o levantamento institucional foram:

1. Apurar a utilização do recurso pedagógico da música pelas instituições que trabalham em regime exclusivo no contexto da Educação Especial em Portugal Continental, tanto no setor público como privado.
2. Identificar o perfil profissional dos educadores que aplicam a música enquanto instrumento pedagógico nas referidas instituições.

Visando atingir os dois objetivos definidos primariamente, o processo de investigação foi enquadrado em três momentos estratégicos distintos:

- 1º Definição do universo das instituições dedicadas à Educação Especial em Portugal Continental. De acordo com este fio condutor foi desenvolvido um processo inicial de pesquisa e de recolha de informação (decorrido entre os meses de Maio a Julho de 2014), do qual resultou a listagem de entidades que se dedicam em regime exclusivo ao horizonte da Educação Especial, tanto de carácter público como privado.
- 2º Aplicação de um questionário às instituições de Educação Especial, relativo à utilização da Música enquanto recurso educativo.
- 3º Aplicação de um questionário aos profissionais das instituições que declararam exercer funções no âmbito do Ensino Musical.

Em virtude da sua própria especificidade, os procedimentos utilizados na prossecução da estratégia acima definida ramificaram-se nos respetivos momentos:

1º Ao identificar as entidades nacionais que se dedicam, em regime exclusivo, público ou privado, à Educação Especial em Portugal Continental, importou desde logo operar a diferenciação entre o Ensino da Música e a dinamização de Atividades Musicais. O primeiro implica uma adoção curricular e sistematizada por parte das instituições, enquanto o segundo não é assumido pelos organismos no seu carácter disciplinar, nem exige como condições a regularidade e a sistematização.

O processo de identificar e compor a listagem das entidades decorreu, na sua génese, da consulta de diferentes redes institucionais portuguesas, públicas e privadas, que operam no campo exclusivo da Educação Especial. É neste horizonte de sentido que foram consultados os seguintes organismos: Ministério da Educação e Ciência, Segurança Social (Carta Social: rede de serviços e equipamentos), FENACERCI - Federação Nacional de Cooperativas de Solidariedade Social e Rede Solidária.

Nesta seleção não foram contemplados os Serviços de Educação Especial da Rede Escolar Pública, em virtude de a análise proposta estar focada nas instituições de Educação Especial que não se regulam pelo currículo específico desta primeira rede e que detêm alguma autonomia na construção do seu modelo pedagógico e na oferta das suas atividades.

Em consonância com estes critérios de pesquisa foram identificadas 346 entidades que se empenham na Educação Especial em Portugal Continental. A partir dos dados recolhidos foi elaborada uma base de dados com o propósito de aferir a existência ou não de oferta de ensino de música e/ou da dinamização de atividades musicais no território pedagógico da deficiência e multideficiência.

2º Procedeu-se seguidamente ao envio de uma mensagem por correio eletrónico, então direcionada a cada uma das instituições, e na qual foi sucintamente apresentado o projeto de investigação em curso (intitulado *Música e Desenvolvimento – a Importância da Educação Musical na Pessoa com Deficiência Mental*), assim como se justificou a sua relevância. Este contacto pretendeu solicitar o contributo das entidades no processo de levantamento de dados através da breve resposta a duas questões:

- Os alunos da vossa escola/instituição têm aulas de música de forma regular e sistemática, isto é, contempladas como parte integrante do plano curricular?

- Caso existam as aulas de música acima referidas, são planificadas e lecionadas por professores /educadores especializados?

Às entidades que não forneceram informação de retorno optou-se por uma aproximação telefónica, por intermédio da qual foi novamente exposto o intuito da investigação e solicitadas as respostas às perguntas já anteriormente enviadas.

No caso dos Centros de Atividades Ocupacionais (CAO), que não se constituem na sua identidade formal como entidades de ensino, a pergunta relativa ao ensino da música foi substituída pela oferta, ou não, de atividades musicais.

As instituições que responderam não disponibilizar Ensino Musical foram posteriormente questionadas acerca da oferta de atividades nesse âmbito, primeiro por via eletrónica e, nas situações de ausência de resposta, por contacto telefónico. Esta pergunta não constava na primeira mensagem enviada às instituições devido ao enfoque primário da investigação estar dado na prática do Ensino Musical. Foi apenas com o volume de respostas negativas a esta questão que, num segundo momento, se justificou a abertura do critério de análise a respeito das atividades musicais.

3º Após o contacto com todas as instituições foram filtradas aquelas que indicaram promover ensino de música, enquanto prática pedagógica presente na oferta curricular dessas mesmas entidades. A este pequeno núcleo de 19 organizações, e após o aviso telefónico do correio eletrónico que se seguiria, foi submetida uma nova mensagem eletrónica com o envio de um segundo questionário (ver Apêndice C) dirigido ao profissional responsável pelas aulas de música, e a partir do qual se visava compreender em linhas gerais o contexto em que as aulas decorriam. No início de 2015 novas mensagens foram enviadas a solicitar esse contributo, mas até ao momento não foi obtida a totalidade das respostas.

Da informação recolhida foi possível inferir, para cada uma das três fases de investigação, os seguintes resultados:

1º Foram identificadas 346 instituições, agrupadas em três categorias, a saber: Centro de Atividades Ocupacionais - CAO (172), FENACERCI (51) e Outras Entidades Pedagógicas (124).

Por defeito, a designação “Outras Entidades Pedagógicas” é decorrente da diversidade de estatutos que caracteriza as instituições aí integradas e pela consequente

impossibilidade de as agrupar num conjunto uniforme de especificidade. De forma a facilitar a leitura dos dados, a informação encontra-se primeiramente agrupada na totalidade das entidades analisadas e, seguidamente, organizada pelas respetivas categorias.

2º Das 346 entidades apuradas, apenas 19 promovem Ensino Musical, integrado portanto como prática curricular e sistematizada. Entre este reduzido núcleo, 3 das instituições são membros associados da FENACERCI, enquanto as restantes 16 são classificadas como outras instituições pedagógicas. Os CAO, em função da sua constituição formal de Centros de Atividades Ocupacionais não integram a valência de ensino no seu sentido estrito.

Entre as 51 entidades associadas da FENACERCI apenas 27 possuem a valência de Ensino Especial. Entre estas, 3 declaram proporcionar aulas de música, e outras 3 dinamizam atividades. Assim se infere que as restantes 21 que integram esta categoria não promovem nem aulas, nem atividades de música.

Entre as organizações que não oferecem Ensino Musical, mas que desenvolvem atividades com recurso à música, num registo pontual ou com frequência regular, encontram-se 93 entidades determinados, na sua maioria, como Centros de Atividades Ocupacionais (53). A restante divisão é feita entre 9 membros associados da FENACERCI e 31 outras entidades pedagógicas.

3º A respeito do perfil dos educadores que utilizam a música como instrumento educativo, tanto no ensino como nas atividades, apurou-se que num total de 97 instituições esses profissionais detêm formação na área da música (professor e/ou músico). Estão distribuídos por 46 organismos CAO, 12 associados FENACERCI e 39 instituições pedagógicas.

Na totalidade das FENACERCI que fomentam aulas ou atividades de música, a dinamização é sempre operada por profissionais do horizonte musical.

Em 7 dos CAO este recurso pedagógico é utilizado por profissionais sem formação musical. O mesmo se assemelha às 8 outras instituições pedagógicas que recorrem à música como instrumento metodológico.

Em 14 organizações as atividades musicais são componente intrínseca ao exercício da musicoterapia, desenvolvida por profissionais desta área.

Entidades que oferecem Educação Musical

Tabela 2 - Entidades que oferecem Educação Musical

	CAO	FENACERCI	OUTROS	Total
Sim	0	3	16	19
Não	0	48	108	156
N/A	172	0	0	172
Total	172	51	124	347

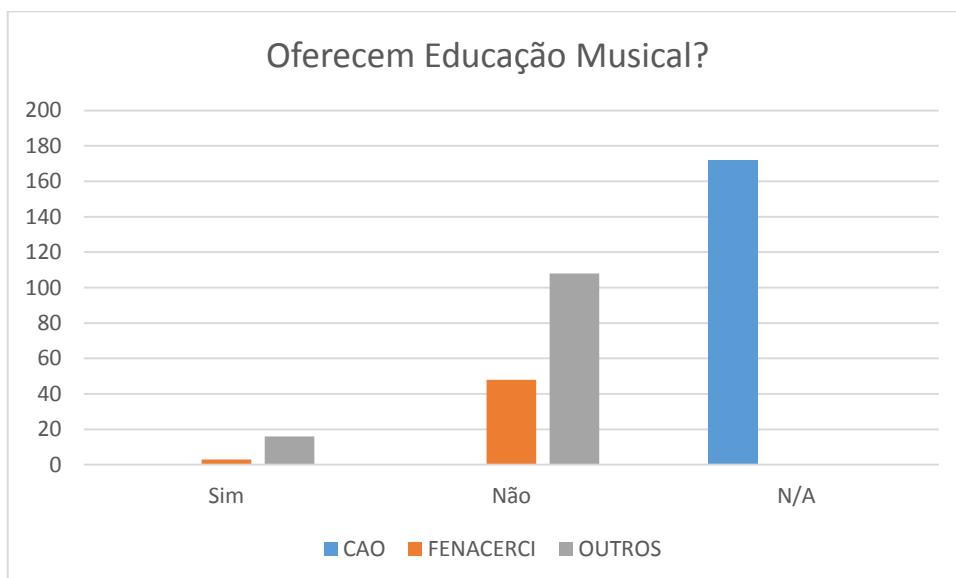
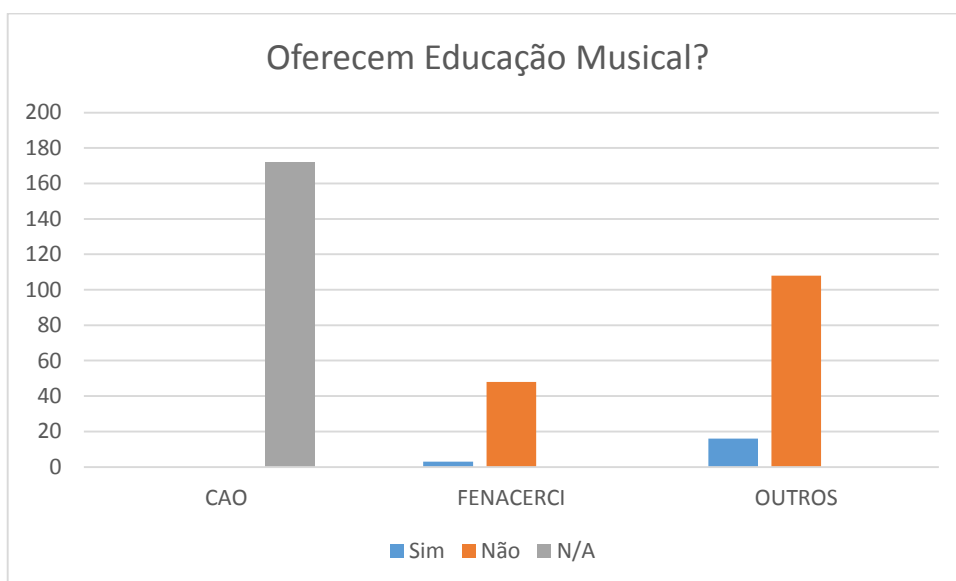


Ilustração 7 - Apresentação dos dados recolhidos após trabalho de mapeamento. (Ilustração nossa, 2015)

Caso não ofereçam Educação Musical, entidades que desenvolvem atividades musicais

Tabela 3 - Entidades que desenvolvem atividades musicais

	CAO	FENACERCI	OUTROS	Total
Sim	53	9	31	93
Não	119	39	77	235
N/A	0	3	16	19
Total	172	51	124	347

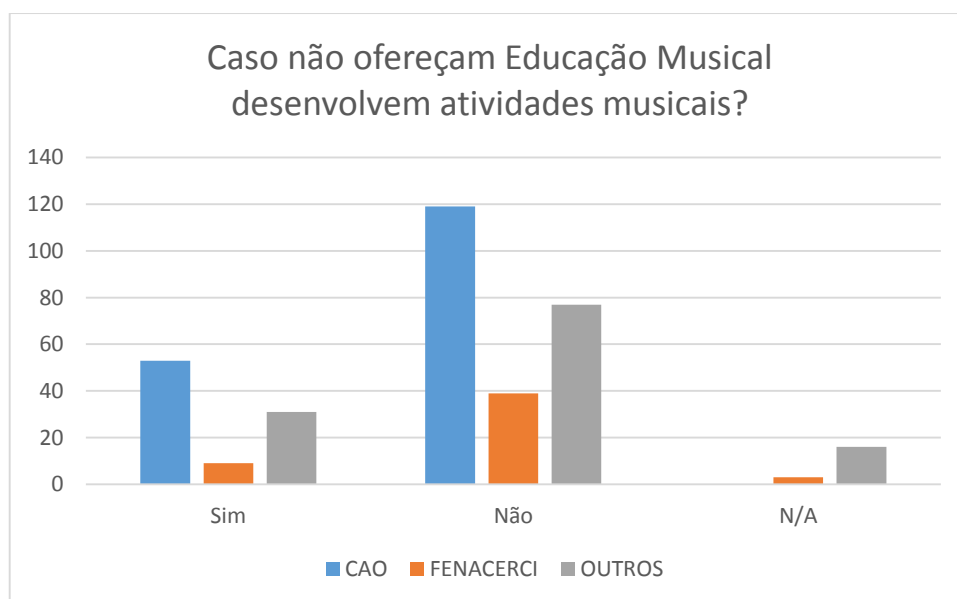
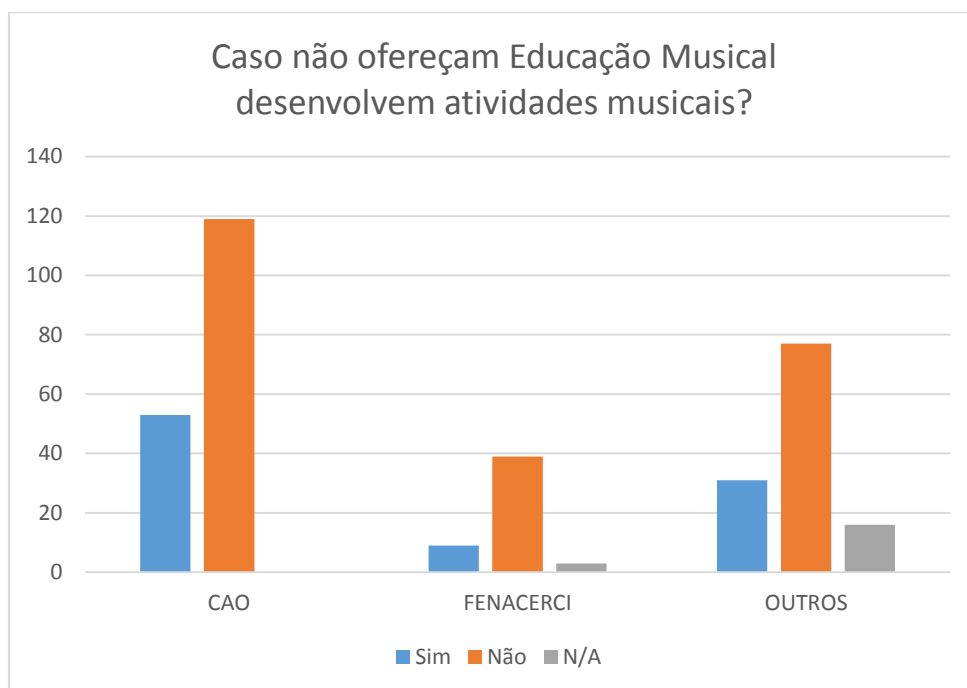


Ilustração 8 - Apresentação dos dados recolhidos após trabalho de mapeamento. (Ilustração nossa, 2015)

Perfil dos profissionais que desenvolvem as aulas/atividades de música

Tabela 4 - Perfil dos profissionais que desenvolvem as aulas/atividades de música

	CAO	FENACERCI	OUTROS	Total
Sim	46	12	39	97
Não	7	0	8	15
N/A	119	39	77	235
Total	172	51	124	347

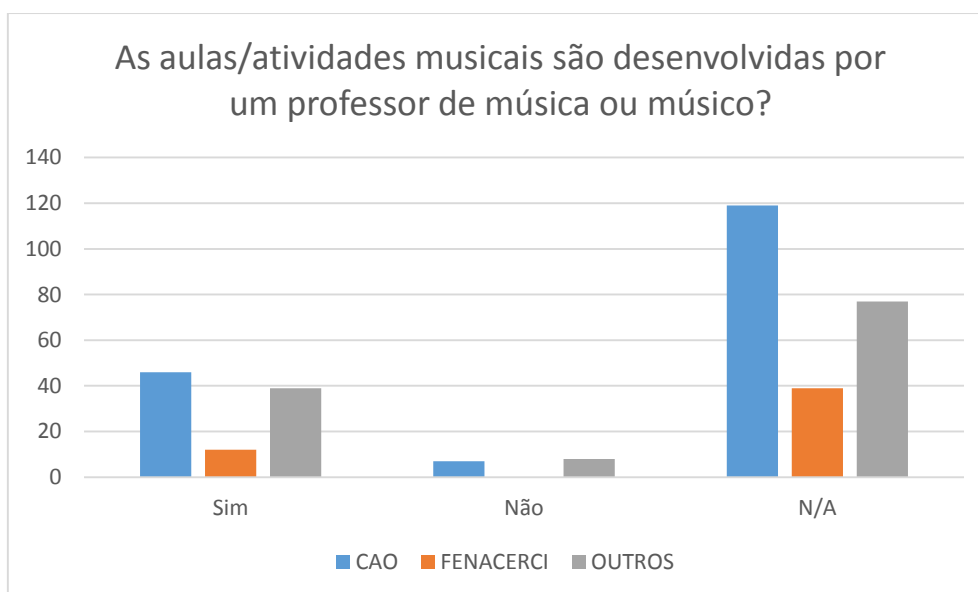
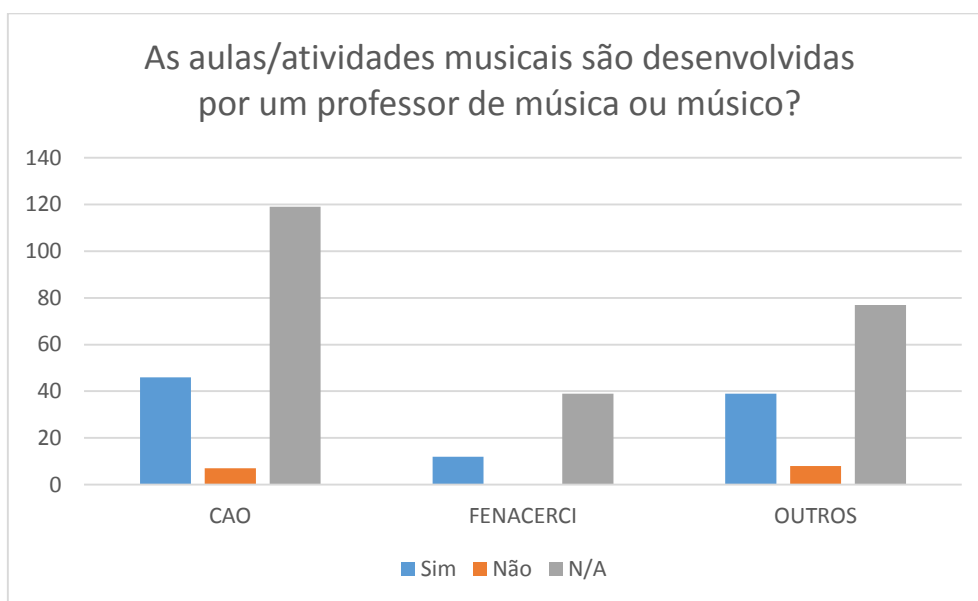


Ilustração 9 - Apresentação dos dados recolhidos após trabalho de mapeamento. (Ilustração nossa, 2015)

5. CONCLUSÃO

É substancial o volume de publicações sobre a temática da educação de pessoas com deficiências de foro cognitivo, permitindo encontrar uma grande quantidade de referências à aplicação da música, tanto no contexto educativo, como enquanto recurso terapêutico. Contudo, a maioria dos casos que estão descritos e documentados são referentes a manifestações de deficiência de nível moderado, e sustentam-se no preconceito de que esta mesma moderação é impedimento para uma educação musical “autêntica”. Assim, e perante o desafio de educar uma pessoa com necessidades especiais, as publicações existentes tendem a aumentar a pressão quanto à metodologia utilizada e ao alcance de resultados positivos, que podem e devem ocorrer. Em virtude da escassez de publicações portuguesas (embora não em português do Brasil) foi necessário recolher informação em inglês, sendo que a mais recente revela uma maior consciência e entendimento a respeito da importância da música no desenvolvimento da pessoa com deficiências cognitivas, estando esta temática a ser investigada com grande detalhe.

Em geral, os autores consideram que a educação e estimulação musical de pessoas com deficiências cognitivas surte efeitos benéficos. “Pesquisas a respeito de desordens mentais provaram que as competências musicais se desenvolvem de forma independente dos outros domínios cognitivos.” (Gruhn, Rauscher, 2002, p. 62). A maioria das instituições que implementou a educação musical de forma sistematizada e como parte integrante do *currículo* escolar, conseguiu alcançar muitos benefícios no universo de pessoas com necessidades especiais. Pelo contrário, nos casos em que as entidades reduziram o uso curricular da música, verificou-se, como consequência, um retrocesso na educação musical de pessoas com estas características.

Os estudos de caso que constam na presente dissertação referem-se a pessoas que, na sua maioria, sofrem de acentuadas deficiências cognitivas e que, como tal, não estão contempladas em grande parte dos conteúdos que se encontram publicados sobre o tema. De alguma forma o trabalho que se desenvolve nesses estudos de caso é pioneiro e experimental, o que conduz a uma enorme satisfação quando se atingem resultados, mesmo que ténues.

As quatro instituições focadas neste estudo adotam diferentes abordagens, resultantes da sua leitura quanto ao uso da música como linha constitutiva de educação. Contudo, tal não impede que todas partilhem o mesmo objetivo comum, a saber, o de possibilitar

o desenvolvimento das competências musicais de pessoas com deficiências cognitivas. As metodologias aplicadas por cada educador diferem de instituição para instituição mas, apesar de seguirem estratégias diferentes, todas produziram resultados positivos. Através das sessões de música foi possível atestar progressos visíveis no decurso das mesmas. A melhor forma de resumir esta evolução é descrevê-la como um genuíno desejo de todos em conseguir criar um momento no qual se produzisse música e em que esta pudesse ser apresentada a outros.

A capacidade de domínio de um instrumento musical - ainda que de modo elementar - e respetiva obtenção de resultados coerentes são corolário da educação desenvolvida, e que não apenas legitimou este trabalho como rompeu com a suposição de que a educação musical para pessoas com necessidades especiais é uma atividade dispendiosa e improdutiva.

Em concomitância com o prazer alcançado pelo cumprimento deste objetivo verificaram-se outros resultados, tais como a melhoria da coordenação, concentração, consciência de movimento e interação social. Apesar de ter sido possível verificá-los durante as sessões, seria necessária uma observação mais prolongada de forma a apurar o seu impacto geral e duradouro.

Cada instituição sustenta o desejo de que a prática da educação musical junto de pessoas com deficiências cognitivas revele a grande necessidade de estas experienciarem música de forma regular e integrada nas suas rotinas diárias. Como consequência desta implementação é potenciado o aumento de consciência dessas pessoas noutras áreas de saúde mental.

Os questionários aplicados aos responsáveis pelo processo de educação musical dos quatro estudos de caso foram sucintos e de natureza independente. As conclusões extraídas pelo autor da dissertação são, em vários aspetos, semelhantes às respostas encontradas, no sentido em que foi evidente a intenção de apurar a diferença de reações através do recurso a diferentes metodologias educativas.

Foi concordante que as formas estereotipadas de educação musical requerem ser constantemente ajustadas a cada aluno mas, de forma inevitável, o processo de tentativa e erro ocorreu em todas as sessões. Perante a multiplicidade de desafios que surgiram, foi o carácter criativo do educador de música que permitiu aplicar alternativas e soluções coerentes que tanto impressionaram, positivamente, o autor. Por essa

mesma razão, foi particularmente enriquecedor que os três músicos profissionais, cada um de diferentes áreas da música, tenham recorrido à sua própria linguagem musical para ministrar as suas sessões. Música Clássica, Jazz e Pop, assim como canções populares e rimas infantis foram incorporadas no processo educativo. A este respeito, conclui-se que, a par de ser um músico competente, é necessário que o educador musical revele uma mente aberta e uma personalidade cativante e carismática. Por coincidência, em cada uma das quatro instituições, o educador musical - ou líder - detinha uma notável e envolvente personalidade, assim como competências de comunicação e uma meiga e generosa personalidade.

A conclusão extraída acerca do levantamento das instituições pedagógicas ao nível nacional que se dedicam exclusivamente a pessoas com necessidades especiais denota que há ainda muito trabalho a fazer ao nível local e por parte do Estado, uma constatação que se revela desencorajadora.

O autor da presente dissertação visitou também instituições construídas recentemente, destinadas a pessoas com necessidades especiais, na esperança de que nelas encontrasse enraizado um foco de mudança dinâmico, ainda que pequeno. Ora, apesar de alguns destes centros direcionados para deficientes serem edifícios fantásticos sob o ponto de vista arquitetónico e ao nível das instalações que oferecem, o uso da música como tratamento terapêutico ou linha de ação educativa permanece em estado embrionário. Exemplificativo é o caso do recém-inaugurado Centro João Paulo II, em Fátima. Trata-se de um edifício extraordinário, capaz de acolher 180 pessoas e com todos os recursos necessários para implementar o ensino da música. Porém, e infelizmente, pode apenas promover sessões semanais de “apreciação musical” a não mais de dez pessoas, então dinamizadas por membros da instituição que, embora bem-intencionados, não têm qualquer formação musical, nem competência nesta área. Este caso é indicador de que há muitas prioridades para cumprir antes de ser introduzida a educação musical, ou mesmo a musicoterapia. Uma situação ainda mais dramática é o caso do Conservatório de Coimbra, que dinamizou com grande sucesso sessões de música para pessoas com necessidades especiais durante um ano introdutório, mas que foi obrigado a suspender esta atividade no ano académico que se seguiu (2013/2014) devido à ausência de um reconhecimento oficial do excelente trabalho que se desenvolveu.

Se, de uma forma geral, o panorama português da Educação Musical é inquietante no que se refere ao *curriculum* da escola tradicional, o caso torna-se muito mais preocupante quando em causa está o mundo fechado da educação especial. A formação superior de terapeutas e educadores na área da música deve ser acompanhada pela introdução do ensino musical e pela promoção de sessões de música na estrutura curricular das escolas e a uma escala nacional.

Sabendo dos enormes benefícios da educação musical nas pessoas que sofrem de deficiências cognitivas, pode apenas esperar-se que, através do aumento de pesquisas e de análises detalhadas acerca dos resultados de boas práticas existentes, muito mais possa ser feito num futuro próximo e no sentido de superar esta enorme lacuna.

REFERÊNCIAS

ADAMEK, M.S. ; DARROW, A. (2005) – Music in special education. Silver Spring, USA : The American Music Therapy Association, Inc. ISBN 1884914152.

AIKYA (2015) – AIKYA's Blog - Special Needs Resources [Em linha]. St. Thomas Mount : AIKYA. [Consult. 18 Fev. 2015]. Disponível em WWW:<URL: <http://aikyas.blogspot.pt/>>.

ALEIXO, João (2015) – Entrevista a João Aleixo. Entrevista realizada por Andrew Swinnerton. Lisboa : [s.n.]. Entrevista realizada em Janeiro de 2015 no Instituto da Imaculada.

AMERICAN MONTESSORI SOCIETY (2015) - Maria Montessori [Em linha]. New York : American Montessori Society. [Consult. 18 Fev. 2015]. Disponível em WWW:<URL: <http://amshq.org/Montessori-education/History-of-Montessori-Education/Biography-of-Maria-Montessori>>.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA AS PERTURBAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO E AUTISMO (2015) – APPDA - Lisboa, Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo [Em linha]. Lisboa : APPDA. [Consult. 18 Fev. 2015]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.appda-lisboa.org.pt/>>.

CEIA,C. (1995) – Normas para apresentação de trabalhos científicos. Lisboa : Editorial Presença.

CERCI OEIRAS (2014) – Cerci Oeiras [Em linha]. Oeiras : Cerci Oeiras. [Consult. 18 Nov. 2014]. Disponível em WWW:<URL: www.cercioeiras.pt/>.

COLWELL, R. ed. (2006) – MENC-The National Association for Music Education - Handbook of Musical Cognition and Development. New York : Oxford University Press. ISBN 9780195304565.

CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS - ACESSO E QUALIDADE (1994) - Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das necessidades educativas especiais [Em linha]. Salamanca : UNESCO. Salamanca, Espanha, 7-10 de Junho de 1994. [Consult. 18 Fev. 2015]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.madeira-edu.pt/LinkClick.aspx?fileticket=7fr0EPRPiY4%3D&tabid=304&mid=1656>>.

ECO, U. (2011) – Como se faz uma tese em ciências humanas. Lisboa : Editorial Presenca.

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA (2015) - Encyclopædia Britannica [Em linha]. London : Encyclopædia Britannica. [Consult. 18 Fev. 2015]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.britannica.com/>>.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Presidente, 1961-1963 (John F. Kennedy) (5 February 1963) - 50 - Special Message to the Congress on Mental Illness and Mental Retardation. In PETERS, Gerhard ; WOOLLEY, John T. - The American Presidency Project [Em linha]. Santa Barbara : UC Santa Barbara. [Consult. 18 Fev. 2015]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=9>>.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (2015) – Fundação Calouste Gulbenkian : Centro de Arte Moderna [Em linha]. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian. [Consult. 18Fev.2015].DisponívelemWWW:<URL:<http://cam.gulbenkian.pt/CAM/pt/Homepage>>.

HAMMEL, A, M ; HOURIGAN, R. M. (2011) – Teaching music to students with special needs. New York : Oxford University Press. ISBN 9780195395419.

HOSHIZAKI, M, K, (1983) – Teaching mentally retarded children through music. EUA : Charles C Thomas. ISBN 0398047391.

INSTITUTO DA IMACULADA (2013) – Instituto da Imaculada [Em linha]. Lisboa : Instituto da Imaculada. [Consult. 18 Nov. 2014]. Disponível em WWW:<URL: <http://institutoimaculadaconceicao.webs.com/>>.

JONES, S.S. (2011) – The Joy Factor : 10 sacred practices for radiant health. California EUA : Conari Press.

KEIKHA, Aleme ; JENABADI, Hosein ; MIRSHEKAR, Habibullah (2012) – The Effect's of Music on Increasing Motor Skills and Auditory Memory in Mental Retarded Children Aged 15-10 with 65-75IQ : Case Study. Modern Applied Science [Em linha]. ISSN 1913-1844. 6:4 (April 2012) 106-111. [Consult. 18 Fev. 2015]. Disponível em WWW:<URL: <http://ccsenet.org/journal/index.php/mas/article/viewFile/15870/10652>>.

KIM J. ; WIGRAM T. ; GOLD C. (2009) – Emotional, motivational and interpersonal responsiveness of children with autism in improvisational music therapy. Autism [Em linha]. 13:4 (Jul. 2009) 389-409. [Consult. 18 Fev. 2015]. doi: 10.1177/1362361309105660. Disponível em WWW: <URL: <http://soundconnectionsmt.com/docs/Improvisation%20with%20Autism.pdf>>.

KRAUS, Nina ; CHANDRASEKARAN, Bharath (2010) – Music training for the development of auditory skills. Nature Reviews Neuroscience [Em linha]. 11 (August 2010) 599-605. [Consult. 18 Fev. 2015]. Disponível em WWW:<URL: http://www.brainvolts.northwestern.edu/documents/KrausChandrasekeran_NRN10.pdf>.

LOPES, Ana – Instrumentarium Baschet [Mensagem em linha] para Andrew Hugh Swinnerton. 27. Mar 2015. [Consult. 27. Mar. 2015]. Comunicação pessoal.

LOPES, Pedro – Fotos de Cercioeiras! [Mensagem em linha] para Andrew Hugh Swinnerton. 25 Mar. 2015. [Consult. 26 Mar.2015]. Comunicação pessoal.

LOPES, Pedro (2014) – Entrevista a Pedro Lopes. Entrevista realizada por Andrew Swinnerton. Oeiras : [s.n.]. Entrevista realizada em Julho de 2014 na CerciOeiras.

MAINORD, J, C. ; LOVE, H.D. (1973) – Teaching educable mentally retarded children : methods and materials. EUA : Charles C. Thomas. ISBN 0398026467.

NORDOFF, P. ; ROBBINS, C. (1971) – Music therapy in special education. London : Macdonald & Evans. ISBN 0712113711.

PAIS, Rui (2014) – Entrevista a Rui Pais. Entrevista realizada por Andrew Swinnerton. Lisboa : [s.n.]. Entrevista realizada em Setembro de 2014 na APPDA da Ajuda.

PERRY, T.M. (1995) – Music lessons for children with special needs. London : Jessica Kingsley Publishers. ISBN 9781853022951.

PIAGET, Jean ; INHELDER, Barbel (1967) - The Child's Conception of Space. New York : W. W. Norton & Company. (Norton Library; 408)

PLUCKER, J. A., ed. ; ESPING, A., ed. (2014) - Human intelligence : historical influences, current controversies, teaching resources. [S.l.] : J.A. Plucker. [Consult. 18 Fev. 2015]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.intelltheory.com>>..

PORTAL DA EDUCAÇÃO (2014) - Jean Piaget : biografia [Em linha]. Mato Grosso do Sul : Portal da Educação. [Consult. 18 Fev. 2015]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/53974/jean-piaget-biografia#>>.

PROGRESS (2015) – Progress [Em linha]. Nashville, TN : Progress. [Consult. 18 Fev. 2015]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.progress-inc.org/>>.

SACKS, O. (2007) – Musicophilia : tales of music and the brain. EUA : Knopf.

SCHABERG, G. (1968) – Tips : teaching music to special learners. EUA : R&L Education.

SEDLAK, R.A. ; SEDLAK, D.M. (1985) – Teaching the educable mentally retarded children. EUA : State University of New York Press. ISBN 0887060552.

SHAPIRO, A. (1999) – Everybody belongs: Changing negative attitudes toward classmates with disabilities. EUA : Garland Publishing Inc.

STAKE, R.E. (2012) – A arte da investigacao com estudos de caso. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 9789723111873.

TAME, D. (1984) – The secret power of music. EUA : Destiny Books.

THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA (2011) - Ann L. Brown, Education: Berkeley [Em linha]. Oakland : The University of California. [Consult. 18 Fev. 2015]. Disponível em WWW:<URL:

<http://content.cdlib.org/view?docId=hb1r29n709;NAAN=13030&doc.view=frames&chunk.id=div00007&toc.depth=1&toc.id=&brand=calisphere>>.

UNIVERSITY OF NOTRE DAME (2015) - John G. Borkowski [Em linha]. Indiana : University of Notre Dame. [Consult. 18 Fev. 2015]. Disponível em WWW:<URL: <http://psychology.nd.edu/faculty/faculty-by-alpha/john-borkowski/>>

VAN GEMERT, G. (1998) - Behavioral Problems in Persons with Mental Retardation : a pedagogical approach. NADD Bulletin [Em linha]. 1:5 (1998). [Consult. 18 Fev. 2015]. Disponível em WWW:<URL: <http://thenadd.org/modal/bulletins/v1n5a3~.htm>>.

VIEIRA, Margarida (2013) – Entrevista a Margarida Vieira. Entrevista realizada por Andrew Swinnerton. Lisboa : [s.n.]. Entrevista realizada a 4 Julho de 2013 na Fundação Calouste Gulbenkian.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, L. ; FREIRE, T. (1997) – Metodologia da investigação em psicologia e educação. Coimbra : Apport.

BENEZON, R. (1988) – Teoria da Musicoterapia. São Paulo, Brasil : Summus Editorial Ltda.

BOONSCHAFT, P.L. (2002) – Teaching music with passion. EUA : Meredith Music Publications. ISBN 0634053310.

BUCK, P. C. (1974) – Psychology for musicians. London : Oxford University Press. ISBN 0193119145.

CORREIA, L.M. (1999) – Necessidades educativas especiais na sala de aula. Porto : Porto Editora.

CORREIA, L.M. (2003) – Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares. Porto : Porto Editora.

DEUTSCH, D. (ed.) (1982) – The Psychology of Music. New York: Academic Press.

EPSTEIN, D. (1995) – Shaping time – music, the brain and performance. New York : Schirmer Books.

FLOYD, M., ed. (1996) – World musics in education. England : Scholar Press. ISBN 1859281443.

FONTANA, D. (1995) – Psychology for teachers. England : Macmillan.

HALLAM, S. ; CROSS, I. ; THAUT, M. (2009) – The Oxford handbook of music psychology. London : Oxford University Press.

HARGREAVES, D. J. (1986) – The developmental psychology of music. Cambridge : Cambridge University Press.

HORDEN, P., ed. (2000) – Music as medicine. England : Ashgate Publishing Ltd.

JOURDAIN, R (1997) – Music, the brain, and ecstasy. New York : Harper Collins.

JUSLIN, P.N. (2001) – Music and emotion. London : Oxford University Press.

MILLER, L.K. (1989) – Musical savants-exceptional skill in the mentally retarded. EUA : Psychology Press.

RAINBOW, E.L. (1987) – Research in music education. New York : Schirmer.

SEASHORE, C. E. (1967) – Psychology of music. New York : Dover Publications. ISBN 0486218511.

SERAFINE, M.L. (1988) – Music as cognition. New York : Columbia University Press.

SLOBODA, J. (1985) – The musical mind : the cognitive psychology of music. Oxford : The Clarendon Press.

SMALL, C. (1977) – Music, society, education. London : John Calder.

STORR, A. (1997) – Music and the mind. London : Harper Collin.

THOMPSON, W. (2009) – Music, thought and feeling. London : Oxford University Press.

VIEIRA, F. ; PEREIRA, M. (2007) – Se houvera quem me ensinara : a educação de pessoas com deficiência mental. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.

WOOD, M. (1993) – Music for people with learning disabilities. London : Souvenir Press. ISBN 0285631551.

APÊNDICES

LISTA DE APÊNDICES

- Apêndice A** - Resposta aos questionários.
- Apêndice B** - Levantamento das instituições estatais (ou com apoio estatal) com NEE na sua relação com a música – tabela elaborada pelo mestrando.
- Apêndice C** - Modelo questionários professores.
- Apêndice D** - Grelha de observação não participante.
- Apêndice E** - Ilustrações complementares.

APÊNDICE A

Respostas aos questionários

ENTREVISTA 1 – Dra. Margarida Vieira (Autora e orientadora de oficinas de expressão dramática e expressão plástica para público infanto-juvenil no Centro de Arte Moderna e coordenadora do programa de atividades para públicos com necessidades educativas especiais) 4 Julho 2013.

Andrew Swinnerton (A.S.) – Há quanto tempo trabalha com pessoas com NEE?

Margarida Vieira (M.V.) – Eu trabalho com pessoas com necessidades educativas especiais sensivelmente há 10 anos, porque comecei este trabalho no antigo Centro Artístico Infantil, mas na área da expressão dramática. Até que chegou o Miguel Horta, que já fazia este trabalho fora da Fundação, e com novas propostas para este público. Portanto, o programa para as necessidades especiais existe desde 2005.

A.S. – Tem alguma formação específica nesta área?

M.V. – Podemos dizer que eu sou uma autodidacta da matéria, porque sempre me interessei por estas populações, por todas as populações que ficam nas franjas (quer deficiência, quer doença, quer exclusão). Portanto, são desafios muito grandes trabalhar com estas populações. Mas tenho participado em seminários sobre estas matérias (na área das terapias expressivas); e frequento um curso de Counselling em Gestalt (psicologia da figura fundo) que permite ajudar este tipo de públicos, entre outros. O nome da instituição onde estou a fazer o curso é Sociedade Luso-Espanhola de Psicoterapia Gestalt.

A.S. – Tem alguma formação específica em música?

M.V. – Não. Lamentavelmente não tenho.

A.S. – Não se importa de referir as patologias com as quais já trabalhou?

M.V. – Sim. Trabalhamos aqui no CAM com todos os públicos que nos aparecem. O nosso princípio é o da inclusão. Mesmo que não tenhamos conhecimento da patologia aceitamos conhecer o grupo, porque temos já uma experiência alargada que nos permite adaptar. Os públicos com que nós trabalhamos vão desde o défice cognitivo até à paralisia cerebral, multideficiência, invisuais de baixa visão, surdos mudos, autismo e espectro de autismo, síndrome de Down, hiperatividade, défice de atenção, doença mental, esquizofrenia e bipolaridade, entre outras.

A.S. – Acha que a música contribui de forma positiva para o desenvolvimento cognitivo das pessoas com NEE? E põe em qual categoria?

M.V. – Eu quase me atreveria a dizer-lhe que todas as áreas artísticas, onde obviamente se inclui a música, contribuem de forma muito positiva para os vários desenvolvimentos do ser humano, e por isso também destas pessoas que têm dificuldades e deficiências várias.

A.S. – E especificando a música, porque e como pode ela contribuir no quadro das várias patologias que recebem aqui no CAM?

M.V. – Eu acho que estamos a falar a nível cognitivo?! A música e o estímulo sonoro levam estes participantes a trabalharem determinadas zonas cerebrais que outras matérias possivelmente não estimulam tanto. Não sendo eu da área da música, posso estar aqui a dar “um tiro no pé” com esta resposta - como se costuma dizer- posso estar errada, mas é a minha fantasia e o meu conhecimento a partir do que vejo. Acho que é

evidente que são estimuladas áreas no cérebro que normalmente são pouco estimuladas.

A.S. – Portanto, acha que a música contribui de forma positiva para o desenvolvimento das capacidades motoras das pessoas.

M.V. – Acho que sim, para todas as capacidades. Motoras, porque muitas vezes há algumas dificuldades em agarrar um instrumento. Ao tentarmos que esse instrumento seja agarrado com uma mão e o batimento noutra... estamos a estimular aquele indivíduo nas suas capacidades motoras, bem como na questão da socialização, porque a música e outras linguagens obrigam-nos a interagir. Muitas vezes conseguimos estimular a interação através da música junto de pessoas que normalmente não interagem.

A.S. – E até o comportamento destas pessoas com dificuldades?

M.V. – Absolutamente.

A.S. – E como avalia qualitativamente o impacto da música? Qual o nível de impacto?

M.V. – Eu diria que o nível é sempre muito elevado. Contribui muito, pelo que nós temos de facto aferido ao longo dos anos com os quais trabalhamos com estas populações e, como sabe, este ano fez-se pela primeira vez o cruzamento com a área da música. Daquilo que eu observei e que pude experienciar juntamente com estes públicos, acho que contribui muito.

A.S. – Portanto, a música facilita a comunicação de forma compensadora?

M.V. – É facilitadora. Sim, obviamente.

A.S. – E a estimulação auditiva e rítmica, pode ajudar as pessoas com NEE na integração social ou escolar?

M.V. – Acho que sim... e pode influenciar... Sim. Pode, pode.

A.S. – E até a integração das pessoas com necessidades educativas especiais na sociedade ou na escola? Pode ser influenciado e até facilitado pelos sons do quotidiano?

M.V. – Absolutamente. Se nós quisermos construir uma atividade em que o propósito é treinar a escuta ativa, nós não precisamos de música, nem de instrumentos. Podemos simplesmente propor uma dinâmica em que vamos ouvir o que se passa lá fora. Vamos tentar identificar sons do nosso dia a dia e, ao utilizarmos estas dinâmicas, estamos a trazer estes públicos, estas populações, para um foco. O nosso principal objetivo é focar e depois alargar.

A.S. – Podemos, provavelmente, concordar que a música facilita o controlo muscular de pessoas com necessidades especiais?

M.V. – Sim. Absolutamente...

A.S. – E provavelmente concorda com o facto de que aumenta a sua autoconfiança?

M.V. – Absolutamente. Porque, depois das atividades, a alegria com que muitas vezes estes públicos saem daqui, depois de terem conseguido, é um reforço positivo do fazer. O conseguir fazer, para eles, é o reforço de que estão à espera. E muitas das coisas

possivelmente que não atingem a nível curricular - porque são diferentes,- atingem noutras áreas. E o importante é nós irmos ao encontro de atividades que lhes permitam ter esse sucesso e reforçar essa autoestima. Se não conseguem num sítio, então vamos tentar encontrar noutro. E, aí, eu acho que é esse também o papel importante da educação informal.

A.S. – E regressando à música, de acordo com a sua experiência, acha que os participantes gostam de música?

M.V. – Gostam! Todos eles gostam de música, inclusivamente, gostam de dançar. A música para eles é também um estímulo para se mexerem, para dançarem, que é uma coisa que lhes dá muito prazer.

A.S. – Reformulando a pergunta, é um pouco mais difícil o prazer de dançar se não se tiver o estímulo da música?

M.V. – É mais difícil. Mas também se consegue...

A.S. – Mas podemos dizer que a música é uma mais-valia também nesta área?

M.V. – É. Absolutamente. Aliás, eu que trabalho a área do movimento e do corpo, só o gosto de fazer com música.

A.S. – E já experimentaram com os participantes vários géneros de música?

M.V. – Já. Os vários géneros dependem das propostas das dinâmicas que estamos a imprimir na altura. Se são dinâmicas em que pretendemos maior concentração, maior foco - no monitor ou noutro participante que está a trabalhar em par - fazemo-lo mais com música clássica, uma música mais lenta, tornando os movimentos mais suaves e mais lentos. Se queremos dança, a música pode ser uma música mais mexida, com mais ritmo. Já experimentámos vários tipos de músicas e, dependendo da proposta, eles também absorvem bem a música que lhes propomos (ou que lhes damos).

A.S. – Como a resposta é sim: quais os géneros de música que eles gostam mais?

M.V. – Depende... Vou dar um exemplo: vem uma criança de raça negra, uma ou mais. Gostam imenso de música africana e pedem-nos para pôr música africana. Depende muito. Eu acho que gostam de todos os géneros de música, e nós temos vários.

A.S. – Embora estejam neste contexto especial aqui (CAM), eles provavelmente estão abertos a outras espécies de música, outros tipos de música. Normalmente a aceitação também é forte?

M.V. – Claro.

A.S. – Concorda que eles estão habituados, provavelmente, a um certo e determinado tipo de Música e que a música influencia o estado de espírito dos participantes. Possivelmente ficam mais calmos, ou mais agitados?

M.V. – Sim às vezes mais calmos ou às vezes mais agitados. A música com mais ritmo, com batidas fortes, normalmente depois de uma dança em que o corpo tem que mexer. Com esse ritmo eles ficam mais agitados, e depois a seguir entra uma música para os acalmar, com descontração. Sim, a música tal como a nós todos, provoca efeitos diversos.

A.S. – E provoca o canto e o movimento?

M.V. – Sim, e o movimento. Absolutamente.

A.S. – Já deu aos participantes algum instrumento musical?

M.V. – Os únicos que nós temos dado são: o tamborete, a pandeireta, e os ferrinhos. Não temos mais, não damos mais.

A.S. – Temos o mundo do *Instrumentarium Baschet* falado, e eles ali têm a liberdade total de experimentar todos os instrumentos, apesar de alguns terem sempre uma aceitação mais forte. Portanto, podemos dizer que qualquer sessão virada para a componente musical, pode incluir a utilização parcial de um instrumento?

M.V. – Sim, claro têm a liberdade de experimentar. Exatamente, alguns instrumentos têm uma maior aceitação. Absolutamente, a utilização parcial dos instrumentos.

A.S. – Finalmente, há algum género de música que acalme os participantes?

M.V. – Eu acho que a música clássica é aquela que mais os acalma, na minha opinião.

A.S. – E esta opinião resulta de haver uma maior aceitação deste género de música? Provavelmente por ser uma música que eles não conhecem no dia a dia?

M. V. – Possivelmente por isso, e porque a própria música é de facto mais calma e estruturada. Possivelmente será por aí .

A.S. – Finalmente gostaria de perguntar se tem algum comentário adicional, mas obviamente um pouco mais virado para o contexto deste questionário?

M.V. – Não, não tenho. Só vale a pena reforçar que esta é uma área de trabalho em que eu me sinto muito útil. Utilizando os meus conhecimentos em prol de um público por quem eu tenho uma enorme paixão. E eu acho que só com paixão é que se consegue trabalhar em educação, nesta ou noutra área.

ENTREVISTADO 2 – Pedro Lopes, (Violinista da Orquestra de Câmara Portuguesa e professor de música na Cercioeiras) Julho 2014.

Andrew Swinnerton (A.S.) – Há quanto tempo trabalha com pessoas com NEE?

Pedro Lopes (P.L.) – Desde 2010. (Quatro anos).

A.S. – Tem alguma formação específica nesta área?

P.L. – Não. Fui tendo formação com as terapeutas da CERCIOEIRAS sobre como lidar com os diferentes tipos de NEE.

A.S. – Tem alguma formação específica em música?

P.L. – Sim. Mestrado em Pedagogia do Instrumento, variante violino.

A.S. – Refira as patologias com as quais já trabalhou.

P.L. – Síndrome de Down, duplo diagnóstico, doença mental, paralisia cerebral, autismo e síndrome de Tourette.

Opinião do entrevistado sobre questões gerais

A.S. – Acha que a música contribui de forma positiva para o desenvolvimento cognitivo de pessoas com NEE? Porquê?

P.L. – Sim. A música estimula várias áreas distintas do córtex cerebral sendo, ao mesmo tempo, um estímulo muito direto e potencialmente emotivo. Já que a emotividade está relacionada com a significância, potencia a formação de memórias a longo prazo.

A.S. – Acha que a música contribui de forma positiva para o desenvolvimento de capacidades motoras de pessoas com NEE? Porquê?

P.L. – Alguma coisa. A música pode ser um verdadeiro estímulo à motricidade. Artigos demonstram que, fisiologicamente, a música, principalmente o ritmo, desencadeia respostas motoras no ser humano.

A.S. – Acha que a música contribui para a sociabilização das pessoas com NEE? Porquê?

P.L. – Muito. Quando num trabalho com música, como o do “Notas de Contacto”, no qual estou envolvido desde 2013, os participantes precisam de tocar em conjunto nas sessões. Há muitas competências hierárquicas e de respeito/consciência do outro que são transversalmente trabalhadas.

A.S. – Acha que a música contribui para o desenvolvimento do comportamento das pessoas com NEE? Porquê?

P.L. – Alguma coisa. Dependendo da forma como for aplicada a música, na qualidade de estímulo direto, pode potenciar um desenvolvimento da pessoas com NEE.

A.S. – A música facilita a comunicação com pessoas com NEE?

P.L. – Não.

A.S. – A estimulação auditiva e rítmica pode ajudar as pessoas com NEE na integração social/escolar?

P.L. – Sim.

A.S. – A integração das pessoas com NEE na sociedade/escola pode ser influenciada e facilitada pelos sons do quotidiano?

P.L. – Sim.

A.S. – A música facilita o controlo muscular das pessoas com NEE, aumentando a sua autoconfiança. Concorda?

P.L. – Sim.

Análise direta das sessões

A.S. – Os participantes gostam de música?

P.L. – Sim. Pelos menos são muito entusiastas.

A.S. – Já experimentaram com os participantes vários géneros de música? E se sim, quais géneros de música que eles gostam mais?

P.L. – Sim. Eles gostam de música Pop ou música erudita viva do barroco italiano.

A.S. – A música influencia o estado de espírito dos participantes (ficam mais calmos ou mais agitados)?

P.L. – Sem dúvida. Já houve muitos participantes que ficaram emocionados durante a audição de um excerto.

A.S. – A música provoca o canto e/ou o movimento?

P.L. – Em muitos casos sim.

A.S. – Já deu aos participantes algum instrumento musical? Se sim, de qual gostaram mais?

P.L. – Sim. Vários. Os gostos variam com a personalidade.

A.S. – Há algum género de música que acalme os participantes?

P.L. – Música erudita mais calma, e normalmente com um ostinato rítmico.

ENTREVISTADO 3 – Rui Pais, (Professor de música e multi-instrumentista na APPDA, Lisboa) Setembro de 2014.

Andrew Swinnerton (A.S.) – Há quanto tempo trabalha com pessoas com NEE?

Rui Pais (R.P.) – Sou colaborador na APPDA-Lisboa há dezoito anos.

A.S. – Tem alguma formação específica nesta área? Especifique.

R.P. – Fiz um estágio profissional durante doze meses com a Professora Maria Palmira Lapa na APPDA-Lisboa. Durante os anos decorridos tive formação contínua pedagógica na instituição com o Dr. Edgar Pereira. Participei em vários workshops e seminários relacionados com a musicoterapia e a inclusão das pessoas com necessidades especiais através da música.

A.S. – Tem alguma formação específica em música? Especifique.

R.P. – Licenciatura em Jazz e música moderna.

A.S. – Refira as patologias com as quais já trabalhou.

R.P. – Colaboro como professor de música na APPDA - Lisboa e a minha intervenção tem sido nas pessoas com perturbações do espectro do autismo.

Opinião do entrevistado sobre questões gerais

A.S. – Acha que a música contribui de forma positiva para o desenvolvimento cognitivo de pessoas com NEE? Porquê?

R.P. – A música é uma atividade que desenvolve as capacidades cognitivas, concentração/atenção, memória, raciocínio, percepção auditiva e a resolução de problemas relacionados com a prática e teoria da música. Contribui muito para o desenvolvimento cognitivo.

A.S. – Acha que a música contribui de forma positiva para o desenvolvimento de capacidades motoras de pessoas com NEE? Porquê?

R.P. – A música estimula principalmente as capacidades motoras coordenativas. A estruturação rítmica tem aqui um papel fundamental. Variações de andamentos e dinâmicas associadas a determinados movimentos motores preestabelecidos, podem proporcionar melhorias às pessoas com necessidades especiais.

A.S. – Acha que a música contribui para a sociabilização das pessoas com NEE? Porquê?

R.P. – A música é um dos principais meios de promover a socialização às pessoas com necessidades especiais, através de projetos musicais individuais ou em grupo.

A.S. – Acha que a música contribui para o desenvolvimento do comportamento das pessoas com NEE? Porquê?

R.P. – O modelo de intervenção que pratico no ensino da música é o cognitivo/comportamentalista com alguns procedimentos da metodologia Teach, e com inspiração nos métodos de educação e formação musical de Emile Jaques Dalcroze, Raymond Murray Schafer, Zoltan Kodaly e Edwin E. Gordon. A abordagem cognitivo/comportamentalista tem demonstrado melhores resultados nas aprendizagens e no desenvolvimento das pessoas com autismo, quando aplicado precocemente e com regularidade no contexto casa escola/instituição.

A.S. – A música facilita a comunicação com pessoas com NEE?

R.P. – A música, em geral, estimula naturalmente a interação e a comunicação. A comunicação, por ser uma capacidade que envolve o conhecimento de códigos e sinais entre o emissor e o recetor e por estar implícito o domínio verbal ou gestual. Certamente que estas formas também são válidas e desejáveis, mas podem dificultar a interação durante este tipo de prática, devido ao déficite da linguagem verbal numa grande percentagem de jovens com autismo. A comunicação não verbal é a mais adequada numa primeira fase. Neste tipo de sessões evita-se usar, ao máximo, a linguagem verbal e tenta-se compreender os sinais dos comportamentos dos alunos através das reações aos estímulos. A música é aplicada como veículo de comunicação neste contexto.

A.S. – A estimulação auditiva e rítmica pode ajudar as pessoas com NEE na integração social/escolar?

R.P. – Um programa individual de desenvolvimento (PDI) coerente deve ter em conta a aquisição das competências básicas de âmbito comportamental e os pré-requisitos das competências musicais. Nesta fase, e em todas outras mais avançadas, deve estar implícita, obrigatoriamente, a estimulação auditiva, controlada conscientemente, com objetivos precisos de discriminação de sons e padrões rítmicos e melódicos de forma a estimular a capacidade de “audição” (E. Gordon).

A.S. – A integração das pessoas com NEE na sociedade/escola pode ser influenciada e facilitada pelos sons do quotidiano?

R.P. – O som do meio ambiente tem obviamente alguma influência no comportamento e na integração das pessoas com necessidades especiais, dependendo de cada caso. Ter uma atitude pedagógica e prevenir situações durante a exposição aos sons do meio ambiente é fundamental para o bem estar das pessoas com autismo.

A.S. – A música facilita o controlo muscular da pessoa com NEE, aumentando a sua autoconfiança. Concorda?

R.P. – A música pode ser usada como efeito sedativo ou relaxante, ativo ou dinamizador, ao nível neuromuscular nas pessoas com necessidades especiais. A descontração neuromuscular constitui um passo para a conquista da autoconfiança, mas é igualmente aconselhável elevar a capacidade de autoestima.

Análise direta das sessões

A.S. – Os participantes gostam de música?

R.P. – A música faz parte dos programas individuais e coletivos da APPDA -Lisboa. Todos os alunos usufruem desta atividade com objetivos diferentes para cada caso,

sendo objetivo primordial manter uma boa motivação na atividade e proporcionar momentos de satisfação, alegria e aprendizagem e integração. Uma grande percentagem dos alunos tem demonstrado gostar da atividade musical.

A.S. – Já experimentaram com os participantes vários géneros de música? E se sim, quais géneros de música que eles gostam mais?

R.P. – Todos os alunos têm a oportunidade de vivenciar e conhecer diversos géneros musicais, desde a música convencional à música clássica. Os géneros que têm proporcionado melhor interação entre as pessoas com autismo profundo, com um nível cognitivo baixo, são a música popular/tradicional, Jazz/Blues e Pop/ Rock por serem géneros com uma componente rítmica muito evidente. As pessoas com características de síndrome de Asperger poderão ter uma maior propensão para o género clássico, Jazz e música contemporânea, por terem um nível cognitivo mais elaborado.

A.S. – A música influencia o estado de espírito dos participantes (ficam mais calmos ou mais agitados)?

R.P. – Sim! A música pode influenciar o estado emocional que, no senso comum, se designa por “estado de espírito.” Sentimentos e emoções de contentamento, tristeza, alegria, choro, agitação e calma podem ser traduzidos como estados de espírito.

A.S. – A música provoca o canto e/ou o movimento?

R.P. – A música deve provocar o canto e o movimento sempre que o objetivo seja esse.

A.S. – Já deu aos participantes algum instrumento musical? Se sim, de qual gostaram mais?

R.P. – Todos os alunos experimentam diversos instrumentos musicais, sendo os mais preferidos os instrumentos de percussão Orff, xilofones, jogo de sinos, cordofones, guitarras e cavaquinhos, piano e instrumentos de altura não definida (efeitos naturais).

A.S. – Há algum género de música que acalme os participantes?

R.P. – Os géneros que podem acalmar mais os alunos com autismo são: a música medieval, até à primeira fase da música renascentista, e alguma música do período clássico. O mais importante é que a música produzida tenha uma textura e estrutura simples, homofónica, com progressões harmónicas do sistema tonal maior e menor com a inclusão de sétimas maiores, com poucos instrumentos. A música indiana e a música eletrónica espacial também podem ser bons recursos.

ENTREVISTADO 4 – João Aleixo, (Professor de Formação Musical no Conservatório Nacional e professor de música no Instituto da Imaculada) Janeiro de 2015.

Andrew Swinnerton (A.S.) – Há quanto tempo trabalha com pessoas com NEE?

João Aleixo (J.A.) – Há 10 anos (desde abril 2004).

A.S. – Tem alguma formação específica nesta área? Especifique.

J.A. – Participei em fevereiro de 2003 na II Jornada de Musicoterapia organizada pelo ESCA (Espaço para a Saúde da Criança e do Adolescente).

A.S. – Tem alguma formação específica em música? Especifique.

J.A. – Complementar de cravo na Escola de Música do Conservatório Nacional (6º grau de instrumento, 8º grau de FM e disciplinas teóricas); Licenciatura em Música, variante decomposição; Direção Coral e Formação Musical, ramo de Direção Coral e Formação Musical, na Escola Superior de Música de Lisboa (Instituto Politécnico de Lisboa).

A.S. – As patologias com as quais já trabalhou?

J.A. – Autismo, síndrome de Down, síndrome de Asperger, paralisia cerebral, cegueira, surdez.

Opinião do entrevistado sobre questões gerais

A.S. – Acha que a música contribui de forma positiva para o desenvolvimento cognitivo de pessoas com NEE? Porquê?

J.A. – Muito. Porque as linguagens trabalhadas podem promover e estimular áreas da comunicação e do afeto, expressão vocal e corporal e sensibilidade auditiva.

A.S. – Acha que a música contribui de forma positiva para o desenvolvimento de capacidades motoras de pessoas com NEE? Porquê?

J.A. – Alguma coisa. Através da audição e execução musical potencia-se trabalho de movimento e coreografia corporal, a que adere uma parte significativa dos alunos com NEE.

A.S. – Acha que a música contribui para a sociabilização das pessoas com NEE? Porquê?

J.A. – Alguma coisa. Trabalhar a música em grupo permite articular a participação de cada aluno com a participação dos outros, através de atividades de equipa, durante as quais se explora a interdependência.

A.S. – Acha que a música contribui para o desenvolvimento do comportamento das pessoas com NEE? Porquê?

J.A. – Alguma coisa. Tenho dúvidas quanto à efetiva evolução comportamental a longo termo dos indivíduos com NEE que frequentam aulas de música. O que posso observar

é uma evolução comportamental de indivíduos em sala de aula, quando submetidos a longos períodos de sessões de música.

A.S. – A música facilita a comunicação com pessoas com NEE?

J.A. – Sim.

A.S. – A estimulação auditiva e rítmica pode ajudar as pessoas com NEE na integração social/escolar?

J.A. – Sim.

A.S. – A integração das pessoas com NEE na sociedade/escola pode ser influenciada e facilitada pelos sons do cotidiano?

J.A. – Sim.

A.S. – A música facilita o controlo muscular da pessoa com NEE aumentando a sua autoconfiança. Concorda?

J.A. – Sim.

Análise direta das sessões

A.S. – Os participantes gostam de música?

J.A. – A maior parte dos participantes demonstra gostar de música; uma menor parte não revela sinais evidentes de entusiasmo ou gosto particular por atividades ligadas à música.

A.S. – Já experimentaram com os participantes vários géneros de música? E se sim, quais os géneros de música que eles gostam mais?

J.A. – Sim. Repertório de canções temáticas (canções infantis de autor, canções tradicionais) parece-me ser recebido com maior entusiasmo por parte dos participantes.

A.S. – A música influencia o estado de espírito dos participantes (ficam mais calmos ou mais agitados)?

J.A. – Sim. Consoante os trechos musicais, os participantes mostram sinais de aumento da tranquilidade ou, pelo contrário, de aumento da energia e entusiasmo.

A.S. – A música provoca o canto e/ou o movimento?

J.A. – Pela minha experiência com participantes com NEE julgo que a música facilita ou promove o movimento e o canto/vocalizo/emissão vocal intencional numa parte considerável dos participantes. Não diria que provoca, pois em muitas situações não considero constatar-se um determinismo imediato entre atividades musicais e movimento e entoação, especialmente no que diz respeito à entoação.

A.S. – Já deu aos participantes algum instrumento musical? Se sim, de qual gostaram mais?

J.A. – Sim. De entre os instrumentos disponíveis nas instituições, noto a preferência de instrumentos de percussão de altura definida como o metalofone e o xilofone, e idiofones como tamborins e bongos.

A.S. – Há algum género de música que acalma os participantes?

J.A. – Sim. Canções sem palavras (vocalizo).

APÊNDICE B

Levantamento das instituições estatais (ou com apoio estatal) com NEE na sua relação com a música – tabela elaborada pelo mestrando

Tabela 5 - Levantamento das instituições estatais (ou com apoio estatal) com NEE na sua relação com a música

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
A.D.M. Estrela - Associação de Desenvolvimento e Melhoramentos de Vale de Estrela	N/A	Não	N/A		CAO
A.D.M. Estrela de Pinhel	N/A	Não	N/A		CAO
AADVDB - Associação de Apoio aos Deficientes Visuais do Distrito de Braga	Não	Não	N/A		Outro
AASPS - Casa do Cruzeiro	Não	Sim	Sim	Musicoterapia	Outro
ACAPO - Algarve	Não	Não	N/A		Outro
ACAPO - Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal - Direcção Nacional	Não	Não	N/A		Outro
ACAPO - Braga	Não	Não	N/A		Outro
ACAPO - Delegação da Guarda	Não	Não	N/A		Outro
ACAPO - Delegação de Aveiro	Não	Não	N/A		Outro
ACAPO - Delegação de Castelo Branco	Não	Não	N/A		Outro
ACAPO - Delegação de Coimbra	Não	Não	N/A		Outro
ACAPO - Delegação de Leiria	Não	Não	N/A		Outro
ACAPO - Delegação de Viseu	Não	Não	N/A		Outro
ACAPO - Lisboa	Não	Não	N/A		Outro
ACAPO - Porto	Não	Não	N/A		Outro
ACAPO - Viana Castelo	Não	Não	N/A		Outro
ACAPO - Vila Real	Não	Não	N/A		Outro
ACARPS - Associação da Amadora para a Reabilitação Psicossocial	Não	Não	N/A		Outro
ACIP - Ave Cooperativa de Intervenção Psico-Social, C.R.L.	Não	Não	N/A		FENACERCI

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
ACSMO - Associação Comunitária de Saúde Mental de Odivelas	Não	Sim	Não	Um voluntário sem formação musical proporciona atividades de música semanais.	Outro
ADAPECIL - Associação de Amor para a Educação de Cidadãos Inadaptados da Lourinhã	N/A	Não	N/A		CAO
ADAPECIL - Associação de Amor Para a Educação de Cidadãos Inadaptados da Lourinhã	Não	Não	N/A		Outro
ADFA	N/A	Não	N/A		CAO
AFID - Fundação Afid Diferença	Não	Sim	Não	Musicoterapia com um terapeuta.	Outro
AFPAD - Associação Famalicense de Prevenção e Apoio à deficiência	N/A	Não	N/A		CAO
AFTAD - Associação Flor do Tâmega para Apoio a Deficientes	Não	Sim	Sim		Outro
AIA - Associação para a Inclusão e Apoio ao Autista	Não	Não	N/A		Outro
AMA - Fundação AMA Autismo	N/A	Não	N/A		CAO
AMORAMA - Associação de Pais e Amigos de deficientes Profundos	N/A	Não	N/A		CAO
APACI	N/A	Sim	Sim		CAO
APADI - Associação de Pais e Amigos do Diminuído Intelectual de Bragança	Não	Não	N/A		Outro
APADIMP	N/A	Não	N/A		CAO

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
APATRIS	Não	Sim	Não	Voluntários sem formação musical ajudam a desenvolver atividades de música e expressão corporal.	Outro
APCC- Quinta da Conraria	N/A	Sim	Sim		CAO
APCDI - Sobral	N/A	Não	N/A		CAO
APCL - Associação de Paralisia Cerebral de Lisboa	Não	Não	N/A		Outro
APCL - Associação de Paralisia Cerebral de Lisboa - Espaço 7 Oficinas	Não	Não	N/A		CAO
APCV - Oliveira do Conde	N/A	Não	N/A		CAO
APEC - Associação Promotora do Ensino dos Cegos	Não	Não	N/A		Outro
APECI - Associação para a Educação de Crianças Inadaptadas de Torres Vedras	N/A	Não	N/A		CAO
APECI - Associação para a Educação de Crianças Inadaptadas de Torres Vedras	Não	Sim	Não	Tuna. Atividades musicais com voluntário sem formação musical.	Outro
APEDV - Associação Promotora de Emprego para Deficientes Visuais	Não	Não	N/A		Outro
APERCIM - Associação de Educação de Crianças Inadaptadas de Mafra	Não	Não	N/A		Outro

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
APEXA - Associação de Apoio à Pessoa Excepcional do Algarve	Não	Não	N/A		Outro
APJ - Associação Projecto Jovem	Não	Não	N/A		Outro
Apoio XXI - Centro de Acção Psico-pedagógica	Não	Sim	Sim	Musicoterapia	Outro
APPACDM da Anadia	N/A	Sim	Sim		CAO
APPACDM da Covilhã	Sim	N/A	Sim		Outro
APPACDM da Figueira da Foz	Não	Não	N/A		Outro
APPACDM da Gaia - Centro Madre de Deus	N/A	Sim	Sim		CAO
APPACDM da Trofa	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Vila Nova de Gaia	Não	Sim	Sim		Outro
APPACDM de Albergaria-A-Velha	N/A	Sim	Sim		CAO
APPACDM de Albergaria-A-Velha	Não	Sim	Sim		Outro
APPACDM de Arganil	N/A	Sim	Sim		CAO
APPACDM de Arganil	Sim	N/A	Sim	Professor de música com formação em Educação Especial.	Outro
APPACDM de Aveiro	N/A	Sim	Sim		CAO

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
APPACDM de Avelãs de Caminho	Não	Sim	Sim	Atividades musicais pontuais.	Outro
APPACDM de Braga	Não	Não	N/A		Outro
APPACDM de Braga - Complexo de Esposende	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Braga - Complexo de Gualtar	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Braga - Complexo de Lomar	N/A	Sim	Sim		CAO
APPACDM de Braga - Complexo de Vila Nova de Famalicão	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Braga - Complexo de Vila Verde	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Castelo Branco	Não	Não	N/A		Outro
APPACDM de Coimbra	Não	Sim	Sim	Musicoterapia	Outro
APPACDM de Coimbra - S. Silvestre	N/A	Sim	Sim		CAO
APPACDM de Condeixa-A-Nova	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Condeixa-A-Nova	Não	Sim	Sim	Musicoterapia	Outro
APPACDM de Elvas	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Elvas	Não	Não	N/A		Outro
APPACDM de Évora	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Évora	Não	Não	N/A		Outro

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
APPACDM de Figueira da Foz - Alhadas	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Figueira da Foz - Quiaios	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Gaia	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Lisboa	Não	Não	N/A		Outro
APPACDM de Lisboa - Ajuda	N/A	Sim	Sim		CAO
APPACDM de Lisboa - Casa da Alapraia	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Lisboa - Creche A Tartaruga e a Lebre	Não	Não	N/A		Outro
APPACDM de Lisboa - Júlia Moreira	N/A	Sim	Sim		CAO
APPACDM de Lisboa - Lar das Pedralvas	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Lisboa - Quinta dos Inglesinhos	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Lisboa - Santa Clara	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Maia	Sim	N/A	Sim		Outro
APPACDM de Maia - Avioso	N/A	Sim	Sim		CAO
APPACDM de Maia - Vermoim	N/A	Sim	Sim		CAO
APPACDM de Marinha Grande	N/A	Sim	Não		CAO
APPACDM de Matosinhos	Não	Não	N/A		Outro
APPACDM de Mirandela	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Mirandela	Não	Não	N/A		Outro
APPACDM de Montemor-O-Velho	N/A	Sim	Sim	Surdos e cegos.	CAO
APPACDM de Moura	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Moura	Não	Não	N/A		Outro

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
APPACDM de Poiares	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Portalegre	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Portalegre	Não	Não	N/A		Outro
APPACDM de Sabrosa	Não	Não	N/A		Outro
APPACDM de Santarém	Não	Não	N/A		Outro
APPACDM de Santarém - Aristides Graça	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Sertã	Não	Sim	Não	Atividades musicais. Profissional sem formação musical.	Outro
APPACDM de Setúbal	Não	Sim	Sim		Outro
APPACDM de Setúbal I	N/A	Sim	Sim		CAO
APPACDM de Setúbal II	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Setúbal III	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Soure	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Soure	Não	Sim	Sim	Grupo de bongos (ritmos).	Outro
APPACDM de Trofa	Não	Não	N/A		Outro
APPACDM de V.N. Poiares	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Valpaços	N/A	Sim	Não		CAO
APPACDM de Viana do Castelo	Não	Não	N/A		Outro
APPACDM de Viana do Castelo - Monção	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Viana do Castelo - Areosa I	N/A	Sim	Não		CAO

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
APPACDM de Viana do Castelo - João Barreto	N/A	Sim	Não		CAO
APPACDM de Viana do Castelo - Ponte Barca	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Viana do Castelo - Ponte Lima	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Viana do Castelo - Valença	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Vila de Famalicão	Não	Não	N/A		Outro
APPACDM de Vila Nova de Gaia	Sim	N/A	Sim		Outro
APPACDM de Vila Nova de Poiares	Não	Não	N/A		Outro
APPACDM de Vila Real - Sabrosa	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM de Viseu	Não	Sim	Sim	Musicoterapia	Outro
APPACDM de Viseu - Santa Comba Dão	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM do Crato	Não	Sim	Sim	Atividades musicais pontuais.	Outro
APPACDM do Fundão	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM do Fundão	Não	Não	N/A		Outro
APPACDM do Porto	Sim	N/A	Sim		Outro
APPACDM do Porto - Antas	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM do Porto - Centro Doutor Rui Abrunhosa	N/A	Sim	Sim		CAO
APPACDM do Porto - Centro Maria Isabel de Brito e Cunha	N/A	Não	N/A		CAO
APPACDM do Porto - Monte Alegre	N/A	Não	N/A		CAO

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
APPC - Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral - Núcleo Regional de Faro	Não	Sim	Sim	Atividades musicais pontuais.	Outro
APPDA - Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo de Lisboa	Sim	N/A	Sim		Outro
APPDA - Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo de Setúbal	Não	Sim	Sim		Outro
APPDA - Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo do Norte	Sim	N/A	Sim		Outro
APPT21 - Associação Portuguesa de Portadores de Trissomia 21	Não	Não	N/A		Outro
ARCIL - Associação para a Recuperação de Cidadãos Inadaptados da Lousã	N/A	Sim	Sim		CAO
ARCIL - Associação para a Recuperação de Cidadãos Inadaptados da Lousã	Não	Sim	Sim		Outro
ARDAD - Associação da Região do Douro para Apoio a Deficientes Régua	Não	Não	N/A		Outro
ARIA - Associação Reabilitação Integração Ajuda	Não	Sim	Sim		Outro
ASCUdT - Associação Sócio-Cultural dos Deficientes de Trás-os-Montes	N/A	Sim	Sim		CAO
ASCUdT - Associação Sócio-Cultural dos Deficientes de Trás-os-Montes	Não	Sim	Sim		Outro

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
ASMAL - Associação de Saúde Mental do Algarve	Não	Sim	Sim	Atividades musicais pontuais.	Outro
ASMAL - Associação de Saúde Mental do Algarve - Fórum Sócio-Ocupacional de Faro	Não	Não	N/A		CAO
ASMAL de Almancil - Unidade de Vida Apoiada e Fórum Sócio-Ocupacional	Não	Sim	Não	Aulas de canto opcionais com profissional sem formação na área de música.	Outro
Associação Algarvia de Pais e Amigos de Crianças Diminuídas Mentais	N/A	Não	N/A		CAO
Associação Algarvia Pais e Amigos de Crianças Diminuídas Mentais	Não	Não	N/A		Outro
Associação de Apoio à Criança do Distrito de Castelo Branco	N/A	Sim	Sim		CAO
Associação de Apoio à Juventude Deficiente	N/A	Sim	Sim		CAO
Associação de Desenvolvimento Sócio-Educativo Cultural ABC de Alcanena	Não	Não	N/A		Outro
Associação de Pais e Amigos de Deficientes de Lisboa Profundos	Não	Não	N/A		Outro
Associação de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente do Agrupamento de Concelhos do Vale do Douro Sul - Portas Prá Vida	N/A	Não	N/A		CAO
Associação de Pais e Amigos dos Diminuídos Mentais de Penafiel	Não	Não	N/A		Outro

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
Associação de Pais para a Educação, Cidadania, Desenvolvimento e Apoio Social de Braga	Não	Não	N/A		Outro
Associação de Paralisia Cerebral de Lisboa - Centro Nuno Belmar da Costa	N/A	Sim	Não		CAO
Associação do Porto de Paralisia Cerebral	Não	Sim	Sim		Outro
Associação do Porto de Paralisia Cerebral - Delfim Maia	N/A	Sim	Sim		CAO
Associação Famalicense de Prevenção e Apoio à Deficiência	Não	Não	N/A		Outro
Associação Olho Vivo	Não	Não	N/A		Outro
Associação Pais e Amigos Deficientes Profundos da Amadora	Não	Não	N/A		Outro
Associação para a Integração de Pessoas com Necessidades Especiais	N/A	Não	N/A		CAO
Associação para Integração e Reabilitação Social de Crianças	N/A	Não	N/A		CAO
Associação Portuguesa de Deficientes	Não	Não	N/A		Outro
Associação Portuguesa de Surdos	Não	Não	N/A		Outro
Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo	N/A	Sim	Sim	Banda formada por autistas.	CAO
Associação Portuguesa para as Perturbações do desenvolvimento e Autismo de Coimbra	N/A	Não	N/A		CAO
Associação Promotora de Emprego para Deficientes Visuais	N/A	Não	N/A		CAO
Associação Quinta das Pontes	N/A	Não	N/A		CAO

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
Associação Valecambranse de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente	N/A	Não	N/A		CAO
ASSOL - Associação de Solidariedade Social de Lafões	Não	Não	N/A		Outro
ASSOL de Oliveira de Frades	N/A	Não	N/A		CAO
AVISPT21 - Associação de Viseu de Portadores de Trissomia 21 - Centro de Dia Arco Iris	Não	Não	N/A		Outro
C.E.C.D. Mira Sintra	N/A	Não	N/A		CAO
C.E.C.D. Mira Sintra, CRL	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIMARCO- Cooperativa Para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas	Não	Não	N/A		CAO
Casa João Cidade	N/A	Sim	Sim		CAO
CERCIMOR de Vendas Novas	N/A	Não	N/A		CAO
CED Ceas - Centro de Educação e Ação Social da Casa Pia de Lisboa	Não	Não	N/A		Outro
CED - Centro de Educação e Desenvolvimento D. Nuno Álvares Pereira da Casa Pia de Lisboa	Não	Não	N/A		Outro
CED António Aurélio da Costa Ferreira - Casa Pia Lisboa	Não	Não	N/A		Outro
CED Jacob Rodrigues Pereira da Casa Pia de Lisboa	Sim	N/A	Sim		Outro
CED Pina Manique da Casa Pia de Lisboa	Não	Não	N/A		Outro
CEDEMA - Vida Viva	N/A	Não	N/A		CAO

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
CEERDL - Centro de Educação Especial Rainha D. Leonor	N/A	Não	N/A		CAO
CEERDL - Centro de Educação Especial Rainha D. Leonor	Não	Não	N/A		FENACERCI
Centro ABA - Centro de Terapias Comportamentais Ideiaba, Lda.	Não	Não	N/A		Outro
Centro BonnyStilwell - Casa Pia de Lisboa	Não	Não	N/A		Outro
Centro Condessa de Lobão	N/A	Não	N/A		CAO
Centro Cristovão Colombo de Oliveira	N/A	Não	N/A		CAO
Centro de Atividades Ocupacionais - Pendão	N/A	Não	N/A		CAO
Centro de Apoio a Deficientes Luís da Silva	N/A	Não	N/A		CAO
Centro de Apoio e Reabilitação de Pessoas com Deficiência	N/A	Não	N/A		CAO
Centro de Assistência Infantil Nossa Senhora das Dores	Sim	N/A	Sim		Outro
Centro de Atividades Ocupacionais Gil Romão	N/A	Sim	Sim		CAO
Centro de Educação Especial de Bragança	N/A	Não	N/A		CAO
Centro de Ensino e Recuperação do Entroncamento	N/A	Não	N/A		CAO
Centro de Integração e Reabilitação de Tomar	N/A	Não	N/A		CAO

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian	Não	Não	N/A		Outro
Centro de Reabilitação e Integração de Coruche	N/A	Não	N/A		CAO
Centro de Reabilitação e Integração de Fátima	N/A	Não	N/A		CAO
Centro de Reabilitação e Integração Torrejano	N/A	Não	N/A		CAO
Centro de Recuperação Infantil de Almeirim	Não	Sim	Sim		Outro
Centro de Recuperação Infantil de Benavente	Não	Não	N/A		Outro
Centro de Recuperação Infantil de Ferreira do Zézere	Não	Não	N/A		Outro
Centro Helen Keller	Sim	N/A	Sim		Outro
Cerci Flôr da Vida - Olhalvo	N/A	Não	N/A		CAO
Cerci Flôr Vida- Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas	N/A	Não	N/A		FENACERCI
CERCI Guarda	N/A	Não	N/A		CAO
CERCIAG - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Águeda	Não	Sim	Sim	Musicoterapia	FENACERCI
CERCIAG Gafanha	N/A	Sim	Sim	Banda de fanfarra.	CAO
CERCIAMA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas da Amadora	N/A	Não	N/A		CAO

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
CERCIAMA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas da Amadora	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIAV - Cooperativa para a Educação e Reabilitação dos Cidadãos Inadaptados de Aveiro - Aradas	N/A	Não	N/A		CAO
CERCIAV - Cooperativa para a Educação e Reabilitação dos Cidadãos Inadaptados de Aveiro	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIAZ - Centro de Recuperação de Crianças Deficientes e Inadaptadas de Oliveira de Azeméis	N/A	Não	N/A		CAO
CERCIAZ - Centro de Recuperação de Crianças Deficientes e Inadaptadas de Oliveira de Azeméis	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIBEJA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Beja	N/A	Não	N/A		CAO
CERCIBEJA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Beja	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIBRAGA - Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos com Incapacidades	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCICA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Cascais - Centro Educativo Terapêutico	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCICAPER - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Castanheira de Pêra	Não	Não	N/A		FENACERCI

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
CERCICOA - Cooperativa Educação Reabilitação Crianças Inadaptadas de Almodôvor, Castro Verde e Ourique	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIDIANA - Cooperativa Para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Évora	N/A	Não	N/A		CAO
CERCIDIANA - Cooperativa Para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Évora	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIESPINHO - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Espinho	N/A	Sim	Não		CAO
CERCIESPINHO - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Espinho	Não	Sim	Sim	Atividades musicais. Grupo de bombos orientado por uma animadora social e um músico.	FENACERCI
CERCUESTA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Estarreja	Sim	N/A	Sim	Aulas e musicoterapia com uma Auxiliar de Ação Educativa da CERCUESTA que estudou música no Conservatório.	FENACERCI
CERCIESTARREJA	N/A	Sim	Sim		CAO

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
CERCIESTREMOZ - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Estremoz	N/A	Não	N/A		CAO
CERCIESTREMOZ - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Estremoz	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIFAF - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Fafe	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIFAF - Dona Aurora Ribeiro e Castro	N/A	Sim	Sim		CAO
CERCIFEIRA- Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de S. M. da Feira	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIFEL - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Felgueiras	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIFOZ - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas da Figueira da Foz	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIG - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados Guarda	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIGAIA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas	N/A	Não	N/A		CAO
CERCIGAIA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIGAIA - Mata	N/A	Não	N/A		CAO

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
CERCIGRÂNDOLA - Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados	N/A	Não	N/A		CAO
CERCIGRÂNDOLA - Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIGUI- Cooperativa Para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas do Concelho de Guimarães	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCILAMAS - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas - Santa Maria de Lamas	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCILEI - Cooperativa de Ensino e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Leiria	N/A	Não	N/A		CAO
CERCILEI - Cooperativa de Ensino e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Leiria	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCILEI - Porto de Mós	N/A	Não	N/A		CAO
CERCILISBOA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Lisboa	N/A	Sim	Sim		CAO
CERCILISBOA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Lisboa	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCILISBOA - Espaço da Luz	Não	Não	N/A		CAO
CERCILISBOA - Olivais	N/A	Não	N/A		CAO
CERCIMA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas do Montijo	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIMAC - Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados Macedo de Cavaleiros	N/A	Não	N/A		CAO

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
CERCIMAC - Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados Macedo de Cavaleiros	Não	Sim	Sim		FENACERCI
CERCIMARANTE - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas do Concelho de Amarante	N/A	Não	N/A		CAO
CERCIMARANTE - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas do Concelho de Amarante	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIMARCO	N/A	Não	N/A		CAO
CERCIMB - Moita	N/A	Não	N/A		CAO
CERCIMB- Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas da Moita e Barreiro	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIMIRA - Cooperativa Educação Reabilitação de Cidadãos Inadaptados	N/A	Sim	Sim		CAO
CERCIMIRA - Cooperativa Educação Reabilitação de Cidadãos Inadaptados	Não	Sim	Sim	Musicoterapia	FENACERCI
CERCIMOR - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Montemor-o-Novo	N/A	Não	N/A		CAO
CERCIMOR - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Montemor-o-Novo	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCINA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas da Nazaré	N/A	Não	N/A		CAO

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
CERCINA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas da Nazaré	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIOEIRAS - Cooperativa de Educação e Reabilitação dos Cidadãos com Incapacidade	N/A	Sim	Sim		CAO
CERCIOEIRAS - Cooperativa de Educação e Reabilitação dos Cidadãos com Incapacidade	Não	Sim	Sim		FENACERCI
CERCIPENELA - Cooperativa de Ensino e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Penela	N/A	Sim	Sim		CAO
CERCIPENELA - Cooperativa de Ensino e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Penela	Não	Sim	Sim		FENACERCI
CERCIPENICHE - Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Peniche	N/A	Não	N/A		CAO
CERCIPENICHE - Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Peniche	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIPENICHE II - Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Peniche	N/A	Não	N/A		CAO
CERCIPOM - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Pombal	N/A	Não	N/A		CAO
CERCIPOM - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Pombal	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIPORTALEGRE - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Portalegre	N/A	Não	N/A		CAO

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
CERCIPORTALEGRE - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Portalegre	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCIPÓVOA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Póvoa de Santa Iria	N/A	Sim	Sim		CAO
CERCIPÓVOA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Póvoa de Santa Iria	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCISA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Almada	N/A	Não	N/A		CAO
CERCISA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Almada	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCISIAGO - Cooperativa para educação e reabilitação de crianças inadaptadas de Sines e Santiago do Cacém	N/A	Não	N/A		CAO
CERCISIAGO - Cooperativa para educação e reabilitação de crianças inadaptadas de Sines e Santiago do Cacém	Não	Não	N/A		FENACERCI
CERCITEJO - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Alverca	N/A	Não	N/A		CAO
CERCITEJO - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Alverca	Sim	N/A	Sim		FENACERCI
CERCITOP	Não	Sim	Sim		FENACERCI
CERCITOP	N/A	Sim	Sim		CAO
CERCIVAR - Cooperativa para a Educação e reabilitação de Crianças Inadaptadas de Ovar	Não	Sim	Sim		Outro

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
CERCIVAR - Cooperativa para a Educação e reabilitação de Crianças Inadaptadas de Ovar	Não	Sim	Sim		FENACERCI
CERCIZIMBRA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Sesimbra	N/A	Não	N/A		CAO
CERCIZIMBRA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Sesimbra	Sim	N/A	Sim		FENACERCI
Colégio Eduardo Claparède	Sim	N/A	Sim		Outro
Convento dos Cardeais, Associação Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos	Sim	N/A	Sim		Outro
Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Santa Maria da Feira	Não	Não	N/A		Outro
CORPE - Centro de Observação e Reeducação Psico-Educacional	Não	Não	N/A		Outro
CPCB - Centro da Paralisia Cerebral de Beja	Sim	N/A	Sim		Outro
CRACEP - Cooperativa de Reeducação e Apoio à Criança Excepcional de Portimão	N/A	Não	N/A		CAO
CRACEP - Cooperativa de Reeducação e Apoio à Criança Excepcional de Portimão	Não	Não	N/A		FENACERCI
CREACIL - Cooperativa de Reabilitação Educação Animação para a Comunidade Integrada de Loures	N/A	Não	N/A		CAO
CREACIL - Cooperativa de Reabilitação Educação Animação para a Comunidade Integrada de Loures	Não	Não	N/A		FENACERCI
CRIAL	N/A	Sim	Sim		CAO

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
Criança Diferente	N/A	Sim	Não		CAO
CRID	N/A	Não	N/A		CAO
CRIF - Centro de Recuperação Infantil de Fátima	Não	Sim	Sim	Musicoterapia. Parceria num projeto com o Conservatório de Fátima.	Outro
CRINABEL - Cooperativa de Educação de Crianças Inadaptadas de Sta. Isabel	N/A	Sim	Sim		CAO
CRINABEL - Cooperativa de Educação de Crianças Inadaptadas de Sta. Isabel	Não	Sim	Sim	Musicoterapia	FENACERCI
CRIO	N/A	Não	N/A		CAO
CRIPS	N/A	Não	N/A		CAO
CRIT - Centro de Reabilitação e Integração Torrejano	Não	Sim	Não	A música é utilizada como complemento nas terapias. Animador sócio-cultural, Psicóloga e Psicomotricista.	Outro
CRNSA - Centro de Reabilitação Nossa Sra. Dos Anjos	Não	Não	N/A		Outro
Elo Social - Associação para a Integração e Apoio ao Deficiente Jovem e Adulto	N/A	Sim	Sim		CAO
Elo Social - Associação para a Integração e Apoio ao Deficiente Jovem e Adulto	Sim	N/A	Não	Atividades musicais com dois técnicos especializados em Educação Especial.	Outro

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
EMAÚS - Associação de Apoio ao Deficiente Mental	Não	Sim	Sim	Musicoterapia. Professor de Educação Especial e especialização em musicoterapia.	Outro
Emaús Baltar	N/A	Sim	Sim		CAO
Emaús Paredes	N/A	Não	N/A		CAO
Emília e Araújo	N/A	Não	N/A		CAO
Equip. Soc. Centro Social e Cultural de Valbom	N/A	Sim	Sim		CAO
Equipamento Social Pólo de Góis	N/A	Não	N/A		CAO
Estimulopraxis	Não	Não	N/A		Outro
Federação das Associações Portuguesas de Paralisia Cerebral	Não	Não	N/A		Outro
Federação Portuguesa das Associações de Surdos	Não	Não	N/A		Outro
Federação Portuguesa de Autismo	Sim	N/A	Sim		Outro
FRMS - Fundação Raquel e Martin Sain	Não	Não	N/A		Outro
Fundação Augusto Cesar Ferreira Gil	N/A	Sim	Sim		CAO
Fundação Irene Rolo	N/A	Não	N/A		CAO
Fundação João e Fernanda Garcia - Vila do Rei	N/A	Não	N/A		CAO
Fundação Liga	N/A	Sim	Sim	Deficientes motores.	CAO
Instituto da Imaculada Conceição para Pessoas com Necessidades Especiais	N/A	Sim	Sim		CAO
Instituto São Manuel	N/A	Não	N/A		CAO
IPEIP	N/A	Não	N/A		CAO

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
IRIS - Instituto de Reabilitação e Integração Social	Não	Não	N/A		Outro
Maceda	N/A	Sim	Sim		CAO
MAPADI da Póvoa	N/A	Não	N/A		CAO
MAPADI de Terroso	N/A	Não	N/A		CAO
Movimento de Apoio ao Diminuído Intelectual de Vila do Conde	N/A	Sim	Sim		CAO
NÓS - Associação de Pais e Técnicos para a Integração do Deficiente	Não	Não	N/A		Outro
O Ninho - Centro de Educação Especial do Concelho de Rio Maior	Não	Não	N/A		Outro
Obra Social e Cultural Sílvia Cardoso	N/A	Sim	Sim		CAO
Obra Social e Cultural Sílvia Cardoso	Sim	N/A	Sim		Outro
PERSONA - Associação para a Promoção da Saúde Mental	Não	Não	N/A		Outro
Qe - Associação Quinta Essência	N/A	Sim	Sim		CAO
Qe - Associação Quinta Essência	Não	Sim	Sim	Musicoterapia. Músico profissional com especialização na Educação Especial.	Outro
Rumo, Cooperativa de Solidariedade Social	N/A	Não	N/A		CAO
Rumo, Cooperativa de Solidariedade Social, Crl	N/A	Não	N/A		FENACERCI
Santa Casa da Misericórdia de Figueiró dos Vinhos	N/A	Não	N/A		CAO

Nome da Instituição	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam educação musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/ atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Tipo de instituição pedagógica
Santa Casa da Misericórdia de Mortágua	N/A	Não	N/A		CAO
Santa Casa da Misericórdia de Reguengos	N/A	Sim	Sim		CAO
Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova de Foz Côa	N/A	Não	N/A		CAO

Centros de atividades ocupacionais

Tabela 6 - Levantamento das instituições estatais (ou com apoio estatal) com NEE na sua relação com a música por Centro de Atividades Ocupacionais

Nome da Instituição (Centro de Atividades Ocupacionais - CAO)	Oferecem Educação Musical?	Oferecem atividades musicais?	As atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Têm ou aceitam alunos com deficiências cognitivas nas atividades musicais?	Notas
A.D.M. Estrela - Associação de Desenvolvimento e Melhoramentos de Vale de Estrela	N/A	Não	N/A	N/A	
A.D.M. Estrela de Pinhel	N/A	Não	N/A	N/A	
ADAPECIL - Associação de Amor para a Educação de Cidadãos Inadaptados da Lourinhã	N/A	Não	N/A	N/A	
ADFA	N/A	Não	N/A	N/A	
AFPAD - Associação Famalicense de Prevenção e Apoio à Deficiência	N/A	Não	N/A	N/A	
AMA - Fundação AMA Autismo	N/A	Não	N/A	N/A	
AMORAMA - Associação de Pais e Amigos de Deficientes Profundos	N/A	Não	N/A	N/A	
APACI	N/A	Sim	Sim	Sim	
APCL - Espaço 7 Ofícios	N/A	Não	N/A	Sim	
APADIMP	N/A	Não	N/A	N/A	
APCC- Quinta da Conraria	N/A	Sim	Sim	Sim	
APCDI - Sobral	N/A	Não	N/A	N/A	
APCV - Oliveira do Conde	N/A	Não	N/A	N/A	
APECI	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM da Anadia	N/A	Sim	Sim	Sim	
APPACDM da Gaia - Centro Madre de Deus	N/A	Sim	Sim	Sim	
APPACDM da Trofa	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Albergaria-A-Velha	N/A	Sim	Sim	Sim	

Nome da Instituição (Centro de Atividades Ocupacionais - CAO)	Oferecem Educação Musical?	Oferecem atividades musicais?	As atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Têm ou aceitam alunos com deficiências cognitivas nas atividades musicais?	Notas
APPACDM de Arganil	N/A	Sim	Sim	Sim	
APPACDM de Aveiro	N/A	Sim	Sim	Sim	
APPACDM de Braga - Complexo de Esposende	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Braga - Complexo de Gualtar	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Braga - Complexo de Lomar	N/A	Sim	Sim	Sim	
APPACDM de Braga - Complexo de Vila Nova de Famalicão	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Braga - Complexo de Vila Verde	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Coimbra - S. Silvestre	N/A	Sim	Sim	Sim	
APPACDM de Condeixa-A-Nova	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Elvas	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Évora	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Figueira da Foz - Alhadas	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Figueira da Foz - Quiaios	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Gaia	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Lisboa - Ajuda	N/A	Sim	Sim	Sim	
APPACDM de Lisboa - Casa da Alapraia	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Lisboa - Júlia Moreira	N/A	Sim	Sim	Sim	
APPACDM de Lisboa - Lar das Pedralvas	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Lisboa - Quinta dos Inglesinhos	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Lisboa - Santa Clara	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Maia - Avioso	N/A	Sim	Sim	Sim	
APPACDM de Maia - Vermoim	N/A	Sim	Sim	Sim	
APPACDM de Marinha Grande	N/A	Sim	Não	Sim	
APPACDM de Mirandela	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Montemor-O-Velho	N/A	Sim	Sim	Não	Surdos e cegos.

Nome da Instituição (Centro de Atividades Ocupacionais - CAO)	Oferecem Educação Musical?	Oferecem atividades musicais?	As atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Têm ou aceitam alunos com deficiências cognitivas nas atividades musicais?	Notas
APPACDM de Moura	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Poiares	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Portalegre	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Santarém - Aristides Graça	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Setúbal I	N/A	Sim	Sim	Sim	
APPACDM de Setúbal II	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Setúbal III	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Soure	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de V.N. Poiares	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Valpaços	N/A	Sim	Não	Sim	
APPACDM de Viana do Castelo - Monção	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Viana do Castelo - Areosa I	N/A	Sim	Não	Sim	
APPACDM de Viana do Castelo - João Barreto	N/A	Sim	Não	Sim	
APPACDM de Viana do Castelo - Ponte Barca	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Viana do Castelo - Ponte Lima	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Viana do Castelo - Valença	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Vila Real - Sabrosa	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM de Viseu - Santa Comba Dão	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM do Fundão	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM do Porto - Antas	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM do Porto - Centro Doutor Rui Abrunhosa	N/A	Sim	Sim	Sim	
APPACDM do Porto - Centro Maria Isabel de Brito e Cunha	N/A	Não	N/A	N/A	
APPACDM do Porto - Monte Alegre	N/A	Não	N/A	N/A	
ARCIL	N/A	Sim	Sim	Sim	

Nome da Instituição (Centro de Atividades Ocupacionais - CAO)	Oferecem Educação Musical?	Oferecem atividades musicais?	As atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Têm ou aceitam alunos com deficiências cognitivas nas atividades musicais?	Notas
ASCUDT	N/A	Sim	Sim	Sim	
ASMAL - Fórum Sócio-Ocupacional de Faro	N/A	Não	N/A	Sim	
Associação Algarvia de Pais e Amigos de Crianças Diminuídas Mentais	N/A	Não	N/A	N/A	
Associação de Apoio à Criança do Distrito de Castelo Branco	N/A	Sim	Sim	Sim	
Associação de Apoio à Juventude Deficiente	N/A	Sim	Sim	Sim	
Associação de Pais e Amigos do Cidadão deficiente do Agrupamento de Concelhos do Vale do Douro Sul - Portas Prá Vida	N/A	Não	N/A	N/A	
Associação de Paralisia Cerebral de Lisboa - Centro Nuno Belmar da Costa	N/A	Sim	Não	Sim	
Associação do Porto de Paralisia Cerebral - Delfim Maia	N/A	Sim	Sim	Sim	
Associação para a Integração de Pessoas com Necessidades Especiais	N/A	Não	N/A	N/A	
Associação para Integração e Reabilitação Social de Crianças	N/A	Não	N/A	N/A	
Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo	N/A	Sim	Sim	Sim	Banda formada por autistas.
Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo de Coimbra	N/A	Não	N/A	N/A	
Associação Promotora de Emprego para Deficientes Visuais	N/A	Não	N/A	N/A	
Associação Quinta das Pontes	N/A	Não	N/A	N/A	
Associação Valecambranse de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente	N/A	Não	N/A	N/A	

Nome da Instituição (Centro de Atividades Ocupacionais - CAO)	Oferecem Educação Musical?	Oferecem atividades musicais?	As atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Têm ou aceitam alunos com deficiências cognitivas nas atividades musicais?	Notas
ASSOL de Oliveira de Frades	N/A	Não	N/A	N/A	
C.E.C.D. Mira Sintra	N/A	Não	N/A	N/A	
Casa João Cidade	N/A	Sim	Sim	Sim	
CERCIMOR de Vendas Novas	N/A	Não	N/A	N/A	
CEDEMA - Vida Viva	N/A	Não	N/A	N/A	
CEERDL	N/A	Não	N/A	N/A	
Centro Condessa de Lobão	N/A	Não	N/A	N/A	
Centro Cristóvão Colombo de Oliveira	N/A	Não	N/A	N/A	
Centro de Atividades Ocupacionais - Pendão	N/A	Não	N/A	N/A	
Centro de Apoio a deficientes Luís da Silva	N/A	Não	N/A	N/A	
Centro de Apoio e Reabilitação de Pessoas com Deficiência	N/A	Não	N/A	N/A	
Centro de Atividades Ocupacionais Gil Romão	N/A	Sim	Sim	Sim	
Centro de Educação Especial de Bragança	N/A	Não	N/A	N/A	
Centro de Ensino e Recuperação do Entroncamento	N/A	Não	N/A	N/A	
Centro de Integração e Reabilitação de Tomar	N/A	Não	N/A	N/A	
Centro de Reabilitação e Integração de Coruche	N/A	Não	N/A	N/A	
Centro de Reabilitação e Integração de Fátima	N/A	Não	N/A	N/A	
Centro de Reabilitação e Integração Torrejano	N/A	Não	N/A	N/A	
Cerci Flôr da Vida - Olhalvo	N/A	Não	N/A	N/A	
Cerci Guarda	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIAG Gafanha	N/A	Sim	Sim	Sim	Banda de fanfarra.
CERCIAMA	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIAV - Aradas	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIAZ	N/A	Não	N/A	N/A	

Nome da Instituição (Centro de Atividades Ocupacionais - CAO)	Oferecem Educação Musical?	Oferecem atividades musicais?	As atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Têm ou aceitam alunos com deficiências cognitivas nas atividades musicais?	Notas
CERCIBEJA	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIDIANA	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIESPINHO	N/A	Sim	Não	Sim	
CERCIESTARREJA	N/A	Sim	Sim	Sim	
CERCIESTREMOZ	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIGAIA	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIGAIA - Mata	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIGRÂNDOLA	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCILEI	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCILEI - Porto de Mós	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCILISBOA	N/A	Sim	Sim	Sim	
CERCILISBOA - Espaço da Luz	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCILISBOA - Olivais	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIMAC	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIMARANTE	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIMARCO	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIMB	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIMB - Moita	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIMIRA	N/A	Sim	Sim	Sim	
CERCIMOR	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCINA	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIOEIRAS	N/A	Sim	Sim	Sim	
CERCIPENELA	N/A	Sim	Sim	Sim	
CERCIPENICHE	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIPENICHE - II	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIPOM	N/A	Não	N/A	N/A	

Nome da Instituição (Centro de Atividades Ocupacionais - CAO)	Oferecem Educação Musical?	Oferecem atividades musicais?	As atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Têm ou aceitam alunos com deficiências cognitivas nas atividades musicais?	Notas
CERCIPORTALEGRE	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIPÓVOA	N/A	Sim	Sim	Sim	
CERCISA	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCISIAGO	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCITEJO	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCITOP	N/A	Sim	Sim	Sim	
CERCIZIMBRA	N/A	Não	N/A	N/A	
CRACEP	N/A	Não	N/A	N/A	
CREACIL	N/A	Não	N/A	N/A	
CRIAL	N/A	Sim	Sim	Sim	
Criança Diferente	N/A	Sim	Não	Sim	
CRID	N/A	Não	N/A	N/A	
CRINABEL	N/A	Sim	Sim	Sim	
CRIO	N/A	Não	N/A	N/A	
CRIPS	N/A	Não	N/A	N/A	
CERCIFAF - Dona Aurora Ribeiro e Castro	N/A	Sim	Sim	Sim	
Elo Social	N/A	Sim	Sim	Sim	
Emaús Baltar	N/A	Sim	Sim	Sim	
Emaús Paredes	N/A	Não	N/A	N/A	
Emília e Araújo	N/A	Não	N/A	N/A	
Equip. Soc. Centro Social e Cultural de Valbom	N/A	Sim	Sim	Sim	
Equipamento Social Pólo de Góis	N/A	Não	N/A	N/A	
Fundação Augusto Cesar Ferreira Gil	N/A	Sim	Sim	Sim	
Fundação Irene Rolo	N/A	Não	N/A	N/A	
Fundação João e Fernanda Garcia - Vila do Rei	N/A	Não	N/A	N/A	

Nome da Instituição (Centro de Atividades Ocupacionais - CAO)	Oferecem Educação Musical?	Oferecem atividades musicais?	As atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Têm ou aceitam alunos com deficiências cognitivas nas atividades musicais?	Notas
Fundação Liga	N/A	Sim	Sim	Não	Deficientes motores
Instituto da Imaculada Conceição para Pessoas com Necessidades Especiais	N/A	Sim	Sim	Sim	
Instituto São Manuel	N/A	Não	N/A	N/A	
IPEIP	N/A	Não	N/A	N/A	
Maceda	N/A	Sim	Sim	Sim	
MAPADI da Póvoa	N/A	Não	N/A	N/A	
MAPADI de Terroso	N/A	Não	N/A	N/A	
Movimento de Apoio ao Diminuído Intelectual de Vila do Conde	N/A	Sim	Sim	Sim	
Obra Social Cultural Sílvia Cardoso	N/A	Sim	Sim	Sim	
Qe - Associação Quinta Essência	N/A	Sim	Sim	Sim	
Rumo, Cooperativa de Solidariedade Social	N/A	Não	N/A	N/A	
Santa Casa da Misericórdia de Figueiró dos Vinhos	N/A	Não	N/A	N/A	
Santa Casa da Misericórdia de Mortágua	N/A	Não	N/A	N/A	
Santa Casa da Misericórdia de Reguengos	N/A	Sim	Sim	Sim	
Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova de Foz Côa	N/A	Não	N/A	N/A	

Resumo:

	Entidades CAO	172
	CAO's sem atividades musicais	119
	CAO's com atividades musicais	53
Atividades musicais desenvolvidas por profissionais na área da música		46
Atividades musicais desenvolvidas por profissionais sem formação musical		7
	Aceitam alunos com deficiências cognitivas	53
	Não aceitam alunos com deficiências cognitivas	2

Tabela 7 - Levantamento das instituições estatais (ou com apoio estatal) com NEE na sua relação com a música - FENACERCI

Nome da Instituição associada da FENACERCI	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam Educação Musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Instituição associada com valência de Educação Especial?
ACIP - Ave Cooperativa de Intervenção Psico-Social, C.R.L.	Não	Não	N/A		Sim
C.E.C.D. Mira Sintra	Não	Não	N/A		Sim
CEERDL - Centro de Educação Especial Rainha D. Leonor	Não	Não	N/A		Não
Cerci Flôr Vida- Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas	Não	Não	N/A		Sim
CERCIAG - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Águeda	Não	Sim	Sim	Musicoterapia	Sim
CERCIAMA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas da Amadora	Não	Não	N/A		Sim
CERCIAV - Cooperativa para a Educação e Reabilitação dos Cidadãos Inadaptados de Aveiro	Não	Não	N/A		Não
CERCIAZ - Centro de Recuperação de Crianças Deficientes e Inadaptadas de Oliveira de Azeméis	Não	Não	N/A		Sim
CERCIBEJA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Beja	Não	Não	N/A		Não
CERCIBRAGA - Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos com Incapacidades	Não	Não	N/A		Não

Nome da Instituição associada da FENACERCI	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam Educação Musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Instituição associada com valência de Educação Especial?
CERCICA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas - Cascais - Centro Educativo Terapêutico	Não	Não	N/A		Não
CERCICAPER - Cooperativa para a Educação Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Castanheira de Pêra	Não	Não	N/A		Não
CERCICOA- Cooperativa Educação Reabilitação Crianças Inadaptadas de Almodôvor, Castro Verde e Ourique	Não	Não	N/A		Não
CERCIDIANA- Cooperativa Para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Évora	Não	Não	N/A		Não
CERCIESPINHO - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Espinho	Não	Sim	Sim	Atividades musicais. Grupo de bombos orientado por uma animadora social e um músico.	Não
CERCIESTA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Estarreja	Sim	N/A	Sim	Aulas e musicoterapia com uma Aux. de Ação Educativa da CERCIESTA que estudou música no Conservatório.	Sim

Nome da Instituição associada da FENACERCI	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam Educação Musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Instituição associada com valência de Educação Especial?
CERCIESTREMOZ - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Estremoz	Não	Não	N/A		Não
CERCIFAF - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Fafe	Não	Não	N/A		Sim
CERCIFEIRA- Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de S. M. da Feira	Não	Não	N/A		Sim
CERCIFEL - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Felgueiras	Não	Não	N/A		Sim
CERCIFOZ - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas da Figueira da Foz	Não	Não	N/A		Não
CERCIG - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados da Guarda	Não	Não	N/A		Sim
CERCIGAIA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas	Não	Não	N/A		Sim
CERCIGRÂNDOLA - Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados	Não	Não	N/A		Não
CERCIGUI- Cooperativa Para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas do Concelho de Guimarães	Não	Não	N/A		Sim
CERCILAMAS - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Santa Maria de Lamas	Não	Não	N/A		Sim

Nome da Instituição associada da FENACERCI	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam Educação Musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Instituição associada com valência de Educação Especial?
CERCILEI - Cooperativa de Ensino e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Leiria	Não	Não	N/A		Sim
CERCILISBOA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Lisboa	Não	Não	N/A		Não
CERCIMA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas do Montijo	Não	Não	N/A		Sim
CERCIMAC - Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados Macedo de Cavaleiros	Não	Sim	Sim		Não
CERCIMARANTE - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas do Concelho de Amarante	Não	Não	N/A		Não
CERCIMB- Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadptadas da Moita e Barreiro	Não	Não	N/A		Sim
CERCIMIRA - Cooperativa Educação Reabilitação de Cidadãos Inadaptados	Não	Sim	Sim	Musicoterapia	Não
CERCIMOR - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Montemor-O-Novo	Não	Não	N/A		Sim
CERCINA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas da Nazaré	Não	Não	N/A		Não
CERCIOERIAS - Cooperativa de Educação e Reabilitação dos Cidadãos com Incapacidade	Não	Sim	Sim		Sim

Nome da Instituição associada da FENACERCI	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam Educação Musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Instituição associada com valência de Educação Especial?
CERCIPENELA - Cooperativa de Ensino e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Penela	Não	Sim	Sim		Não
CERCIPENICHE - Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Peniche	Não	Não	N/A		Sim
CERCIPOM - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Pombal	Não	Não	N/A		Não
CERCIPORTALEGRE - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Portalegre	Não	Não	N/A		Sim
CERCIPÓVOA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Póvoa de Santa Iria	Não	Não	N/A		Sim
CERCISA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Almada	Não	Não	N/A		Sim
CERCISIAGO - Cooperativa para educação e reabilitação de crianças inadaptadas de Sines e Santiago do Cacém	Não	Não	N/A		Sim
CERCITEJO - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Alverca	Sim	N/A	Sim		Sim
CERCITOP	Não	Sim	Sim		Não
CERCIVAR - Cooperativa para a Educação e reabilitação de Crianças Inadaptadas de Ovar	Não	Sim	Sim		Sim
CERCIZIMBRA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Sesimbra	Sim	N/A	Sim		Sim
CRACEP - Cooperativa de Reeducação e Apoio à Criança Excepcional de Portimão	Não	Não	N/A		Não

Nome da Instituição associada da FENACERCI	Oferecem Educação Musical?	Caso não ofereçam Educação Musical desenvolvem atividades musicais?	As aulas/atividades musicais são desenvolvidas por um professor de música ou músico?	Notas	Instituição associada com valência de Educação Especial?
CREACIL - Cooperativa de Reabilitação Educação Animação para a Comunidade Integrada de Loures	Não	Não	N/A		Não
CRINABEL - Cooperativa de Educação de Crianças Inadaptadas de Sta. Isabel	Não	Sim	Sim	Musicoterapia	Não
Rumo, Cooperativa de Solidariedade Social, Crl	Não	Não	N/A		Não

Resumo:

	Entidades FENACERCI	51
	Entidades com valência de Educação Especial	27
	Entidades sem valência de Educação Especial	24
Entidades que promovem Educação Musical, atividades musicais e/ou musicoterapia		12
Entidades que não promovem educação/atividades na área da música		39
Entidades com valência de Educação Especial que promovem Educação Musical		3
Entidades sem Educação Musical mas que promovem atividades musicais e/ou musicoterapia		9
Aulas ou atividades musicais desenvolvidas por profissionais da área da música		12
Atividades musicais desenvolvidas por profissionais sem formação musical		0

Tabela 8 - Análise de dados das entidades associadas da FENACERCI

	Aulas de música	Sem aulas mas com atividades	Sem aulas e sem atividades	Total
Com Educação Especial	3	3	21	27
Sem Educação Especial	0	6	18	24
Total	3	9	39	

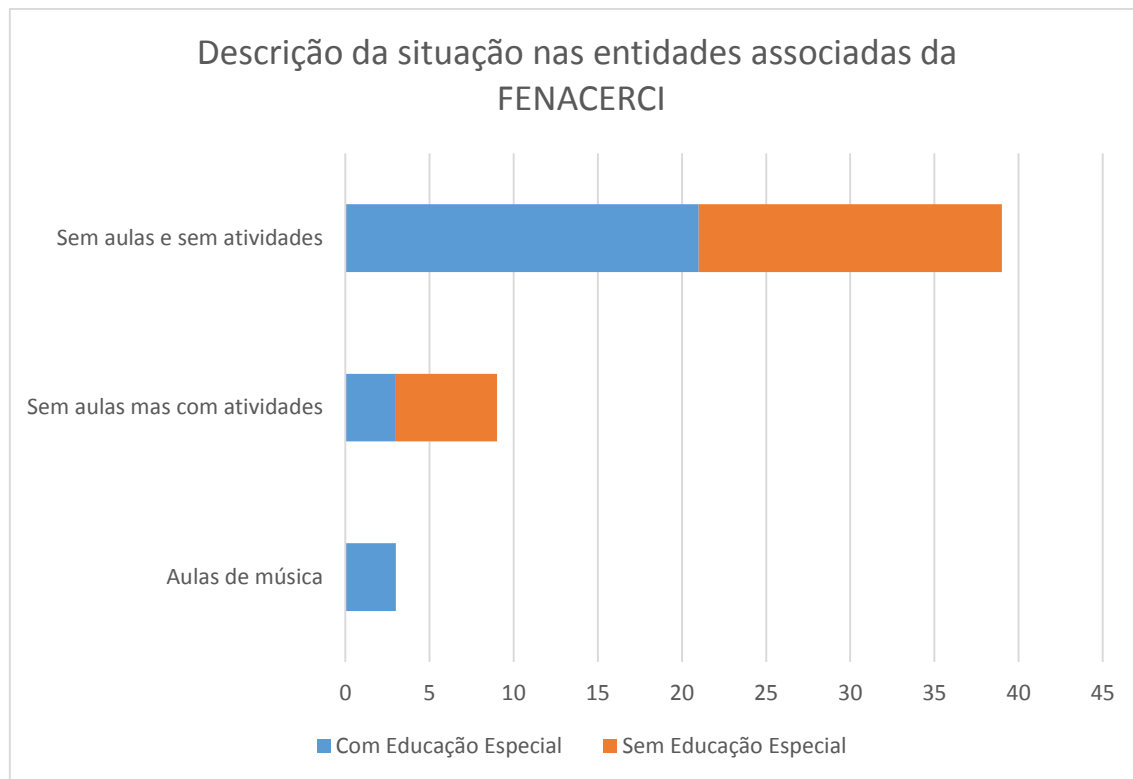


Ilustração 10 - Análise de dados das entidades associadas da FENACERCI. (Ilustração nossa, 2015)

APÊNDICE C

Modelo questionário entregue aos professores de educação musical

QUESTIONÁRIO

1. Há quanto tempo leciona música no ensino especial? _____

2. Quantas horas por semana/mês dedica às aulas de música na escola/centro ocupacional

3. Qual a sua formação?

Ensino especial

Música

Musicoterapia

4. Com que patologias trabalha?

Trissomia 21

Espectro do Autismo

Paralisia cerebral

Outro

Qual: _____

5. Trabalha com que tipo de música?

Clássica

Jazz

Rock

Tradicional

6. Que instrumentos utilizam com o grupo?

Voz

Teclas

Guitarra

Percussão

7. Quais os efeitos que mais valoriza decorrentes das aulas de música?

Interação

Sociabilização

Mobilidade

Coordenação motora

Autoestima

Desenvolvimento cognitivo

Outro

APÊNDICE D

Grelha de observação das Sessões Musicais pelo mestrando

Modelo de grelha

Tabela 9 - Modelo de grelha

<u>Interação com o professor e o grupo</u>	Não Revela	Revela Pouco	Revela Muito
Aceitação de trabalho individual ou trabalho em grupo			
Capacidade de resposta às tarefas musicais pedidas			
Grau de facilidade na execução técnica dos instrumentos musicais			
Nível de respeito perante o professor de música durante a sessão			
Nível de respeito relativamente ao trabalho dos colegas			
Grau do sentido rítmico e criatividade musical			
Exploração das características e sons dos instrumentos musicais na sala de aula			
Instrumentos Utilizados nas Sessões			
<u>Nível Emocional e Comportamental</u>	Não Revela	Revela Pouco	Revela Muito
Mostra indiferença perante o professor e/ou colegas			
Prefere isolar-se			
Demonstra satisfação ou bem-estar na aula			
Revela desconforto na presença dos outros			
Nome de Aluno:	Data/Hora:		

APÊNDICE E

Ilustrações Complementares

FCG – Sessões de Instrumentarium Baschet



Ilustração 11 - Panorama da sala de Instrumentarium Baschet, Pauliana Pimentel. (Lopes, A. 2015)



Ilustração 12 - Panorama da sala de Instrumentarium Baschet, Pauliana Pimentel. (Lopes, A. 2015)



Ilustração 13 - Sessões musicais na Fundação Calouste Gulbenkian, Pauliana Pimentel. (Lopes, A., 2015)



Ilustração 14 - Sessões musicais na Fundação Calouste Gulbenkian, Pauliana Pimentel. (Lopes, A. 2015)

APPDA – Instrumentos utilizados nas sessões de educação musical com o professor Rui Pais



Ilustração 15 - Piano elétrico e tambor. (Ilustração nossa, 2015)



Ilustração 16 – Guizeira. (Ilustração nossa, 2015)



Ilustração 17 – Xilofone. (Ilustração nossa, 2015)



Ilustração 18 - Triângulo e bandolim. (Ilustração nossa, 2015)



Ilustração 19 - Reco-reco. (Ilustração nossa, 2015)



Ilustração 20 - Clavas. (Ilustração nossa, 2015)

CerciOeiras e o Instituto da Imaculada – Professores Pedro Lopes e João Aleixo



Ilustração 21 - Sessão musical no CerciOeiras. (Lopes, P., 2015)



Ilustração 22 - Prof. João Aleixo do Inst. da Imaculada. (Ilustração nossa, 2015)

